

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE  
MARIA DOLORES DENSKI**

**TEMPOS, MEMÓRIAS:  
NARRATIVAS DA VIDA DE OTÍLIA DÉLCI CANELLA**

**Criciúma**

**2011**

**MARIA DOLORES DENSKI**

**TEMPOS, MEMÓRIAS:  
NARRATIVAS DA VIDA DE OTÍLIA DÉLCI CANELLA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação no Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientação: Prof. Dr. Celdon Fritzen.

**Criciúma**

**2011**

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO  
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

“Tempos, Memórias: Narrativas da Vida de Otilia Délici Canella”

Dissertação submetida ao programa de Pós-Graduação em Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM 27/5/2011:



Prof. Dr. Celdon Fritzen (Orientador – UFSC/UNESC)



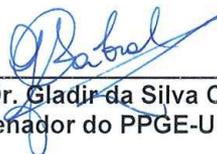
Prof. Dr. Paulo Rômulo De Oliveira Frota (Membro - UNESC)



Prof. Dr. Dorval do Nascimento (Membro - UFMA)



Prof. Dr. Carlos Renato Carola (Suplente – UNESC)



Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral  
Coordenador do PPGE-UNESC



Maria Dolores Denski  
Mestranda

Criciúma, SC, maio de 2011.

**FUCRI - FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE CRICIÚMA (MANTENEDORA)**

**MARIA DOLORES DENSKI**

**TEMPOS, MEMÓRIAS:  
NARRATIVAS DA VIDA DE OTÍLIA DÉLCI CANELLA**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Educação, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, de maio de 2011.

---

Prof. e orientador Celdon Fritzen, Dr.  
Universidade do Extremo Sul Catarinense

---

Prof. Paulo Rômulo de Oliveira Frota, Dr.  
Universidade do Extremo Sul Catarinense

---

Prof. Dorval do Nascimento, Dr.  
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho a minha filha **Marina**, razão primeira e última de todos os meus esforços, que na beleza da sua infância teve a sábia paciência de entender as ausências maternas

## **.AGRADECIMENTOS**

A realização desta dissertação não foi um trabalho solitário, apesar de algumas vezes assim me sentir. Mas olhando para trás, já com a sensação de dever cumprido, percebo que muitos contribuíram para que este esforço de pesquisa chegasse ao seu final. Não é possível nomear a todos os que de uma maneira ou de outra me conduziram até este momento, mas algumas pessoas não poderiam deixar de ser citadas. Assim, rendo agradecimentos:

À Deus, pelo dom da vida, por todos os talentos com que, em sua Santíssima sabedoria, me cumulou, e pela oportunidade de mais esta conquista.

A meus pais George Denski e Antônia Zanette Denski, porque desde as primeiras letras nunca mediram esforços para me permitir uma boa educação.

A Marina que trouxe para o meu viver a alegria da maternidade e que me permite experimentar um amor incondicional nunca antes vivido.

Ao professor Dr. Celdon Fritzen meu orientador querido que com muita paciência conduziu-me durante este árduo processo, muitas vezes contendo minhas exaltações, resistências e fantasias.

À professora Dra. Giani Rabelo pelo carinho e paciência com que contribuiu nas etapas da elaboração deste trabalho.

À professora Dra. Marli de Oliveira Costa, que leu meu trabalho e deu valiosas contribuições, meu muito obrigado.

Ao professor Dr. Paulo Rômulo de Oliveira Frota pelas grandes contribuições de metodologia científica da pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da UNESC, pelos ensinamentos, permitindo-me melhorar como pessoa e como professora.

À Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, instituição que possibilitou a realização de meu trabalho.

Ao FUMDES – 2009 - Art. 171 – Diretoria de Educação Superior do Estado de Santa Catarina pela concessão de Bolsa de Pós-graduação para a realização desta pesquisa.

A todos os meus colegas da turma de mestrado, parentes e amigos, em especial a Dra. Thais Ferla Guilhermano e às religiosas Maria de Lourdes Peruchi e Crichelida Nuernberg que compartilharam comigo a alegria de viver, estando ao meu

lado nos bons e maus momentos, a todos vocês que são muito importantes, muito obrigada.

“O passado não é aquilo que passa, é aquilo que  
fica do que passou.” Alceu de Amoroso Lima  
(Tristão de Athayde)

## RESUMO

A pesquisa em questão, na versão de Dissertação de Mestrado, está ligada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, na linha de pesquisa: Educação, Linguagem e Memória. Tem por objetivo investigar a trajetória profissional da professora Otília Délcia Canella, a partir de reflexões sobre sua trajetória formativa na prática profissional de professora das séries iniciais à professora universitária, na perspectiva de compreender seu processo de desenvolvimento profissional docente. Propõe-se, portanto, estudar como esta docente desenvolveu a sua profissionalidade. Para tanto, optou-se pela pesquisa qualitativa, com enfoque na história de vida, como apoio teórico-metodológico, buscando desenvolver a investigação a partir do olhar da prática pedagógica da professora Otília Délcia Canella. Trata-se de uma investigação em história de vida compreendendo e empreendendo discussões que se voltam para a sua configuração enquanto prática pedagógica e para o percurso epistemológico de fundamentação desta modalidade de pesquisa, baseando-se nos escritos Pineau (1988), Burke (1991), Nóvoa (1992), Benjamin (1994), Bosi (1994), Guiraldelli Júnior (2000), Silva (2000), Fritzen (2003), Hall (2003), Le Goff (2003), Mignot (2003), Vidal (2003), Santos (2004), Saviani (2004), Souza (2006), Rabelo (2008) entre outros. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados entrevistas. Ao longo de todo trabalho registraram-se experiências significativas da professora Otília Délcia Canella que a constituíram professora e que, tornando-se experiência coletiva, possibilitam a valorização de suas memórias. Os caminhos percorridos pela professora para chegar ao magistério superior foram diversos, revelando um processo individual e intimista, mostrando como esta professora buscou superar a ausência dos conhecimentos em sua formação inicial, através da conclusão do curso de Desenho Artístico na Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O estudo também mostrou como a professora procurou registrar suas memórias, após sua aposentadoria, com a organização, catalogação e preservação de todo o seu acervo particular, construindo um espaço, ao lado de sua residência, específico para este fim. São esses diferentes objetos que ajudam a ressignificar sua constituição enquanto sujeito vivo. Sabemos que a memória precisa desses suportes para ser evocada e podemos perceber que a professora encontra nesses suportes a materialidade de diferentes temporalidades, experiências e espaços. Com isso a professora também procurou registrar, reivindicar, propor, resistir, problematizar, enfim, a própria vida.

**Palavras-chaves:** História de vida. Formação docente. Práticas educativas.

## ABSTRACT

The research in question, in the version of the master's Thesis, is linked to the Postgraduate Program - Master in Education, Universidade do Extremo Sul Santa Catarina – UNESC, the line of research: Education, Language and Memory. It aims to investigate the career of Professor Otilia Delco Canella, from the reflections on her career in professional practice training of school teachers to university professor in order to understand the process of teacher professional development. It is proposed therefore to study how this has developed its teaching professionalism. To this end, we opted to qualitative research, focusing on the life history, and theoretical and methodological support, to developed support research from the standpoint of the practice teacher's Otilia Delco Canella. It is a life history research in understanding and embarking on the discussions that go back to your configuration as pedagogical and epistemological reasons the route of this type of research, based on the writings of Pineau (1988), Burke (1991), Nóvoa (1992), Benjamin (1994), Bosi (1994), Guiraldelli Júnior (2000), Silva (2000), Fritzen (2003), Hall (2003), Le Goff (2003), Mignot (2003), Vidal (2003), Santos (2004), Saviani (2004), Souza (2006), Rabelo (2008) among others. The research tools were used interviews. Throughout recorded work is meaningful experiences of teacher's Otilia Delco Canella that constituted the teacher and that, becoming a collective experience, allow for the recovery of their memories. The paths taken by the teacher to get to university teaching were different, revealing an intimate and personal process, showing how this teacher tried to overcome the lack of knowledge in their initial training through of the course of Artistic Design at the School of Arts at the University of Rio Grande do Sul (UFRGS). The study also showed how the teacher tried to record his memories after his retirement, with the organization, cataloging and preservation of all his private collection, building a space next to his home, specifically for this purpose. These are different objects that help to reframe its constitution as a living subject. We know that the memory needs of these media to be raised and we can see that the teacher meets the materiality of these supports of different time frames, experiences and spaces. With this also looked to the teacher, demand, propose, resisting, questioning, finally, life itself.

**Keywords:** Life history. Teacher training. Educational practices.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Luíza Nápoli Canella Mãe de Otília Délcí Canella.....	49
Figura 2 – Sentados: Avô materno de Otília Délcí Canella, Miguelli de Pirandello Nápoli, a esquerda sua esposa Otília Sauer Nápoli, e a direita Luiza Nápoli Canella. De Pé da esquerda para a direita: Luiz Nápoli, Felipe Nápoli, Arnaldo Nápoli, Leonedas Nápoli, Manfredo Nápoli. ....	50
Figura 3 – Mighelle Nápolli – avô materno de Otília Délcí Canella.....	50
Figura 4 – Família de Otília Délcí Canella em frente a sua residência em Meleiro por ocasião do aniversário de sua mãe, Luiza Napolli Canella em 1973. ....	51
Figura 5 – Otília Délcí Canella com seu irmão José Victor Canella e sua esposa Jussara Canella.....	52
Figura 6 – Casa de Comércio de Secos e Molhados: Irmãos Nápoli – Meleiro – SC de propriedade dos irmãos Nápoli e Francisco Canella esposo de Luiza Napoli Canella pais de Otília Délcí Canella. ....	53
Figura 7 – Otília Délcí Canella com seu vestido de 60 metros de babado, confeccionado por sua mãe Luiza Nápoli Canella e bordado por Rosa Pagani, por ocasião de um baile da primavera em Araranguá – SC nos anos 40 do séc. passado. ....	54
Figura 8 – Inês Tonelli Nápoli. Primeira professora de Meleiro – SC. ....	57
Figura 9 – Alunos da Escola Estadual de Meleiro onde a professora Otília Délcí Canella teve a sua primeira experiência com o magistério como auxiliar da professora Tereza Manfredini Accordi, no ano de 1942.....	63
Figura 10 – Professora Otília Délcí Canella com sua ex-aluna Antônia Zanette Denski em 16.06.2010. ....	69
Figura 11 – Professora Otília Délcí Canella mostrando seu museu para sua ex-aluna Antônia Zanette Denski em 16.06.2010.....	70
Figura 12 – Livro utilizado pela professora Otília Délcí Canella na Escola do Rio Cedro Baixo.....	71
Figura 13 – Alunos da Escola do Rio Cedro Baixo – Meleiro por ocasião de uma missa campal organizada pela professora Otília Délcí Canella.....	72
Figura 14 – Colégio São José de Mafra onde Otília Délcí Canella hospedou-se durante cinco anos, como pensionista .....	74
Figura 15 – Otília Délcí Canella por ocasião de sua formatura de normalista no	

Colégio Normal Barão de Antonina de Mafra – SC em 1953. ....	75
Figura 16 – Alunas de Ballet da professora Otília Délcí Canella. ....	76
Figura 17 – Professora Otília Délcí Canella no piano com uma turma de alunos da Escola São José – Rio Negro – PR. ....	76
Figura 18 – Otília Délcí Canella na sala de modelagem e escultura do curso de Desenho e Pintura UFRGS – Porto Alegre – RS, em 1958. ....	78
Figura 19 – Turma de Formandos do curso de Desenho - Licenciatura da UFRGS no ano de 1964. ....	79
Figura 20 – Otília Délcí Canella juntamente com sua mãe Luiza Nápoli Canella, seu irmão José Victor Canella e sua sobrinha Lílian Cristina Neis na UFRGS – Porto Alegre – quando de sua formatura no curso de Licenciatura em Desenho no ano de 1963. ....	79
Figura 21 – Homenagem de aniversário das alunas do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação à professora Otília Délcí Canella. ....	80
Figura 22 – Corpo docente do curso de CADES. Curso de aperfeiçoamento para professores de Educação Artística oferecido pela UFSC. ....	82
Figura 23 – Diploma concedido à professora Otília Delci Canella por ocasião dos 35 anos da UFSC. ....	84
Figura 25 – Residência da professora Otília Canella, localizada na Rua 07 de setembro em Meleiro – SC. ....	88
Figura 26 – Museu autobiográfico da professora Otília Délcí Canella, localizado ao lado de sua residência em Meleiro – SC. ....	89
Figura 27 – Pinturas de alunas da professora Otília Délcí Canella, do curso de Educação Artística da UDESC – 1973. ....	90
Figura 28 – Professora Otília Délcí Canella juntamente com a mestrande Maria Dolores Denski, lembrando suas experiências com o magistério através das fotografias que estão expostas no seu museu em 08.10.2010. ....	92
Figura 29 – Óleo sob tela - modelo lendo. Obra de Otília Délcí Canella. ....	93
Figura 30 – Otília Delci Canella em visita a exposição de artes plástica de diversos artistas de SC na Assembléia Legislativa – Florianópolis – SC. ....	93
Figura 31 – Professora Otília Délcí Canella em 08 de outubro de 2010. ....	94
Figura 32 – Maria Dolores Denski, aluna da 5ª série do ensino fundamental da Escola Básica "Ângelo Izé" - Forquilha – SC – no ano de 1978. ....	112
Figura 33 – Maria Dolores Denski em sua formatura do Ensino Fundamental na	

Escola Básica "Ângelo Izé" no ano de 1983.....	113
Figura 34 – Minha turma do 3º ano do curso de Magistério do Colégio São Bento - Criciúma - Ano de 1984. Sou a primeira da esquerda para a direita.....	114
Figura 35 – Turma de formandos do curso de Letras da UNESC do ano de 1989. Sou a quarta da esquerda para a direita. ....	115

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>21</b>
2.1 A HISTÓRIA DE VIDA COMO MÉTODO INVESTIGATIVO.....	21
2.2 HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS.....	25
2.4 O GÊNERO AUTOBIOGRÁFICO.....	28
2.5 A HISTÓRIA ORAL .....	32
2.6 A IMAGEM DO PASSADO E O CONCEITO DE MEMÓRIA.....	35
2.7 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA TRAJETÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA OTÍLIA DÉLCI CANELLA .....	40
<b>3 NARRATIVAS DE VIDA DA PROFESSORA OTÍLIA DÉLCI CANELLA</b> .....	<b>46</b>
3.1 MEMÓRIAS DA INFÂNCIA .....	46
3.2 LEMBRANÇAS DE SUA PRIMEIRA PROFESSORA E DA ESCOLA .....	56
3.3 O CURSO GINASIAL EM ARARANGUÁ – SC .....	62
3.4 SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA: A ESCOLA ISOLADA DO PIQUE DO RIO CEDRO DE BAIXO – MELEIRO – SC .....	64
3.5 O CURSO NORMAL NO COLÉGIO NORMAL BARÃO DE ANTONINA DE MAFRA – SC.....	73
3.6 O CURSO DE BELAS ARTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.....	77
3.7 A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA OTÍLIA DÉLCI CANELLA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.....	81
3.8 A CASA-ARTE COMO LOCAL DE MEMÓRIAS DA PROFESSORA OTÍLIA DÉLCI CANELLA .....	87
<b>4 CONCLUSÕES</b> .....	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>101</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>107</b>
<b>ANEXO A – Termo de consentimento</b> .....	<b>108</b>
<b>ANEXO B – Um olhar para a minha história de vida profissional</b> .....	<b>109</b>
<b>ANEXO C – Certidão de nascimento</b> .....	<b>118</b>
<b>ANEXO D – Justificativa ao Projeto de Lei n. 014/2007</b> .....	<b>119</b>
<b>ANEXO E – Grupo Escolar Castro Alves</b> .....	<b>120</b>
<b>ANEXO F – Declaração de Conclusão do Curso Normal</b> .....	<b>121</b>

<b>ANEXO G – Atestado de Boa Conduta .....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO H – Atestado que ministrou disciplina Educação Física.....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO I – Declaração conclusão Curso Ballet.....</b>	<b>124</b>
<b>ANEXO J – Reportagem do 2º Festival da Escola de Ballet .....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO K – Convite 2º Festival da Escola de Ballet.....</b>	<b>126</b>
<b>ANEXO K1 – Programa .....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO K2 – 1ª Parte.....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO K3 – 2ª Parte.....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXO L – Diploma Escola de Artes .....</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO M – Diploma Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS).....</b>	<b>131</b>
<b>ANEXO N – Instituto Estadual de Educação – Atestado.....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXO O – Secretaria da Educação – Atestado de tempo de serviço.....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO O1 – Estado de Santa Catarina – Decreto P/4.056/71/SEE .....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXO P – FESC – UDESC – Certidão de tempo de serviço .....</b>	<b>136</b>
<b>ANEXO Q – Fundação Educacional de Santa Catarina.....</b>	<b>137</b>
<b>Atestado de tempo de serviço .....</b>	<b>137</b>
<b>ANEXO R – Fundação Educacional de Santa Catarina – Portaria n. 17/80 .....</b>	<b>138</b>
<b>ANEXO S – Universidade Federal de Santa Catarina – Declaração.....</b>	<b>139</b>
<b>ANEXO T – Universidade Federal de Santa Catarina – Atestado de tempo de serviço Colégio de Aplicação – UFSC.....</b>	<b>140</b>
<b>ANEXO U – Apresentação de Exposição .....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO U1 – Apresentação de Exposição – Nildo Martins.....</b>	<b>143</b>
<b>ANEXO U2 – Apresentação de Exposição .....</b>	<b>144</b>
<b>ANEXO U3 – Apresentação de Exposição – Fotografia.....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO U4 – Apresentação de Exposição – Gelci.....</b>	<b>146</b>
<b>ANEXO U5 – Apresentação de Exposição – UFSC – CEB .....</b>	<b>147</b>
<b>Departamento de Artes.....</b>	<b>147</b>
<b>ANEXO U6 – Apresentação de Exposição .....</b>	<b>148</b>
<b>ANEXO U7 – Apresentação de Exposição – Susana Scoss Bianchini .....</b>	<b>149</b>
<b>ANEXO U8 – Apresentação 1ª Coletiva de Artes Plásticas .....</b>	<b>150</b>
<b>ANEXO U9 – Mostra de Arte Alunos da 1ª Fase de Artes e Comunicações.....</b>	<b>151</b>
<b>ANEXO V – Universidade Federal de Santa Catarina.....</b>	<b>152</b>
<b>Portarias de 18 de Setembro de 1991 .....</b>	<b>152</b>
<b>ANEXO X – Universidade Federal de Santa Catarina – Gabinete do Reitor.....</b>	<b>153</b>

<b>ANEXO W – Ofício ao Magnífico Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC .....</b>	<b>154</b>
<b>ANEXO Y – Declaração de participação como organizadora da exposição - A casa como museu de arte: relíquias da professora Otília Délcia Canella.....</b>	<b>155</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada: Tempos, memórias: narrativa da vida de Otília Délcia Canella está ligada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, na linha de pesquisa Educação, Linguagem e Memória e tem como objeto de estudo a história de vida profissional da professora Otília Délcia Canella, a partir de reflexões sobre a sua trajetória formativa na prática profissional, ou seja, situa sua vida profissional de professora das séries iniciais à professora universitária, observando que fatores da prática docente a motivaram a percorrer esse percurso. (ANEXO A)

O meu envolvimento com as histórias de vida profissional e pessoal da professora é em função de compreender a necessidade de dar vez e voz a professora para socializar suas experiências e conhecimentos, produzidos no dia-a-dia da sua profissão.

Essa preocupação com a trajetória profissional docente justifica-se por sua importância no contexto dos estudos sobre dimensões das práticas pedagógicas, assim como por sua relevância no sentido de melhor explicitar as necessidades formativas dos docentes.

A escolha deste tema de pesquisa foi influência de minha própria trajetória profissional, pois faço parte do grupo de pesquisa História e Memória da Educação da UNESC, onde realizo investigações sobre a história da educação no estado de Santa Catarina, e de minha mãe, Antônia Zanette Denski, que foi ex-aluna da professora Otília Délcia Canella, nos anos de 1946, 1947, 1948, na Escola da comunidade de Pique do Rio Cedro de Baixo – Meleiro, região sul do estado de Santa Catarina, onde cursou a 1ª, 2ª e 3ª série do ensino primário, hoje correspondente às primeiras séries do ensino fundamental.

No ano de 1942, os moradores daquela comunidade reuniram-se e construíram a Escola, sendo Otília Délcia Canella a primeira professora, pois possuía a categoria de Catedrática Interina. Trabalhou ali desde a fundação da escola até o final do ano de 1948. Em suas lembranças nos relata que as estradas eram péssimas, cheias de buracos e atoleiros e de difícil acesso e vinha trabalhar a cavalo. Os alunos tinham muita dificuldade de locomoção para estudar. A maioria deles morava muito distante da escola e tinham que vir à pé. Otília lembra que as famílias daquela região possuíam muitos filhos, razão pela qual o número de alunos

matriculados na escola era bem expressivo.

Em 1963, ocorreu uma grande enchente e o Rio Cedro transbordou, inundando a Escola Isolada do Rio Cedro de Baixo até as janelas, danificando muitos documentos. Atualmente, a Escola do Pique do Rio Cedro de Baixo está desativada, devido ao processo de nucleação e municipalização da educação que ocorreu em janeiro de 2001. Os alunos dessa Escola passaram a estudar na Escola de Educação Básica Municipal Alexandre Rocha, da comunidade de Boca do Pique – Meleiro - SC. Atualmente as dependências da Escola, servem de encontro para clube de mães, novenas e outras atividades da comunidade.

Ao conversar com minha mãe fiquei sabendo que Dona Délcia, (é assim que é chamada) agora aposentada, estava morando em Meleiro – SC. Então convidei minha mãe e fomos juntas entrevistá-la. Já haviam se passado 70 anos que Antônia Zanette Denski e Otília Délcia Canella não se encontravam. Chegando à sua residência, a emoção das duas foi muito forte. Lembro-me da fala de Dona Délcia: “Meu Deus! Lembro-me muito bem da Antônia Zanette. Ela era uma menina muito lindinha de olhos azuis! Seu pai era o Sr. Domingos Zanette! Como esse Senhor me ajudava na escola!”

Passamos uma tarde inteira na casa de Dona Délcia. Eram tantos assuntos, tantas histórias, tantas fotos, tantas memórias. Concordo com Santos (2004) quando afirma que todo conhecimento é autobiográfico, pois nunca se dá longe do pesquisador. Penso que podemos aferir esse princípio à docência: toda docência é autobiográfica, pois não se dá longe da pessoa, da vida do professor.

Nóvoa (1992) também nos lembra que o professor é a pessoa e que uma parte importante da pessoa é o professor. Na história de vida da professora Otília Délcia Canella, dos seus 88 anos de vida, 51 foram dedicados ao magistério. Pelas entrevistas e dados coletados da professora Otília Délcia Canella, posso afirmar que a sua vida se confunde com sua vida profissional. Inclusive ela mesma afirma em uma de suas memórias: "Nunca me casei, aliás, me casei com o magistério."

Esta relação com a profissão é tão forte na vida da professora Otília Délcia Canella que quando voltou de Florianópolis para residir em Meleiro, após sua aposentadoria, construiu um espaço, onde relata através de fotos, obras de artes, materiais de ex-alunos, toda sua história de vida profissional. Esse espaço, que ela intitulou de museu está localizado ao lado de sua casa. Sente-se muito orgulhosa ao mostrá-lo. Ali ela guarda imagens de todas as escolas que lecionou em sua vida de

professora, desde a primeira escola da localidade do Pique do Rio Cedro de Baixo, até as fotos do final de sua carreira como professora universitária, na Universidade Federal de Santa Catarina.

É importante considerar como a professora produziu saberes específicos relativos ao seu próprio trabalho e foi capaz de deliberar sobre suas próprias práticas. Foi capaz, ainda, de objetivar e inovar continuamente suas ações, no sentido de crescer no seu fazer profissional. Considero, assim, que a professora, em sua trajetória de formação e vivência em sala de aula, construiu e reconstruiu seus saberes, conforme a necessidade de utilização dos mesmos, conforme suas experiências, seus percursos formativos e profissionais. Compreende-se também que a professora reconstruiu igualmente os seus percursos profissionais para atender às exigências postas pelo contexto social, cultural e educacional da época em que estava atuando no magistério.

A escolha do gênero discursivo – narrativas (relatos de experiências) – teve por finalidade compreender que relações a professora estabeleceu com suas trajetórias de trabalho. Ao trabalhar com os relatos de experiência da professora, procurei registrar experiências significativas que a constituíram e que, tornando-se experiência coletiva, desenvolvem a valorização de suas próprias memórias.

Em face destas considerações, defini como questão/problema da investigação a seguinte indagação: Que fatores da prática profissional motivam a professora Otília Dérci Canella a investir no desenvolvimento de sua trajetória profissional?

Diante do exposto, estabeleci como objetivo geral deste estudo, traçar o perfil profissional da professora Otília Dérci Canella, narrando sua trajetória profissional, de professora primária à professora universitária.

Entende-se que há um parâmetro para compreender as trajetórias profissionais docentes, de forma mais ampla e sólida, desvelando suas histórias de vida e seus processos de formação de forma mais particular e suas convivências com aspectos do cotidiano escolar, ou seja, com práticas pedagógicas.

Os objetivos específicos da pesquisa são: conhecer os relatos de experiência da professora, tecidas ao longo dos episódios de trabalho na consecução da sua vida profissional, suas histórias de trabalho, abordando o processo de construção de conhecimento da professora, para compreender como foi realizada sua relação com a profissão do magistério e de que forma esta relação

influenciou suas práticas escolares.

Partindo dos objetivos deste estudo, elaborei as seguintes perguntas norteadoras desta pesquisa: Quais os momentos da trajetória profissional da professora que a motivaram para as mudanças em sua prática profissional? Que fatores provocaram mudanças qualitativas na trajetória profissional da professora? Quais os investimentos formativos da professora na perspectiva de consolidar a ressignificação de seu saber, de seu saber ser e de seu saber fazer? Que identidades foram construídas nas narrativas de experiências da professora? Que herança essa identidade deixou? Quais as consequências dessa identidade na vida profissional da professora? Como a imagem do passado se apresenta para a professora, ou seja, de que maneira o passado vivido é representado pela professora, quando comparado ao presente. Que imagem ex-alunos fazem da professora ao longo dos anos? De que maneira, nos relatos da professora se processa a construção da identidade do magistério? Quais os pressupostos históricos, sociais e culturais contidos nos relatos de experiência da professora? Como, ao longo da vivência na profissão, a professora foi retraduzindo sua trajetória profissional?

Sabe-se que a prática docente em toda a sua complexidade, requer do professor a mobilização de diferentes saberes. Saberes esses exigidos pela especificidade das diferentes exigências do ato de ensinar e pelo próprio exercício da prática docente, onde o professor envolve-se em uma diversidade de situações que exigem uma gama de saberes sobre o ensinar/aprender. Como a professora Dérci se mobilizou para construir esses diferentes saberes?

Para Tardif (2002), esses saberes são heterogêneos, contextualizados e envolvem aprendizados de natureza diversa (saberes da formação, saberes pessoais e saberes da experiência, dentre outros). Com este entendimento, refletir sobre a trajetória de vida profissional da professora Otília Dérci Canella, objeto do presente estudo, implica analisar como ela construiu esses diferentes saberes nas suas práticas pedagógicas a partir do seu próprio olhar, entendendo que a formação profissional da professora articulou-se às demandas sociais, econômicas e culturais de sua época.

Do ponto de vista metodológico, este estudo, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, numa abordagem biográfica, da professora Otília Dérci Canella.

É, portanto, com a intenção de proceder a uma leitura crítica da realidade dos processos formativos de professores que foquei o meu olhar na temática da trajetória profissional da professora Otilia Délici Canella.

Para isso, esta dissertação está organizada em dois capítulos voltados para a temática, mas cada um com suas próprias peculiaridades, na perspectiva de oferecer uma melhor compreensão e discussão deste objeto de estudo.

No primeiro capítulo, trabalhei os pressupostos teóricos da pesquisa, dando destaque para a história de vida como método investigativo, história de vida de professores, gênero autobiográfico, história oral, e memória e a construção de Identidade na trajetória de vida de professores.

O segundo capítulo contempla as narrativas de vida da professora Otilia Délici Canella, e algumas reflexões teóricas sobre a trajetória profissional e pessoal da vida da professora, através do diálogo com autores nacionais e internacionais como: Pineau (1988), Burke (1991), Nóvoa (1992), Benjamin (1994), Bosi (1994), Guiraldelli Júnior (2000), Silva (2000), Fritzen (2003), Hall (2003), Le Goff (2003), Mignot (2003), Vidal (2003), Santos (2004), Saviani (2004), Souza (2006), Rabelo (2008) entre outros, entendendo que o professor transforma-se na construção e reconstrução de sua história pessoal/profissional, na relação com a prática docente e na reconstrução de seu ser professor.

Nas reflexões finais, estão contempladas observações a respeito do estudo, realçando algumas constatações e possíveis contribuições para o processo formativo de professores. Nestas reflexões, pontuam-se diferentes aspectos que revelam mudanças significativas na prática profissional da interlocutora desta pesquisa. Ali, ressaltam-se aspectos da relação mantida com a interlocutora da pesquisa, destacando o processo da construção da sua profissão docente e a sabedoria que construiu no contexto da sala de aula, facilitando o processo de constituir-se professor de profissão. De modo especial, realça-se que a vida, a vivência no cotidiano da ação docente e a formação profissional vão sendo tecidas por cada professor em movimentos diferentes e peculiares, marcados pela construção/ desconstruções das concepções e das práticas vivenciadas no interior da profissão docente.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A HISTÓRIA DE VIDA COMO MÉTODO INVESTIGATIVO

Optei pela abordagem de história de vida, uma vez que investiguei a trajetória de vida profissional da professora Otília Dérci Canella, com destaque para seus percursos de desenvolvimento profissional, entendendo que muitas são as histórias de vida que precisam ser registradas e retomadas como fazendo parte da história da educação de nossa região. Outro aspecto que levei em consideração ao escolher este método investigativo foi pelo fato deste método investigativo ser alternativa capaz de resgatar a riqueza e a importância das histórias narradas por pessoas desconhecidas, devolvendo às mesmas o seu lugar fundamental de fazedoras da história, mediadas por suas palavras.

Acredito, assim como Nóvoa (apud SOUZA, 2006b) não ser possível trabalhar biografia dos outros sem um olhar para nosso próprio histórico, como pessoa e como educador(a), pois as histórias de vida trazem uma íntima relação entre interlocutor e pesquisador. Em uma pesquisa desta natureza “[...] cada participante procurará refletir sobre seu próprio processo de formação e tomar consciência das estratégias, dos espaços e dos momentos que para ele foram formadores ao longo de sua vida.” (NÓVOA, 1988, p. 11).

Este movimento de reflexão não é apenas dos sujeitos da pesquisa, mas também o é do investigador, que ao longo do trabalho de garimpagem das memórias, realiza uma autorreflexão e um resgate de sua própria história de formação e de desenvolvimento profissional.

Foi justamente por passar por esta experiência que concordo com a afirmação de Nóvoa (1988) acima citada, pois tenho constatado ao empreender o esforço investigativo desta pesquisa, que olhar para a História de Vida do outro também significa revisitar a nossa história, que está presente ao longo desta dissertação, mas sobre a qual, com maior cuidado, passo a discorrer agora. Por esta razão, tomei a liberdade de narrar na primeira pessoa do singular, pois revisei a minha história pessoal e profissional e busquei encontrar dentro dela os fatos que determinaram a minha escolha pela docência como carreira profissional. (ANEXO B).

No que se refere ao aporte teórico que de forma mais específica sustentou a metodologia desse trabalho tomei por base, os escritos de Pineau

(1988), Burke (1991), Nóvoa (1992), Benjamin (1994), Bosi (1994), Silva (2000), Fritzen (2003), Le Goff (2003), Santos (2004), Vidal (2003), Souza (2006), Saviani (2004), Hall (2003), Mignot (2003), Rabelo (2008), Guiraldelli Júnior (2000) entre outros, por conceberem essa modalidade de metodologia como um meio capaz de realizar a intersecção do individual com o social, permitindo que elementos do presente fundam-se a evocações passadas, provocando, desta forma uma reflexão sobre o passado que pode gerar mudanças.

O interesse autobiográfico das investigações, no campo da educação, dá ênfase a uma abordagem da formação, levando em consideração o ponto de vista do sujeito a ser investigado.

Nas ciências da Educação é uma concepção nova de fazer pesquisa e produzir conhecimentos, pois é uma metodologia de pesquisa que dispensa muita atenção e respeito aos processos formativos, respeitando a natureza processual da formação das pessoas. O método autobiográfico constitui uma abordagem que possibilita ir mais longe à investigação e na compreensão dos processos de formação, pois compreende e empreende discussões que se voltam tanto para sua configuração enquanto prática multidisciplinar e polissêmica, como enquanto percurso epistemológico de fundamentação dessa modalidade de pesquisa.

Com relação à gênese da História de vida como método investigativo, Moura (2009, p. 76-77) afirma que:

A origem da História de Vida como método de pesquisa remonta à Escola dos Annales, logo após a Primeira Guerra Mundial (BURKE, 1991), uma vez que, neste momento, o interesse dos historiadores começou a mudar de foco e novas formas de construção do saber histórico foram sendo valorizadas, incluindo neste rol, a autobiografia, levando em consideração não só o falar não mais dos detentores do poder, mas de todos os participantes dos acontecimentos, tornando, todos, atores principais de sua história e não apenas meros coadjuvantes.

Com relação às pesquisas realizadas no Brasil que trazem as histórias de vida e os estudos autobiográficos como metodologias de investigação científica na área da educação, Moura (2009) afirma que elas tiveram um grande avanço nos últimos quinze anos.

Quanto à nomenclatura correta a ser adotada nesta metodologia de trabalho, Moura (2009, p. 77) afirma que:

[...] ao tecerem uma análise sobre História de Vida e autobiografia, buscam dar precisão aos termos utilizados para nomear esta metodologia de trabalho, e que em razão de sua variedade, os autores constatarem que os empréstimos conceituais e as denominações utilizadas por vezes são dotadas de ambiguidade, ou de aproximações semânticas que a rigor, não poderiam ocorrer. Para exemplificar, destacamos algumas dessas nomenclaturas: [...] memória(s), lembranças, relatos de vida (récit de vie), depoimentos, biografias, biografias educativas, memória educativa, histórias de vida, história oral de vida, história oral temática, narrativas, narrativas memorialísticas, método biográfico, método autobiográfico, método psicobiográfico, perspectiva autobiográfica [...]. (BUENO et al, 2006, p. 388).

Temos como um dos maiores expoentes da história das mentalidades, Le Goff. Quanto às significativas contribuições de Le Goff, nesta área de conhecimento Moura (2009, p. 77) diz:

Le Goff é um dos principais expoentes da história das mentalidades e integrante da Escola dos Annales, e trouxe o entendimento que o presente não pode ser visto como um único instante. “[...] a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica.” (LE GOFF 2003, p. 207).

Desta maneira, para compreender o desenvolvimento da profissão da professora Otília Dérci Canella é necessário uma visita à sua História de Vida, aos acontecimentos que determinaram sua atuação no exercício da docência, pois seu presente também se estrutura a partir de uma série de instantes em que se localiza.

Para definirmos semanticamente o termo História de Vida que é utilizado ao longo desse trabalho, devemos considerar o enfoque na relação entre interlocutor e pesquisador. Com relação a este enfoque Moura (2009, p. 77) nos coloca que:

De acordo com Santamarina e Marinas (1995), as Histórias de Vida são narrativas elaboradas a partir da solicitação do pesquisador que, de uma maneira ou de outra, participa da construção das memórias na medida em que se relaciona com o interlocutor, e em contrapartida este produz o seu relato a partir da demanda do investigador. Seria esta a diferença entre História de Vida e relato (Auto) biográfico, uma vez que a produção memorialística do interlocutor dá-se a partir das necessidades investigativas do pesquisador. (ABRAHÃO, 2004).

Outro aspecto que deve-se levar em consideração é que o método autobiográfico atribui à subjetividade um valor de conhecimento, pois a ação humana é também subjetiva. O comportamento humano, ao contrário dos fenômenos naturais, não pode ser descrito e muito menos explicado com base nas

características exteriores e objetiváveis.

Nesse contexto, Santos (2004, p. 85) ressalta que:

[...] as nossas trajetórias de vida pessoal e coletivas (quando comunidade científica) e os valores, as crenças e os prejuízos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento, sem o qual as nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou os nossos trabalhos de campo constituiriam um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio. (SANTOS, 2004, p. 85)

Este saber suspeitado ou insuspeitado, não é registrado nos trabalhos científicos. Geralmente, a técnica utilizada para investigar em “História de Vida” é a entrevista semi-estruturada que se realiza com uma pessoa de relevo social. A entrevista aprofunda-se cada vez mais na “História de Vida” do sujeito. Deste tipo de pesquisa surgiu a ideia de denominar a pesquisa qualitativa de “Entrevista Aprofundada.” Porém, a entrevista não é a única técnica que se pode usar na “História de Vida.” Usada como único instrumento pode dar uma visão unilateral da pessoa, incompleta, ou falsa, devido a muitas razões. Algumas delas podem estar relacionadas com a capacidade de recordar do entrevistado, com sua “visão áurea” de determinados momentos de sua existência.

As pessoas que avançam muito na velhice, tendem a salientar melhor as coisas que ocorrem em sua juventude, em idade precoce, antes que os fenômenos da idade adulta tardia. Por isso, é realmente útil, para ter uma concepção mais fiel da “História de Vida”, revisar documentos, obras, realizar entrevistas com as pessoas vinculadas com o sujeito.

Para Nóvoa (1988) essa abordagem tem permitido uma escuta mais sensível das narrativas de professores sobre seus percursos formativos e suas experiências profissionais e de vida. O importante é que os pesquisadores que adotam a história de vida como abordagem investigativa acreditem e defendam seu uso na pesquisa sócio-educacional como uma alternativa capaz de resgatar a riqueza e a importância das histórias narradas por pessoas anônimo-desconhecidas, devolvendo às mesmas o seu lugar fundamental de fazedoras da história.

Para dar maior uniformidade ao estudo, adotei a orientação de Souza (2006a) e denominei de narrativa (auto) biográfica ou narrativa de formação a pesquisa em História de Vida que realizei, uma vez que busquei durante todo o percurso da pesquisa empreender uma análise das memórias e da história de vida

da professora Otília Délici Canella.

## 2.2 HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS

A importância de se conhecer as narrativas de história de vida da professora Otília Délici Canella, está no fato de que essas narrativas podem ajudar a melhor compreender a docência como profissão, pois é possível encontrar diversos elementos constitutivos tanto da identidade como dos saberes que guiaram as práticas docentes em diferentes contextos.

A escolha das Histórias de Vida como apoio técnico metodológico para realização dessa pesquisa fundamenta-se principalmente nas ideias de Nóvoa (1988, p. 116), para quem há um “[...] movimento actual que procura repensar as questões de formação, acentuando a ideia que “ninguém forma ninguém” e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida.”

Neste sentido, percebemos que ao relembrar os passos formativos dados em favor do seu desenvolvimento profissional docente, o professor, simultaneamente, está a refletir sobre seu ser docente, e este movimento de lembrança e de reflexão caracteriza-se como um valioso meio de formação, de percepção de muitos pontos a considerar no percurso de tornar-se professor.

Dentro das pesquisas educacionais, por muitos anos as vidas dos professores constituíram uma espécie de “paradigma perdido”. Atualmente sabemos, no entanto, que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional. O pessoal e o profissional fazem parte de uma totalidade: o eu. Todas as vivências de um professor, ao longo de sua trajetória profissional, estão contextualizadas historicamente, e fazem parte de seu tempo presente.

Esta não separação do eu pessoal, do eu profissional está muito presente nas narrativas da professora Otília Délici Canella, a qual procura, ao fazer uma contextualização histórica da sua trajetória profissional, explicar o seu presente:

Mas foi uma BELA VIDA! No meio de alunos alegres, jovens! Foi muito lindo! Crianças, adultos. É claro que eu sinto muitas saudades, porque viver, assim, entre alunos jovens, alegres que saíam no pátio da UFSC, um de Blumenau, outro de Joinville, outro de Mafra... Eu falava com todos. Era uma diversão para mim. Era uma coisa muito linda! Eu sempre digo: a minha vida foi bela! Eu não tenho nenhuma lembrança triste da minha vida no magistério. Quando passam os alunos aqui em Meleiro eu vou aí na rua pra ver! É isso aí! Pra lembrar o passado. (CANELLA, 2010).

O eu pessoal da professora Otília é fortemente marcado nas suas narrativas pela sua atuação como docente ao ponto de se confundir o processo geracional com o formativo: “Eu acho que há uma motivação na vida. Tanto para os que casam, como para os que não casam. Ter seus filhos, seus netos é uma motivação. Eu tive também, porque eu via uma formatura, depois a outra! É aquela coisa!”

Retomando Nóvoa (1992), este nos coloca a importância crescente que as “histórias de vida” têm adquirido nos estudos sobre os professores, a profissão docente e as práticas de ensino. Ele evoca as razões explicativas do interesse que as abordagens autobiográficas têm suscitado nos últimos anos nos círculos educacionais. Nóvoa (1992) afirma, também, que:

Ao longo das últimas décadas, os especialistas da educação têm-se esforçado por racionalizar o ensino, procurando controlar a priori os fatores aleatórios e imprevisíveis do ato educativo, expurgando o cotidiano pedagógico de todas as práticas, de todos os tempos, que não contribuem para o trabalho escolar propriamente dito.

Esses modelos racionalistas de ensino, segundo Nóvoa, constituíram a resposta possível face à expansão dos sistemas educativos na segunda metade do século XX. Tratou-se de uma resposta útil, mas simplista. Hoje sabemos que não é possível reduzir a vida escolar às dimensões racionais.

Nesse passo é que também é para Nóvoa (1992) importante considerar para a investigação educacional o trabalho com as memórias dos professores. Para o autor, o retorno ao sujeito não significa uma visão idealista, mas, ao contrário, a afirmação da subjetividade do conhecimento. A passagem de uma história das estruturas a uma história dos atores é um projeto essencialmente político, que coloca ênfase nas diferenças.

Nóvoa (1992) ao falar da crise de identidade dos professores assim se pronuncia:

A crise de identidade dos professores foi impondo uma separação entre o eu pessoal e o eu profissional e a transposição desta atitude do plano científico para o plano institucional contribuiu para intensificar o controle sobre os professores, favorecendo o seu processo de desprofissionalização. Os professores reduzidos às suas competências técnicas e profissionais, ameaçados por utopias que os pretendiam substituir por máquinas ou sistemas não humanos de educação, esvaziados de uma formação própria da dimensão pessoal da sua profissão, têm passado por momentos difíceis nos últimos vinte anos. (NÓVOA, 1992, p. 15).

Nóvoa ainda nos coloca que dois estudos recentes realizados por Ball e Goodson, em 1989, e Woods, em 1991, evocam o processo de afastamento da escola do centro do processo de reprodução social e cultural. Afirma que este afastamento é claramente demonstrado pelo fato das elites locais serem cada vez menos recrutadas com base em critérios escolares, diminuindo desse modo o prestígio dos professores.

Ball e Goodson (1989) e Woods (1991) (apud NÓVOA, 1992), referem-se aos anos 60 como um período onde os professores foram “ignorados”, parecendo não terem existência própria enquanto fator determinante da dinâmica educativa. Os autores afirmam que nos anos 70, os professores foram acusados de contribuírem para a reprodução das desigualdades sociais. Já a década de 80 foi vista como uma década onde se multiplicaram as instâncias de controle dos professores, em paralelo com o desenvolvimento de práticas institucionais de avaliação.

Nóvoa (1992) afirma que a partir da publicação, em 1984, do livro “O professor é uma pessoa”, de Ada Abraham, tomou-se consciência da evidência explosiva que ele encerrava. A partir dessa data muitas são as obras editadas com estudos relacionados à vida dos professores, às carreiras e os percursos profissionais, às biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores, colocando-os no centro das discussões e das problemáticas investigativas.

Nóvoa (1992) ao tentar responder de que forma a ação pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso de vida profissional de cada professor fala da adesão, da ação e da autoconsciência que sustentam o processo identitário dos professores. Adesão, porque ser professor implica sempre a adesão a princípios e a valores, a adoção de projetos, um investimento positivo nas potencialidades das crianças e dos jovens. Ação, porque na escolha das melhores maneiras de agir, se jogam decisões do foro profissional e do foro pessoal. Autoconsciência, porque em última análise, tudo se decide no processo de reflexão que o professor leva a cabo sobre a sua própria ação. É uma dimensão decisiva da profissão docente, na medida em que a mudança e a inovação pedagógica estão intimamente dependentes deste pensamento reflexivo.

Nesse contexto Nóvoa (1992, p. 16) afirma que:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Afirma que é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. (NOVOA, 1992, p.16).

A construção da identidade passa sempre, segundo Nóvoa (1992), por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional. É um processo que necessita de tempo. Um tempo de refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças. O processo identitário passa também pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa atividade, pelo sentimento de que controlamos o nosso trabalho. A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino. (NÓVOA, 1992).

Pelas narrativas de vida da professora Otília Délici Canella, posso afirmar que o processo identitário da professora Otília Délici Canella também foi construído através da apropriação de sua história pessoal e profissional e necessitou de tempo para fazer e refazer esta identidade.

## 2.4 O GÊNERO AUTOBIOGRÁFICO

Conhecer as vivências da professora Otília Délici Canella, ao longo de sua trajetória profissional, valorizá-las e contextualizá-las historicamente na perspectiva de construção do tempo presente, é construir o vivido na tentativa de esclarecer, em parte, como se deu a construção do seu trabalho docente e as motivações de sua vida.

Nóvoa (1992) considera o trabalho com as memórias dos professores de suma importância para a investigação educacional e afirma que o retorno ao sujeito não significa uma visão idealista, mas, ao contrário, a afirmação da subjetividade do conhecimento.

Fritzen (2003, p. 26) também busca enfatizar alguns aspectos da relação de aprendizagem que a experiência narrada do outro nos sugere. Neste sentido, cita os estudos de Jean-Philippe Miraux que: “[...] discutiu o valor de exemplaridade que

a autobiografia assumiria para aquele que escreve, já que, por ela intentar-se-ia fazer do episódico e individual uma lição que tivesse significado para todos os homens.” E afirma:

Se o escritor recolhe-se em sua intimidade para buscar reconstruir o sentido que atravessaria sua existência, seu intento não é meramente solipsista, mas também é uma tentativa de se devolver, pela escritura, aos homens a quem seu relato inevitavelmente se destina. (FRITZEN, 2003, p. 27).

Esta exemplaridade que a autobiografia assume pode ser constatada nos relatos dos acontecimentos de sala de aula que aparecem nas lembranças da professora Délcia, caracterizadas pelas dimensões da prática docente, retratadas no gênero de narrativa, mostrando-nos o modo como a professora articula os diversos aspectos relativos às experiências enquanto aluna das séries iniciais em Meleiro, quanto aos procedimentos da pedagogia da época, para com os alunos que escreviam com a mão esquerda.

Por que minha tia, que era minha professora, amarrava a minha mão, se eu gostava tanto dela? Ela era muito querida! Eu tinha loucura por ela e ela loucura por mim. Mas só que ela queria que eu escrevesse com a mão direita, se eu quisesse ser professora.

Outro aspecto sobre as autobiográficas de professores pode ser observado nos escritos de Mignot (2003) quando nos afirma que as autobiografias de professores anônimos que atuaram durante o processo de difusão do ideário da Escola Nova permitiram que o professor examinasse o significado de escrever sobre a própria vida, procurando compreender como as autobiógrafas traduzem em seus relatos modos particulares de interpretar o peso da instituição escolar nos seus processos de formação e também como buscaram transformá-la com suas práticas.

Mignot (2003) também ressalta em seus escritos a importância das memórias da infância das professoras. A autora supracitada (2003, p. 139-140) afirma que:

Ao se voltarem para a infância, as professoras autobiógrafas seguiram de certa forma as pegadas de um subgênero literário que segundo Eliane Zagury (1982) começou a ganhar força no país na década de 40, do século XX: as memórias da infância. Nele, memorialistas recuperam o universo social e emocional, deixando pistas para a compreensão da sociedade em uma época.

Embora esta pesquisa não se restrinja só as memórias da infância da professora Délcí, ela também focaliza o período mais remoto de sua vida, pois ela revive, por meio de algumas imagens fotográficas suas, um tempo desaparecido e o reconstrói, ora com as cores da nostalgia, ora com as cores da amargura, provocadas por determinadas práticas escolares que presenciou. Com relação a este aspecto ela assim se recorda:

O que é muito importante eu dizer é que eu era canhota. Eu escrevia com a mão esquerda. Ela [a professora] amarrava o lápis na minha mão direita, mas eu tirava o lápis e escrevia com a mão esquerda. Já viu com eu era perigosa? Quando ela descobriu, amarrou o meu braço, nas minhas costas. E mamãe dizia: se você não escrever com a mão direita, você não pode ser professora. Minha professora exigia que eu escrevesse com a mão direita, pois era exigência da pedagogia da época. (CANELLA, 2010).

Mignot (2003) também afirma que o relato de professoras sobre si mesmas não se esgota na rememoração do privado. A política e a política da educação, em particular, bem como o trabalho no magistério, constituem temas recorrentes. Elas refletem sobre as suas histórias individuais inseridas na história coletiva.

As histórias individuais de professora Délcí, estão claramente inseridas nas histórias coletivas. Isto pode ser observado nas suas narrativas, quando fala das práticas pedagógicas da época, por ocasião de ser obrigada a escrever com a mão direita. Com isso podemos inferir que as memórias que tecem a autobiografia da professora Délcí vão apontando para dimensões mais amplas do que o estritamente pessoal.

Com suas narrativas autobiográficas, a professora Délcí deixa um legado para as futuras gerações, pois, como outros memorialistas, pretende, por meio de anotações, fotografias, trabalhos de ex-alunos, elaborar uma nova representação de si e de sua história, armando o palco desse teatro do mundo, dessa encenação, fixando-a nos mínimos detalhes e pormenores.

Lacerda (2000) afirma que ao procurar atribuir sentidos aos fragmentos rememorados, busca-se “abraçar o passado”, ou “abarcando toda uma vida.” A narradora autobiográfica, para Lacerda (2000), descreve suas vivências particulares, na perspectiva do presente, apoiando-se em “formulas verbais para acomodar o passado, tanto para si quanto para o leitor”, num trabalho intenso, marcado pelas

limitações e possibilidades do uso da memória.

Percebe-se na discussão da autora o que outros autores que discutem memória colocam, ou seja: ao recordar, os narradores partem do tempo atual, dessa forma as lembranças são atualizadas a partir do presente; o passado assim representado forma parte do próprio texto.

Le Goff (1998) afirma que a biografia ou a autobiografia não é um relato cujo centro de interesse repouse exclusivamente das ações do “herói.” A ação narrativa do indivíduo não pode ser dissociada “ [...] de sua sociedade, de sua cultura, de seu contexto; pois não há oposição entre indivíduo e sociedade, mas uma permanente interação entre eles.” (1998, p. 261).

Nas narrativas da professora Délcia, quando ressalta a participação da comunidade na escola, através da participação ativa dos pais de alunos, pode-se observar que não há oposição entre indivíduo e sociedade, e sim uma interação entre eles. A esse respeito ela assim se pronuncia:

Na época em que trabalhava na escola do Rio Cedro de Baixo, não existia associação de pais e professores, mas nós criamos quase por necessidade. Lembro-me bem que o seu Domingos Zanette, um dos moradores da localidade e pai de Antônia Zanette, era muito prestativo e me ajudava muito. Também havia outros pais como o Sr. Antônio Carradore, os Scarpari, os Mota, o Sr. Esperandino Medeiros. Estes pais se reuniam e davam muita assistência para a escola.

Nesta narrativa é possível constatar as dificuldades do início da profissão em regiões afastadas, desprovidas de recursos.

É importante observar que tais possibilidades de interpretação advêm das especificidades da produção autobiográfica. Isso porque, ao construir uma narrativa autobiográfica, os sujeitos criam uma imagem de si próprios que constitui uma instância da realidade à sua maneira de representar a própria existência, sobretudo no tocante às escolhas efetuadas no decorrer da vida e aos valores que cultuaram em sua prática docente. Quando os sujeitos se voltam para o passado para produzir uma narrativa autobiográfica, eles não só sofrem a influência do distanciamento temporal que atua em todo processo memorialístico, apagando determinadas experiências e intensificando outras, mas também operam uma seleção, ao escolher os fatos considerados dignos de ser divulgados e ao privilegiar determinados aspectos em detrimento de outros, em busca de dar sentido ao relato da própria

vivência.

## 2.5 A HISTÓRIA ORAL

A moderna história oral nasceu em 1947, na Universidade de Columbia em Nova York. Allan Nevins organizou um arquivo e oficializou o termo, que passou a ser indicativo de uma nova postura em face das entrevistas. Isso se deu depois da Segunda Guerra Mundial, quando combinaram os avanços tecnológicos com a necessidade de propor formas de capacitação de experiências importantes como as vividas então por combatentes, familiares e vítimas dos conflitos.

Thomson (1997) afirma que na década de 70, a revitalização da História Oral na Inglaterra e na Austrália foi profundamente influenciada pelas críticas de historiadores tradicionais que trabalhavam com documentos textuais. Subjacente a essas críticas estava à preocupação de que a democratização do trabalho dos historiadores estaria sendo facilitada por grupos de História Oral, e o desdém pela evidente “discriminação” da História Oral em favor das mulheres, trabalhadores e comunidades minoritárias. O autor (1997) afirma que no final da década de 80, os historiadores orais ingleses e australianos eram cada vez mais influenciados pelas novas abordagens sobre reminiscências e subjetividades.

Thompson (1992) ressalta o valor que a oralidade exerce sobre as pessoas comuns e sobre um passado imediato e afirma que pode ser explorado pelas lembranças das pessoas. Segundo o autor, a reconquista da dignidade que esse método pode oferecer às pessoas, principalmente aos idosos, já que lhes propicia “um sentimento de pertencer a determinado lugar e à determinada época” (p. 44) ao fazer surgir o conhecimento histórico a partir do seu cotidiano.

Salienta ainda o autor (1997) que nos últimos anos, historiadores orais de vários países vêm desenvolvendo métodos de entrevistas analíticas que envolvem uma compreensão mais ampla das reminiscências, e que sugerem novas e interessantes maneiras de tirar o máximo proveito das memórias, em benefício da pesquisa histórica e sociológica.

No Brasil a história oral no Brasil tardou muito a se desenvolver em função de dois fatores primordiais: a falta de tradições institucionais não acadêmicas que se empenhassem em desenvolver projetos registrando as histórias locais e a ausência de vínculos universitários com os localismos e a cultura popular.

O despontar da história oral como opção de fonte de pesquisa no Brasil e o início das discussões sobre o avanço da história oral, suscetível de ser filtrada pela universidade é recente. Isso ocorreu apenas quando as fronteiras disciplinares perderam seus exclusivismos, já sob a luz do debate multidisciplinar.

O desdobramento do golpe militar de 1964, no Brasil, bem como em vários outros países da América Latina nos anos 60, coibiu projetos que gravassem experiências, opiniões ou depoimentos. Enquanto no resto do mundo proliferavam projetos de história oral, nós nos retraíamos, deixando para o futuro algo que seria inevitável. No fim dos anos 70 e depois da abertura política em 1983, museus, arquivos, grupos isolados e principalmente as universidades manifestaram interesse em promover debates em torno da história oral. Atualmente, há um notável avanço mantido inclusive em nível internacional, onde o Brasil passa a ter lugar cada vez mais destacado como promotor de trabalhos de história oral.

Errante (2000), da Ohio State University, afirma que recentemente, a pesquisa em ciências sociais tem dado mais atenção às intrincadas relações em biografia e história. Na pesquisa educacional, esse foco resultou numa explosão de interesse na narrativa pessoal como uma articulação da experiência individual e coletiva com os mundos social, político, cultural e da educação.

Esse interesse na narrativa pessoal deu, por consequência, proeminência ao trabalho em história oral. O crescimento da atração intuitiva das narrativas pessoais, no entanto, ganhou uma competência metodológica.

Nos últimos anos, pesquisas qualitativas têm demonstrado um interesse crescente na narrativa pessoal como uma articulação válida da experiência individual e coletiva com os mundos social, político e cultural da educação. Esse interesse na narrativa em primeira pessoa parece provir de nossas questões éticas e epistemológicas no que diz respeito à representação e à voz.

Sabemos que todas as narrativas sejam elas orais ou escritas, pessoais ou coletivas, oficiais ou não-oficiais, são “narrativas de identidades” (Anderson, 1991) tanto que elas são representações da realidade nas quais os narradores também comunicam como eles vêem a si mesmos e como eles são vistos pelos outros.

Errante (2000) ao referir-se às narrativas como forma de construção de identidades, coloca em outras palavras a importância do grupo que une os narradores, ou seja, ao falar de si, o narrador reporta muitas vezes aos grupos de

convívio, mostrando aspectos que ajudaram a construir sua identidade, como humano.

A professora Délici se reportou várias vezes a seu grupo identitário, colocando-se como parte desse grupo, com isso pôde reafirmar seu lugar no mundo, e teve oportunidade, ao narrar sua própria vida, de resgatar sua dignidade enquanto profissional e em quanto ser humano. E assim fala:

Quando conheci a desenhar e a criar eu dizia: MEU DEUS!! Quisera eu ser um pássaro para voar de escola em escola e dizer para as crianças não fazerem cópias e sim criarem os desenhos. Eu pensava assim! Olhar para a natureza e criar!

Somando o que eu lecionei aqui [Meleiro] no curso primário, mais o que eu lecionei em Mafra, tudo deu 31 (trinta e um anos). Depois fiquei mais 20 (vinte) anos na Universidade Federal de Santa Catarina. Aí eu me aposentei, mas com muito, muito com pesar.

Errante (2000) afirma que entre os pesquisadores educacionais defende-se mais o uso de narrativas como uma estratégia de pesquisa do que o detalhamento da discussão de métodos particulares para o engajamento no trabalho narrativo. Como outras narrativas orais e escritas, histórias orais são um “contexto no qual a identidade é praticada”. (FRIEDMAM, 1992).

Em contraste com as narrativas escritas, no entanto, nas histórias orais, o público para o qual o narrador direciona sua história é imediato e interativo. Na dinâmica das histórias coletivas e pessoais, emergem a voz e a identidade como o resultado da interação entre o historiador (o entrevistador) e o narrador (o informante). A prática de identidade na história oral, portanto, manifesta-se também em lembrar e contar que são eventos em si mesmos, não somente descrições de eventos.

A autora acima citada (2000) afirma também que há uma distinção entre a história oral e outros tipos de entrevistas ou narrativas orais, pois esta dinâmica é também e, principalmente, mediada pela natureza e pelo contexto de rememoração. Memória não é simplesmente um exercício de lembranças; há muitas formas de lembrar e diferentes razões por que nós queremos (ou não queremos) lembrar.

Rememorar para a autora é uma categoria de memória que quando nós pensamos sobre o passado e tentamos lembrar, por exemplo, o nome de nosso primeiro professor, nós tentamos descortinar o passado relembrado de uma forma mais completa e mais satisfatória. Nós estamos não conscientemente tentando mudá-lo, mas entender como era. Nós queremos acessar cenas que são reais no

passado para preservar essas coisas em nossa experiência presente.

Bueno et al. (2006) nos fala também da importância do uso da metodologia das histórias de vida e dos estudos autobiográficos para a área da educação. Pesquisas com esse foco receberam um impulso no Brasil nos últimos 15 anos e estão contribuindo para renovar as investigações acerca das trajetórias de vida de professores, trajetórias essas que podem abordar questões como profissão, profissionalização e identidade docente.

Montenegro (1993) nos coloca que nas suas pesquisas, embevecido pelas leituras de Walter Benjamin, desejava que o entrevistado descrevesse a cidade, suas ruas, casas, praças, monumentos, suas mudanças, assim como este fizera em *Infância em Berlim*.

Nesse sentido, chama-nos a atenção de que se deve estar atento para o fato de que o entrevistado não tem obrigação de preencher as lacunas, estabelecer elo nos fragmentos ou corresponder a projetos de pesquisadores ciosos de seu labor acadêmico. Montenegro (1993) diz que o respeito ao entrevistado supõe possibilitar que este desenvolva suas observações, análises, pontos de vista, sentindo-se livre da obrigação de atender a qualquer expectativa. Deve-se ainda observar que a memória é resultado da vivência individual e da forma como se processa a interiorização dos significados que constituem a rede de significações sociais.

A memória, segundo Montenegro (1993), possibilita resgatar as marcas de como foram vividos, sentidos, compreendidos determinados momentos, determinados acontecimentos; ou mesmo o que e como foi transmitido e registrado pela memória individual e ou coletiva.

## 2.6 A IMAGEM DO PASSADO E O CONCEITO DE MEMÓRIA

Uma das categorias para desenvolver este trabalho de pesquisa foi perceber como a imagem do passado se apresenta para a professora Otília Délcia Canella, ou seja, de que maneira o passado vivido é representado pela professora, quando comparado ao presente.

As imagens do passado, vividas pela professora Délcia, se apresentam qualitativamente como superiores ao presente. Nas suas narrativas, o passado é objetivado com o sentimento de nostalgia de uma época em que a harmonia era vivenciada de modo mais intenso nas relações sociais. O passado para a professora

Délci é visto com tempo de harmonia e perfeição, desprovido de problemas.

Sobre o conceito de memória Kenski (2001) nos mostra que a ideia que as pessoas normalmente fazem, quando se enuncia a palavra “memória”, é a de que nos referimos a algo vivido ou experienciado no passado e que retorna, como lembrança, no presente.

A autora ainda (2001) enfatiza a ideia de que a memória dos sujeitos também vem sendo encarada, por várias instâncias sociais e culturais, como o depósito e a fonte mais significativa da “verdade”, e capaz de definir os destinos individuais e coletivos dentro da sociedade. Já o estudo da memória, vem mostrar a amplitude e as singularidades deste conceito. Difícil de ser sintetizada de uma forma abrangente e única, a memória é diferenciada no sentido como é considerada e estudada em muitas áreas do conhecimento e em muitas épocas.

Na antiguidade grega, a memória já fascinava os filósofos pré-socráticos. Desde então, na Civilização Ocidental pelo menos, não houve um momento, uma época sequer, em que não existissem estudiosos das mais diversas áreas, e com os mais distintos interesses, que não se dedicassem ao tema.

Kenski (2001) ao falar sobre o conceito de memória preocupou-se em identificar como estudiosos de diversas áreas do conhecimento e em diversas épocas pensaram sobre memória, suas relações, interpenetrações e diferenças no tratamento do tema. A autora afirma que metodologicamente, orienta-se por uma perspectiva interdisciplinar e não dogmática para realizar as conexões entre os vários posicionamentos apresentados.

Busquei também nas leituras do livro *Memória e sociedade: lembranças dos velhos* de Bosi (1994) analisar o sentimento nostálgico do passado, constatado nas narrativas da professora Délci.

Bosi (1994) fala da marginalidade que o sistema capitalista causa aos idosos, à proporção que deixam de ser uma força produtiva. Diferentemente das sociedades primitivas, em que os velhos tinham um papel preponderante porque neles se conservava a tradição coletiva como também a experiência tornada admoestatória, nossa sociedade reserva-lhes a exclusão e desconsideração, pois os idosos não se enquadram nas engrenagens produtivas do sistema capitalista, as quais fazem das inovações tecnológicas e das reformulações de comportamento um fator constante no mundo ocidental.

O trabalho com as lembranças de “velhos” contribui para o resgate da

dignidade, pois o ato de lembrar, diz Bosi (1994) apoiada em Bérqson, é individual, é o indivíduo que narra, mas a memória também é coletiva, pois remete a um grupo de convívio, assim “o trabalho da memória” contribui para a afirmação de identidades.

Para tanto, ao trabalhar com as lembranças de “velhos” é necessário compreender algumas características da categoria memória. Seguem alguns pontos destacados do trabalho de Bosi (1994).

Nas lembranças “fica o que significa”, portanto, ao recordar realiza-se a seleção de experiência que por motivos diversos são atualizados quando a reportamos. Com todo nosso corpo a partir do presente, por isso o passado apresenta-se de forma não homogênea e afirma:

[...] trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. [...] A memória-hábito adquire-se pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. Ela é [...] um processo que se dá pelas exigências da socialização. Trata-se de um exercício que, retomado até a fixação, transforma-se em um hábito, em um serviço para a vida cotidiana. [...] A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural. [...] a lembrança pura quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória. [...] A imagem lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. (BOSI, 1994, p. 48-49).

Bosi (1994), ainda utiliza o conceito de lembranças puras do filósofo alemão Bérqson (1859-1941) que busca fugir aos esquemas mecanicistas que afirmam que a memória ocupa um lugar obscuro no cérebro. Nesse sentido, Bosi (1994, p. 51) assim se pronuncia:

Na tábua de valores de Bérqson, a memória pura, aquela que opera no sonho e na poesia, está situada no reino privilegiado do espírito livre, ao passo que a memória transformada em hábito, assim como a percepção “pura”, só voltada para ação iminente, Funcionam como limites redutores da vida psicológica. [...] Bérqson procura provar a espontaneidade e a liberdade da memória em oposição aos esquemas mecanicistas que a alojam em algum lugar escuro no cérebro.

Bosi (1994), ao falar do “trabalho da memória”, diz que enquanto lembram os idosos não estão descansando, mas efetuando o trabalho de “burilar”, pelo espírito, as lembranças, que se apresentam como brutas, e necessitam, como um

diamante, receber o burilamento efetuado pela memória, pois as pessoas idosas se interessam mais pelo tempo passado que os jovens ou os adultos. Talvez por esse motivo tenham mais condições de evocar reminiscência desse passado, do tempo em que foram crianças, jovens e adultos. A autora (1994) enfatiza ainda que na sociedade em que vivemos, a hipótese mais geral que podemos verificar é a de que o homem ativo, independente de sua idade, se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado.

Bosi (1994), ao citar Halbwachs, diz que o referido autor nos adverte do processo de “desfiguração” que o passado sofre ao ser remanejado pelas ideias e pelos ideais presentes do velho. A “pressão dos preconceitos” e as “preferências da sociedade dos velhos” podem modelar seu passado e, na verdade, recompor sua biografia individual ou grupal seguindo padrões e valores que, na linguagem corrente de hoje são chamados “ideológicos”.

Segundo Bosi (1994), a psicologia social só enfrentou diretamente o problema da memória em suas relações com o contexto no livro, hoje clássico, de Frederic Charles Bartlett, *Remembering*. A autora (1994) afirma que deve-se a Bartlett a utilização de um conceito-chave para conectar o processo cultural de um dado momento histórico ao trabalho de memória: o conceito de convencionalização. Convencionalização é o processo pelo qual imagens e ideias, recebidas de fora por certo grupo indígena, acabam assumindo uma forma de expressão ajustada às técnicas e convenções verbais já estabelecidas há longo tempo nesse grupo. Transpondo o conceito para a área psicossocial, Bartlett postula que a “matéria-prima” da recordação não aflora em estado puro na linguagem do falante que lembra; ela é tratada, às vezes estilizada, pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado.

Bosi (1994) afirma que Bartlett distingue a matéria da recordação (o que se lembra) e o modo da recordação (como se lembra). A matéria estaria condicionada basicamente pelo interesse social que o fato lembrado tem para o sujeito. Quanto ao modo, o problema complica-se, porque entrariam com variáveis importantes, alguns fatores tradicionalmente associados à psicologia da personalidade, como o temperamento e o caráter do sujeito que lembra.

Halbwachs, citado por Bosi (1994) como estudioso dos níveis sociais da

memória, prefere ater-se às relações vividas pelo sujeito (relações familiares, vicinais, profissionais, políticas, religiosas...) como suficientemente capazes de articular a atividade mnêmica e sua forma narrativa. Para Bosi (1994) o único modo correto de saber a forma predominante de memória de um dado indivíduo é levá-lo a fazer sua autobiografia. Nas palavras da autora (1994, p. 55):

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi" e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Para Bosi (1994) a memória não é sonho, é trabalho, pois o trabalho de refazer o passado implica utilizar as imagens que sobreviveram, as representações atualizadas no momento que recordam, enfim na utilização de mecanismos que necessitam concentração e exercícios mentais.

Bosi (1994) ao dissertar sobre memória e socialização afirma que a criança recebe do passado não só os dados da história escrita, mas também mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte da sua socialização. Sem estas pessoas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória.

Nesse sentido, Bosi (1994) apoiada nas teorias de Hegel (1770-1831), afirma que é o passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento. Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência.

## 2.7 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA TRAJETÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA OTÍLIA DÉLCI CANELLA

A construção da identidade por meio das trajetórias pessoais e profissionais da professora Otília Délcí Canella, avultam como instância significativa no contexto das discussões acerca da docência como profissão, pois pensar a formação docente hoje é urgente e necessário.

Neste sentido, procuro explicar, a partir da construção de alguns pesquisadores que discutem identidade e que embasam suas pesquisas em Estudos Culturais que o conceito de identidade passa pelos processos que envolvem o indivíduo, o grupo e a sociedade.

Woodward (2000) afirma que a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares e movimentos particulares. Podemos tentar reafirmar nossas identidades supostamente perdidas, buscando-as no passado, embora, ao fazê-la, possamos estar realmente produzindo novas identidades.

A reprodução desse passado, neste ponto, sugere, entretanto, um momento de crise e não, como se poderia pensar, que haja algo estabelecido e fixo na construção da identidade. Aquilo que parece ser simplesmente um argumento sobre o passado é a reafirmação de uma verdade histórica que pode nos dizer mais sobre a nova posição de sujeito.

A redescoberta do passado da professora Délcí é parte do processo de construção da sua identidade que também ocorreu no exato momento que realizei esta pesquisa, sobre suas memórias e que, ao que parece, é caracterizada por conflitos, contestações e uma possível crise. Percebi que ao buscar identificar a construção da identidade da professora Délcí, procurei determinar características que a definiram e o que a fazem diferente com relação a outros grupos e a outros indivíduos.

Segundo Silva (2000), a identidade se constrói por meio das relações e do discurso. Em seu artigo “Currículo e identidade social: territórios contestados”, nos fala das políticas de identidade, regimes de representação e currículos, e nos diz – e vemos que ele concorda com Foucault – que o discurso dá significado às coisas no mundo social, cria representações. E essa questão de representação, segundo ele, ocupa o principal lugar na política das identidades.

Buscando entender melhor o termo identidade, vemos que Silva (2000) aborda-a como sendo a construção da subjetividade do indivíduo, que está diretamente ligada ao seu currículo, portanto é formada no decorrer de sua “corrida”, de seu percurso. Então, durante a vida, segundo o autor, o indivíduo constrói sua identidade.

Ao responder à pergunta “O que somos?” Woodward (2000) diz que as identidades podem aparecer a partir do lugar de onde os indivíduos falam, isto é, a identidade de professora, pertence a um lugar produzido por sistema de representações que envolvem ícones, símbolos dessa profissão. No entanto, é importante salientar que esses significados apresentam relações de poder, ao determinarem quem pertence a esse ou aquele grupo, excluindo ou incluindo os indivíduos. Uma única pessoa apresenta várias identidades a partir de vários seguimentos de que participa se relaciona ou se identifica.

Woodward (2000) argumenta ainda que tanto as práticas de significação, quanto os sistemas simbólicos fazem parte dos sistemas de representação. Compreendidos como processos culturais, fornecem identidades e ao mesmo tempo representam aquilo que somos e afirma:

Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu – O que eu queria ser – Quem eu quero ser. (WOODWARD, 2000, p. 17).

Woodward (2000) também coloca que a identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas, ou seja: a identidade é marcada pela diferença e diz que ao examinarmos os sistemas de representação, é necessário analisar a relação entre cultura e significado. E Woodward (2000, p. 17) afirma:

Só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia sobre quais posições de sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior. [...] A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

Outro aspecto colocado por Woodward (2000) com relação a identidade é que para a autora a identidade é relacional, dependendo, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade, de uma identidade que ela não é que difere da identidade comparada. A identidade é, assim, marcada pela diferença. Essa marcação da diferença é um problema, pois envolve negação que qualquer similaridade entre dois grupos. A diferença é sustentada pela exclusão: se você é de um grupo, não pode ser de outro e vice-versa.

Outra constatação feita pela autora é de que a identidade é marcada por meio de símbolos. Existe associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa. Nesse contexto, podemos afirmar que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais.

Já Hall (2003) vai mais adiante quando afirma que essas representações atuam simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior e examina diferentes concepções de identidade cultural, procurando analisar o processo pelo qual se busca autenticar uma determinada identidade por meio da descoberta de um passado supostamente comum. O autor (2003) toma como seu ponto de partida a questão de quem e o que nós representamos quando falamos. Ele argumenta que o sujeito fala sempre a partir de uma posição histórica e cultural específica e afirma que há duas formas diferentes de se pensar a identidade cultural. A primeira forma é a que reflete a perspectiva na qual uma determinada comunidade busca recuperar a “verdade” sobre seu passado na “unicidade” de uma história e de uma cultura partilhadas que poderiam, então, ser representadas, por exemplo, em uma forma cultural como o filme, para reforçar e reafirmar a identidade que, ao reivindicá-la, a reconstrói e, além disso, transforma o passado. A segunda forma de pensar a identidade cultural é aquela que a vê como uma questão tanto de tornar-se quanto de ser.

Hall (2003) argumenta ainda em favor do reconhecimento da identidade, mas não de uma identidade que esteja fixada na rigidez da oposição binária, tal como as dicotomias “nós – eles.” Ele sugere que, embora seja construído por meio da diferença, o significado não é fixo, e utiliza, para explicar isso, o conceito de *différance* de Jacques Derrida que afirma que o significado é sempre definido ou adiado; ele não é completamente fixo ou completo, de forma que sempre existe algum deslizamento.

Para Rajagopalan (2002):

[...] de todas as identidades, a do indivíduo é a mais difícil de ser pensada diferentemente, isto é, como algo em constante processo de (re)construção, pois segundo o autor numa cultura marcadamente individualista como a nossa, a crença na própria individualidade é entendida, como a primeira garantia de sobrevivência.

O que os estudos culturais e pós-coloniais têm enfatizado é que o caráter performativo da constituição de identidade é algo inegável, sobretudo a partir do fim da Segunda Grande Guerra, quando a ordem mundial baseada em concepções historicistas e essencialistas das identidades nacional, étnica, linguística e assim por diante se revelou demasiadamente reducionista e míope. (RAJAGOPALAN, 2002).

Já Gondar (2002) afirma que a relação entre linguagem e identidade é de adequação: à identidade do conceito deve corresponder o sentido único da palavra que a expressa. Com relação à identidade, não há um “em si”, ou seja, não há uma identidade pronta e acabada, estabelecida a priori. A identidade aparece, ao contrário, como construída, ou melhor, em constante processo de construção e de reconstrução. E a construção da identidade se realiza a partir da linguagem. A linguagem é afirmada como constitutiva do humano.

Em consonância com a importância do discurso na construção de identidades, Votre (2002), diz que cada um de nós se constrói com matéria discursiva e nesse sentido, na nossa subjetividade e na nossa versão mais recôndita, somos “signos linguísticos”: temos evidência em favor de que “a realidade é em grande medida indiferente às descrições que dela fazemos e de que o eu humano é criado através da utilização de um vocabulário, em vez de adequada ou inadequadamente, se exprimir através deste.

Podemos concluir que não existe realidade fora da linguagem. Para Votre (2002) a realidade está dentro da linguagem. Ela é considerada um dos pilares constitutivos dos humanos, que se concebem como redes de crenças e desejos nomeados.

Neste sentido pode-se inferir que foi através de diferentes discursos estéticos, políticos, culturais enfim que a professora Délcí constrói sua identidade pessoal e profissional. A relevância de discutirmos a formação profissional da professora, seus investimentos pessoais no processo de desenvolvimento da sua trajetória profissional e na ressignificação de suas práticas pedagógicas, constituem-

se eixo teórico e prático importante para que se construam novas referências profissionais, na perspectiva de situar o ofício pedagógico como uma atividade profissionalizada.

As narrativas da trajetória de vida pessoal e profissional da Professora Otilia Délcia Canella, não são somente narrativas de experiências vividas, mas uma micro-relação social. Isso legitima nossa tentativa de fazer uma leitura da sociedade através de uma biografia, pois como bem salienta Santos (2004), as narrativas das trajetórias de vida profissional dos professores vêm-se colocando como uma entre tantas outras alternativas para formar o professor.

Assim ao narrar suas experiências de vida, a professora Délcia refez essas experiências por meio dos trabalhos de memória, avaliando o que adquiriu ao longo de suas trajetórias, compreendendo suas práticas profissionais e redefinindo, reorientando e principalmente, construindo novos sentidos para sua história e identidade. Aqui podemos fazer referência aos comentários de Nóvoa (1988) quando afirma:

[...] as histórias de vida e o método autobiográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões de formação, acentuando a ideia que “ninguém forma ninguém” e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida.

A reflexão sobre os percursos de vida é uma necessidade para todo e qualquer ser humano. Nesse sentido, todo profissional da educação também precisa ter clareza, desde o início de sua formação, de que detém, nas mãos, o processo de sua autoformação. Ele precisa ser consciente de que é, ele próprio, o primeiro responsável pelo seu desenvolvimento como pessoa e como profissional. Ele precisa ter consciência de que “a educação é do tamanho da vida”, como pontua Rodrigues (1986, p. 6), e que a formação é um processo que não termina com o fim de um curso, ele se dá na continuidade da vida e da troca de experiências.

As narrativas de vida da professora Otilia Délcia Canella nos levam a perceber que desde sua infância, recebeu muito incentivo de seus professores e da família para sua formação profissional. Também se observou pelos seus depoimentos que imagens conflitantes, socialmente idealizadas de professores, teriam marcante influência na sua profissão. A meu ver, isso se daria porque nas entrevistas que realizei com a professora Délcia, percebi que ela traz em seu discurso

uma formação discursiva, que contém em sua memória uma imagem idealizada do fazer docente, colocando nesse fazer a possibilidade de apresentar soluções para diferentes problemas sociais, uma vez que, historicamente, estipula-se para a educação a função de “salvadora da pátria.” Sob essa ótica, a docência representaria um lugar de prestígio social e, portanto, um lugar de poder.

Percebe-se também nas narrativas da professora, que dadas as condições de produção de seu dizer, a professora Délcil silencia sentidos que ressaltariam o real, no qual seu papel se insere, para se refugiar numa realidade imaginária, realidade mais condizente com as exigências sociais que a simbolizam.

### 3 NARRATIVAS DE VIDA DA PROFESSORA OTÍLIA DÉLCI CANELLA

#### 3.1 MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

Ao buscar experiências do “tempo de criança” nas narrativas da professora Délcí, procurei realçar suas experiências vividas no seu meio familiar e no contexto da escola e perceber como essas experiências foram influentes, para a sua escolha profissional, desmitificando a ideia de que a identidade profissional é construída tão somente nos cursos de formação.

As experiências pessoais e profissionais da professora Délcí nos falam de pessoas marcantes na sua vida, como sua mãe, seus professores, seu irmão músico, Victor José Canella e outros mais, por isso podemos concluir que a escolha da sua profissão não foi uma decisão que chegou, até a sua adolescência, fundamentada por motivos pessoais, peculiares de sua vida, mas levou consigo imagens, crenças, sentimentos, valores, saberes, sonhos, mitos, ritos, enfim elementos de interatividade social. Sua escolha, pois, levou consigo singularidades vividas em meio a plurais formas de estar no mundo, em seu mundo, no mundo coletivo. Através de sua voz, é possível compreender que a escolha da profissão docente, povoou o imaginário infantil e também foi condicionada pelas circunstâncias do contexto familiar.

A partir das entrevistas realizadas com a professora Otília Délcí Canella procurei dar visibilidade ao trabalho dessa professora protagonista de sua história, compreendendo como ela construiu saberes que fundamentaram sua identidade e sua prática docente. Percebi que a infinidade de lembranças, carregadas de significados, dos seus 51 anos de vida dedicados ao magistério é o que dá sentido a sua vida.

Nos encontros que tive com a professora procurei evocar de suas memórias questões referentes à família, à experiência escolar, às opções de lazer e cultura, às formas de sociabilidade, enfim, à memória da entrevistada. Construímos uma relação de interesse pelo discurso, pelas narrativas que casualmente sua memória resolveu lembrar e as circunstâncias permitiram proferir, uma relação de interesse pela história de vida da professora.

As experiências de vida da professora Délcí possibilitaram-me comparar o outro e o eu, e buscar algum aprendizado com a amplitude de uma vida de 88 anos.

Apesar da pouca dificuldade da narradora para lembrar tive dificuldades para fazê-la mencionar as memórias específicas que eu estava buscando. Eu queria que minha voz fosse minimamente ouvida durante o evento da história oral, e minha abordagem era fazer as mínimas perguntas possíveis que solicitassem a informação que eu estava procurando. Eu estava interessada em saber como a narradora organizou suas experiências profissionais, por isso, eu lhe permitia falar tanto quanto quisesse sobre algo que ela queria lembrar, mesmo quando isso não parecia particularmente relevante para o meu estudo. Às vezes, a narradora perdia-se em suas memórias.

Ela lembrava-se de poemas que aprendera na infância, canções que sua mãe cantava para ela e descrevia a paisagem de sua terra natal, Meleiro, com muita intensidade poética. Nesse momento, a narradora fazia-se vulnerável pela ampliação das memórias que eram importantes para ela. Essa abertura frequentemente tomava-a de surpresa. Ela dizia: “não posso acreditar que estou contando isso para você”, ou “é engraçado, eu não pensei sobre isso durante anos.” Invariavelmente, cada uma das memórias que pareciam estranhas aos objetivos imediatos enriquecia a compreensão dos contextos: familiar, social, cultural e educacional vivido pela narradora e que contribuíram para a construção da sua identidade.

Se a narradora vivia seus momentos de vulnerabilidade através dos quais ela contava e lembrava, eu também era frequentemente vulnerável, perguntando o que não seria capaz de conjecturar quando já estava familiarizada com o terreno. Embora eu tenha tomado notas, a vantagem disso só me ocorreu mais tarde. Eu descobri que, realmente, quando se tratava de esclarecer os fatos, a narradora raramente hesitava em dizer, “Não, não, não, você não compreendeu. Agora me escute e deixe-me explicar isso para você.” (CANELLA, 2010).

Eu não tinha jeito de esconder minha inexperiência, e eu senti que isso inspirava carinho na narradora para comigo. Isso constituiu um desafio para construir uma “ponte interpessoal” entre mim e a narradora, isto é, o vínculo emocional que liga as pessoas. Tal ponte envolve confiança e viabiliza experiências de vulnerabilidade e abertura.

Com cada memória íntima, pessoalmente importante, que a narradora me oferecia, ela revelava sua humanidade. Isso estabelecia ressonância com a minha própria humanidade. Eu parava de escutar o que eu podia extrair da narrativa e começava a ouvir a pessoa toda. Não há uma forma fácil para transformar isso em

metodologia, não é uma atitude que você pode fingir, mas o resultado é que a narradora sentia que ela tinha um público respeitador e apreciador. Ao mesmo tempo, minhas vulnerabilidades, minha inexperiência, minhas perguntas bobas, tudo revelava minha própria humanidade e desmistificava noções que a narradora podia ter tido sobre meu poder e posição como pesquisadora. Essa lição de humildade reforçou ainda mais para mim a importância de estabelecer o respeito mútuo e a confiança com a narradora.

A narradora muitas vezes escolhia o que ia rememorar e contar para mim. Ela também participava negociando o contexto da rememoração. Ela tinha ideia específica sobre o que constituía uma “entrevista” e meu estilo não-estruturado não era sempre congruente com o que ela acreditava serem histórias contadas e rememoradas. Frequentemente parava a entrevista para sugerir questões que ela achava que eu deveria fazer. A visão da narradora do meu papel como pesquisadora e do que constituía a “informação científica” também se tornaram relevantes em alguns momentos. Como pode ser confirmado nesta declaração: “Eu não sei se é isto que você quer saber.” (CANELLA, 2010).

Debrucei-me sobre o arquivo pessoal da professora Délcí, procurando entender a sua inserção e legitimação no debate educacional e político do seu tempo. Como nas figuras mutantes de um caleidoscópio, a estratégia que empreguei para analisar o arquivo veio me trazendo diversas imagens da professora Délcí: normalista, escolanovista, professora universitária, participante ativa em projetos voluntários de igrejas, entre outros, ela se mostrava nessa nova imagem em que se reacomodam os cristais, como uma jacobina radical ilustrada.

O que me interessava era recolher dados para que pudesse analisar as seguintes categorias: o modo como a imagem do passado se apresentava para a professora, ou seja, de que maneira o passado vivido era representado quando comparado ao presente e como foi construída sua identidade nos seus 51 anos de vida dedicados a carreira do magistério.

Também procurei evidenciar os saberes resultantes das experiências que ajudaram a professora a dar resposta aos problemas concretos com que se deparava no cotidiano da sala de aula, os quais, de alguma maneira, formaram e/ou transformaram a sua identidade.

Percebi que as narrativas das histórias de vida profissional de Otília Délcí Canella não são simples relatos de acontecimentos. O seu sentido é muito maior,

pois permite uma postura reflexiva, identificando fatos que foram realmente importantes para a própria formação da identidade dessa professora. Percebi, também, que a construção de uma história de vida profissional não se esgota em seu aspecto único e singular. Ela mantém uma relação profunda com os fatos e acontecimentos do coletivo e, por isso mesmo, encontra ressonância em outras histórias que perpassam e se tecem no social.

A professora Délcia inicia suas lembranças da infância recordando que seus pais tinham uma boa situação econômica. Dessa forma, ela contextualiza sua infância na concretude de certo lugar, em certo tempo.

Otília Délcia Canella nasceu no município de Meleiro – SC em 21 de agosto de 1923 (ANEXO C). É filha de Francisco Canella e de Luiza Nápoli Canella. Sua mãe era mais conhecida por Gigeta. Era assim chamada porque Gigeta, em italiano, significa pequenina Luiza. Segundo a professora Délcia, Luigi Pirandello, grande dramaturgo e escritor italiano era primo irmão de Miguele Nápoli, seu avô materno da professora Délcia. Relata que a casa onde ele morou na Itália, hoje é um museu. Ela afirma que Luigi Pirandello contribuiu muito para modificou a dramaturgia do teatro italiano.

Figura 1 – Luíza Nápoli Canella Mãe de Otília Délcia Canella.



Fonte: Acervo particular de Otília Délcia Canella.

Figura 2 – Sentados: Avô materno de Otília Délcí Canella, Miguelli de Pirandello Nápoli, a esquerda sua esposa Otília Sauer Nápoli, e a direita Luiza Nápoli Canella. De Pé da esquerda para a direita: Luiz Nápoli, Felipe Nápoli, Arnaldo Nápoli, Leonedas Nápoli, Manfredo Nápoli.



Fonte: Acervo particular de Otília Delci Canella.

Figura 3 – Mighelle Nápolli – avô materno de Otília Délcí Canella.



Fonte: Acervo particular de Otília Délcí Canella

A família de Otília Délcí Canella é de origem italiana, sendo que sua avó materna era de origem alemã, da família Sauer. Otília teve sete irmãos, sendo que três morreram ainda quando pequenos. Os irmãos que viveram a infância, adolescência

e parte da juventude com Otília foram: Aristides, Carolina, Victor José e Leonídia.

Figura 4 – Família de Otília Délcí Canella em frente a sua residência em Meleiro por ocasião do aniversário de sua mãe, Luiza Napolli Canella em 1973.



Fonte: Acervo particular de Otília Délcí Canella

Victor José, irmão da professora Délcí, segundo seus relatos, quando criança, já revelava talento para música. Aos cinco anos tocou uma valsa por ocasião de uma festa em Meleiro. Otília lembra que não conseguia nem segurar a gaita e só apareciam suas mãozinhas. Outra lembrança do irmão Victor José narrada por Otília foi que certo dia encontraram ele com uma medida de 15 quilos, no paiol de sua casa, tirando sons daquele objeto. Recorda que todos os objetos que pegava conseguia extrair sons. Após a conclusão dos estudos complementares em Araranguá – SC, ele ganhou de seu pai, um acordeom. Então começou a tocar em várias comunidades vizinhas de Meleiro com seu irmão Aristides, que também sabia tocar acordeom. Victor transferiu-se para Porto Alegre - RS, onde deu continuidade a sua profissão de músico.

Segundo a professora Otília ele tocava por todos os interiores do Rio Grande do Sul. Mais tarde passou a integrar o conjunto musical Norberto Baldoff de Porto Alegre – RS. Com este grupo musical, tocava por várias regiões do estado do Rio Grande do Sul, e também fora do estado. Chegou até a tocar em Ponta Del Leste na Argentina. Ganhou uma medalha como melhor instrumentista de Porto Alegre, eleito pelos seus fãs e pela imprensa jornalística local. Otília afirma que

Victor José também sabia tocar outros instrumentos.

A professora Otília Délcí Canella relembra estes fatos da vida do irmão com muito carinho e saudade, pois segundo ela, tinham muitas afinidades, tanto que os dois seguiram carreira artística: Victor na música e ela nas artes plásticas.

Figura 5 – Otília Délcí Canella com seu irmão José Victor Canella e sua esposa Jussara Canella.



Fonte: Acervo particular de Otília Délcí Canella.

Seus pais eram comerciantes e também responsáveis pelo correio e telégrafo de Meleiro-SC. Possuíam uma loja em Meleiro, onde seu pai era o gerente-proprietário. O nome do comércio era Irmãos Nápolli. Era uma sociedade de comércio de Secos e Molhados, junto com os seus tios por parte de mãe. A professora Délcí lembra que seu pai tinha uma caligrafia muito linda.

Figura 6 – Casa de Comércio de Secos e Molhados: Irmãos Nápoli – Meleiro – SC de propriedade dos irmãos Nápoli e Francisco Canella esposo de Luiza Napoli Canella pais de Otília Délcí Canella.



Fonte: Acervo particular de Otília Délcí Canella

A mãe de Otília Délcí Canella era costureira. Pelos vestidos que sua mãe confeccionou Otília a considera uma grande estilista. Afirma que os vestidos que hoje tem, quando olha nas páginas das revistas de moda e compara com as costuras de sua mãe, percebe que ela costurava muito bem. Lembra que os vestidos de noiva da redondeza era sua mãe que confeccionava. E afirma: “Fazia cada um lindo!”

Neste momento a professora Délcí recorda-se de um vestido que sua mãe fez com 60 metros de babado para ela ir a um baile de primavera em Araranguá – SC. Inclusive possui uma fotografia desse vestido que mandou ampliá-la e colocou num quadro que está fixado na parede de seu quarto.

Figura 7 – Otília Délcí Canella com seu vestido de 60 metros de babado, confeccionado por sua mãe Luiza Nápoli Canella e bordado por Rosa Pagani, por ocasião de um baile da primavera em Araranguá – SC nos anos 40 do séc. passado.



Fonte: Acervo particular de Otília Délcí Canella.

Ainda falando de sua mãe, a professora Délcí recorda que ela gostava muito de ler. Comprava muitos livros. Lembra-se que quando pequenos, enquanto desfiavam lã, sua mãe contava as histórias que havia lido. Com isso, ela começou a se interessar pelas histórias que se encontram nos livros, despertando o gosto pela leitura. Quando adulta, relata que comprou muitos livros. Então lembra que sua mãe a repreendia, perguntando-lhe porque gastava tanto com a compra de livros.

A infância, a família, o espaço doméstico, enfim, a esfera do privado ocupa grande parte das reminiscências da professora Délcí. O tom nostálgico recobre muitas vezes suas narrativas sobre esse tempo fugidio e distante. Os resíduos do período mais remoto da existência dessa professora aparecem muitas vezes como o melhor de sua vida. Refletindo, assim, de maneira deformada e incompleta sobre o passado.

Suas memórias sobre o passado detalham particularidades, atraindo o leitor para o “segredo de sua intimidade”. Isto pode ser comprovado quando relembrou os momentos mais significativos de sua infância e adolescência. “Os amigos de infância... lembro-me mais ou menos... Aos treze anos... (nesta época a professora Délcí relembra que conheceu seu primeiro amor, mas enfatiza que as mães foram contra o namoro dois). Depois disso, afirma que nunca mais namorou

com ninguém. Diz que teve vários pretendentes, mas sempre pensou que não era digno casar com uma pessoa, tendo o pensamento em outra. Para ela isso é como uma traição. Ela afirma que amou muito este namorado. Lembra-se que se encontraram apenas uma vez, depois que romperam o namoro, em um baile de primavera em Araranguá – SC. Lembra que ele havia bebido muito para poder falar com ela. Recorda-se que ele falou para ela seguir seu destino. E concluiu: “Ele fez o curso de Direito, tornou-se juiz. E eu segui a minha vida. Acho que os pais nunca devem intervir nas relações dos filhos. Neste caso nossas mães erraram muito!”.

Percebi que a professora Délcia não teve medo de revelar-se em sua intimidade, nesta narrativa de si. Aqui ela fala dos amores não autorizados socialmente. Lamento aqui a minha limitação para trabalhar a expressão autobiográfica dessa mulher, o que dificulta a reconstrução do emaranhado da sua vida, mesmo entendendo que a narrativa autobiográfica cumpre uma função terapêutica, ética e estética.

Vincent-Bufferault (1996, p. 35) afirma que:

[...] desde o século XIX, mulheres brasileiras que tiveram acesso à alfabetização tentaram refletir sobre a própria vida, rompendo o silêncio sobre o mundo. Famílias, professores e educadores estimularam a anotação dos acontecimentos mais importantes do dia, através de diários íntimos e troca de correspondências entre amigas, num projeto de educação dos sentimentos.

Nesse período, professoras escreviam romances e poemas, publicavam em jornais e revistas, participavam das campanhas abolicionistas e republicanas. Em prosa e verso, elas expressaram seus sonhos, reclamaram seus direitos, ingressaram em escolas, fundaram associações, assinaram manifestos. (TELLES, 1997).

Ao não ter medo de narrar suas intimidades amorosas, podemos perceber que a professora Délcia, manifesta sua defesa em favor das mulheres que como ela, não tiveram liberdade de escolher seus relacionamentos amorosos. Aqui, também podemos observar que ela tenta refletir sobre sua própria vida, rompendo o seu silêncio sobre o mundo, numa tentativa de reeducar seus sentimentos.

### 3.2 LEMBRANÇAS DE SUA PRIMEIRA PROFESSORA E DA ESCOLA

Otília Délici Canella estudou no tempo em que a professora Inês Tonelli Nápoli lecionava para as séries iniciais em Meleiro – SC, na década de 30 do século passado. Inês Tonelli Napoli era natural de Tubarão (Azambuja). Nasceu no dia 10 de maio de 1900, filha de Luiz Tonelli e Luiza Salvador Tonelli. Formou-se professora normalista na capital do estado aos 18 (dezoito) anos de idade. Ainda solteira, lecionou em São Martinho e Azambuja. Aos 20 de dezembro de 1919, casou-se, na cidade de Nova Veneza com Arnaldo Nápoli. Não teve filhos biológicos, porém o casal adotou 10 (dez) crianças. Foi a primeira professora de Nova Veneza no período de 1918 a 1920, nomeada pelo então governador Senhor Hercílio Luz.

Também foi a primeira funcionária pública de Meleiro. No dia 16 de maio de 1922, iniciou suas atividades no magistério em Meleiro, tendo sido a primeira professora da Cidade, permanecendo nesta função por 11 (onze) anos, contribuindo para a alfabetização e formação de muitos cidadãos de Meleiro. Os moradores mais antigos contam que os primeiros alunos tiveram aulas na Igrejinha de Meleiro, e por volta de 1925, com a organização da comunidade, foi construída a primeira escola, passando a se chamar “Escola Pública de Meleiro.”

No ano de 2007, por meio de uma justificativa ao projeto de Lei n. 014\2007, o prefeito municipal de Meleiro, naquela ocasião, Sr. Vitor Hugo Coral, alterou a nomenclatura da “Escola de Educação Básica Municipal de Meleiro” para “Escola de Educação Básica Inês Tonelli Napoli”, como forma de reconhecimento pelos grandes serviços prestados à educação pública do município por essa professora. (ANEXO D).

Figura 8 – Inês Tonelli Nápoli. Primeira professora de Meleiro – SC.



Fonte: Acervo particular de Otília Délcia Canella

A professora Otília Délcia Canella é, provavelmente, uma das alunas mais antiga da escola em vida. Por meio de suas lembranças, podemos alcançar um pouco da história de ser aluna entre os anos de 1930 a 1940. A professora Délcia lembra que havia alunos com mais idade, de 10 a 14 anos na primeira série.

Ao ser interrogada se lembra dos nomes de alguns dos seus colegas de aula daquela época, porém só consegue lembrar o sobrenome deles, que nos permite inferir que a descendência étnica predominante era a italiana. Com relação à descendência étnica dos alunos daquela época, a professora Délcia assim se pronuncia:

Lembro-me que havia alunos da família Stradiotto, Nápoli, Canella, Manfredini, Ostetto, Pirolla, Buzanello, Milioli, Milanez, Paghan, Bordignon, Conti, Vassoler, Ronchi, Mezzari e Rosso. Praticamente todas as crianças desse educandário eram filhas e filhas de imigrantes italianos, que falavam italiano em casa, mas na escola a professora ensinava em português.

Segundo Rabelo (2003), entre anos de 1920 a 1937, a idade de ir para a escola variava entre 08 a 13 anos, e era comum permanecerem na escola, no máximo, três anos. A autora cita dois fatores marcantes que implicaram no tempo de permanência dos alunos na escola naquela época. O primeiro está ligado ao fato de que a escola funcionava, até a terceira série, de forma multisseriada, ou seja, 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> séries juntas, sob a responsabilidade de uma professora; e o segundo estava ligado ao

trabalho na agricultura que envolvia toda a unidade familiar, o que implicava na contribuição das crianças.

A professora Otilia Délici Canella iniciou seus estudos, nessa época, na escola de Meleiro. Tinha seis anos de idade e concluiu as séries iniciais com 10 anos. Ao reviver as lembranças dessa época a entrevistada diz:

A história aqui em Meleiro era assim: havia uma Igreja de madeira antiga, que também funcionava como escola, naquela época. Era maravilhoso! Ao meio-dia a gente saía da escola e atravessava a ponte. Agora já desapareceu a ponte! (ponte sobre o Rio Manoel Alves). Buscavam-se goiabas do outro lado do rio, na hora do recreio. Era aquela coisa bem natural! O que eu mais gostava na escola era de desenho. Só que não davam muito desenho naquela época. Eu gostava muito de desenho! Estes quadros ali (apontando para os quadros na parede da sala de sua casa) eu fiz com treze anos. Eu comecei a estudar aqui no Meleiro mesmo. Eu tinha seis anos. Numa escola em que uma tia minha, Inês Tonelli Nápoli, lecionava. Ela era casada com Arnaldo Nápoli. Foi a primeira professora do Meleiro.

Rabelo (2003) salienta que temos que considerar que, nos anos 30, a realidade educacional brasileira era muito diferente da atual. Afirma que é somente na Constituição de 1934 que a gratuidade e a obrigatoriedade, em relação ao ensino primário, aparecem juntas pela primeira vez. Desde então, esses dois princípios, o da gratuidade e obrigatoriedade, sempre estiveram presentes em nossas Constituições. Enquanto direito, eles aparecem também pela primeira vez na Constituição, em seu artigo 149, estabelecendo que “a educação é um direito de todos.”

A autora acima citada (2003) afirma ainda que é nessa época que pela primeira vez a Constituição obriga o poder público a disponibilizar um investimento mínimo para a educação, pois em seu artigo 156, a Constituição preconiza que “a União e os Municípios aplicarão nunca menos de 10% e os Estados e o Distrito Federal nunca menos que 20% resultante dos impostos na manutenção e no desenvolvimento dos sistemas educativos.” (BRASIL, Constituição Brasileira de 1934).

Rabelo (2008b, p. 101-102) diz que:

[...] um dos mais fortes movimentos na área educacional, contribuindo de fato para que essas questões fossem incorporadas à Constituição de 1934, foi realizado pela Associação Brasileira de Educação – ABE, criada em 1924, e que torna público, em 1932, um documento que se tornou um marco na história da educação brasileira. Foi assim que o “Manifesto dos

Pioneiros da Educação Nova”, assinado por 26 intelectuais, defendeu, entre outras coisas, a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino.

A gratuidade extensiva a todas as instituições oficiais de educação é um princípio igualitário que torna a educação, em qualquer de seus graus, acessível não a uma minoria, por um privilégio econômico, memórias, objetos e arquitetura, mas a todos os cidadãos que tenham vontade e estejam em condições de recebê-la. Aliás, o Estado não pode tornar o ensino obrigatório, sem torná-lo gratuito. (O MANIFESTO dos pioneiros da educação nova, p. 6).

Em 1935, o quadro do ensino público em Santa Catarina configurava-se da seguinte forma: 108.811 alunos matriculados em escolas particulares e públicas (municipais e estaduais) e 1.340 professores, sendo 504 normalistas, 254 complementaristas e 582 professores em situação provisória. (FIORI, 1991, p. 122).

Das várias lembranças de sua primeira professora, a que mais ficou na memória da professora Délcí foi a atitude adotada pela referida docente com relação às crianças que escreviam com a mão esquerda. A respeito desse fato a entrevistada assim se pronuncia:

O que é muito importante eu dizer é que eu era canhota. Eu escrevia com a mão esquerda. Então a professora amarrava o lápis na minha mão direita, mas eu tirava o lápis e escrevia com a mão esquerda. Já viu com eu era perigosa? Quando ela descobriu, amarrô o meu braço nas minhas costas. E minha mãe dizia: se você não escrever com a mão direita, você não pode ser professora. Minha professora exigia que eu escrevesse com a mão direita, pois era exigência da pedagogia da época. Então nós tínhamos um paiol bem grande que tinha até quartos e outras coisas. Meu pai guardava muitas coisas no paiol além dos alimentos da família. Naquela época se comprava tudo em sacos de 60 kilos. Então, nesse local, havia saco de farinha, de açúcar, farinha de trigo, feijão... Era tudo assim! Lembro que eu me ajoelhava em frente aos arreios do cavalo de meu pai e rezava assim: Senhor! Faça com que eu escreva com a mão direita, porque eu quero ser professora. Eu tinha uns seis ou sete anos. Fazia isso escondida! Eu não dizia pra ninguém. Isso eu me lembro bem! Eu me vejo lá, direitinho.

A professora Délcí recorda-se que teve um grande complexo por causa desse episódio da sua infância, que repercutiu até na sua vida adulta. Quanto a isso afirma:

Eu já estava no curso de Belas Artes em Porto Alegre e passava a mão no rosto e dizia: Aí, meu Deus! Eu não estou sentindo o meu rosto! Então eu dizia: Meu Deus! Não é possível! Eu tenho que procurar um psiquiatra e falei isso para minha mãe e ela me disse: Mas você é tão inteligente, porque vai procurar um psiquiatra? Aí eu perguntei: Por que minha tia amarrava a minha mão, se eu gostava tanto dela? Ela era muito querida! Eu tinha loucura por ela e ela loucura por mim. Mas só que ela queria que eu escrevesse com a mão direita, se eu quisesse ser professora. Na época, a pedagogia condenava a prática de escrita com a mão esquerda. Minha mãe também pediu para o escrivão daqui de frente de casa. Ele tocava clarinete, era uma das pessoas mais douradas do lugar, mais inteligente. E ele me dava

conselho: Oh! Menina teimosa, porque você escreve com a mão esquerda! Sempre ele falava isso! A minha mãe que pedia para as pessoas me darem conselhos. Pedia pra um, pra outro. Mas olha! Mais tarde, eu entendi que a minha mãe me aconselhava para o meu bem e ele [Manoel Matos] também falava para o meu bem e a professora também me amarrava o braço, porque a pedagogia da época não aceitava que escrevêssemos com a mão esquerda. Então eu juntei uma coisa com a outra e disse: eu tenho que perdoar! O seu Manoel Matos já havia morrido e eu ainda sonhava com ele. Como a mente da gente é impressionante! E eu continuei escrevendo com a mão esquerda! Fui perseverante! E achei o que eu queria! Hoje eu escrevo com a mão esquerda! Eu era uma aluna assim! Não era obediente porque não escrevia com a outra mão.

Com relação a este episódio vivido pela professora Dérci em sua infância Vidal e Esteves (2003) salientam que realmente os que mais sofriam eram os canhotos. Essa situação, segundo as autoras foi facilitada com o surgimento da caneta BIC, nos anos 1960 que definitivamente tornava a escrita acessível aos canhotos, posto que podiam correr livremente a mão sobre a letra recém traçada sem borrá-la.

As autoras supracitadas (2003) enfatizam que entre os anos de 1910 e 1920, o debate acerca dos modelos caligráficos se deu sobre a inclinação da letra (vertical ou inclinada para a direita); entre os anos de 1920 e 1930, ampliou-se para uma discussão em torno de uma inclinação da letra também para a esquerda e sobre o talhe: em lugar de pressão, que compreendia o desenho de traços mais ou menos grossos com o apoio da mão sobre o papel: a tração, que significava o deslizamento do antebraço, sem apoio, levando a uma escrita mais leve e mais rápida. Tratava-se da caligrafia muscular.

Essa prescrição era inovadora uma vez que antecipava a utilização de um tipo caligráfico ainda praticamente desconhecido. A divulgação mais ampla desse modelo só se deu no final dos anos 1920 em São Paulo e nos anos 1930, no Rio de Janeiro, quando Ormindia Isabel Marques o aplicou no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, entre 1933 e 1936. Ormindia Marques acreditava que a escrita muscular era a mais próxima da escrita natural. Um destro ao escrever sem nenhum treino caligráfico tenderia a escrever com letras de tipo inclinado para a direita. Esse modelo possibilitava duas variações na escrita: a inclinada para a direita e a inclinada para a esquerda, sendo essa última de uso dos canhotos.

O mérito desse movimento consistiu, sem dúvida, no alargamento das prescrições de escrita para a criança canhota, pois aconselhava que nesse caso o papel fosse inclinado não para a esquerda, mas para a direita. A mão direita guiará o

papel, e o moverá quando o ajustamento da posição o exigir. Com essa indicação, o modelo dirigia a atenção para a escrita com a mão esquerda. Nos outros dois modelos caligráficos, a mão corria apoiada sobre o papel, borrando o que a pena ou a caneta tinteiro desenhasse, caso a criança usasse a mão esquerda. O fato de a caligrafia muscular prescrever o movimento apoiado nos músculos do antebraço e da mão não correr sobre o papel permitia o escritor canhoto escrever a tinta sem borrar.

As autoras afirmam ainda que mesmo sendo apresentado como a consolidação das práticas escolares de escrita pelo aval da ciência pedagógica e dos estudos fisiológicos e com o respaldo do discurso da *escola nova*, o modelo muscular teve vida breve na escola primária. As prescrições para seu uso desapareceram das leis, manuais pedagógicos e revistas educacionais nos anos 1960.

No entanto não desapareceu da memória da professora Délcia, que se recorda muito bem das consequências que teve na sua vida adulta, por ter sofrido repressão da professora e da mãe por escrever com a mão esquerda. E assim fala:

Eu fui valente! Por que eu era teimosa! Continuei escrevendo com a mão esquerda! Podia ter tido um desvio no olhar. Eu tenho uma prima que ficou com um desvio no olhar por causa disso! Então, depois que passou, já formada no curso de Belas Artes, eu perguntei: - mãe, a senhora pedia para o seu Manoel Matos dar conselho para eu escrever com a mão direita? E ela confirmou: - dava sim! Pedia pra um, pedia pra outro! Sabe porque eu perguntei pra minha mãe? Porque eu sonhava sempre com ele [Manoel Matos] olhando para mim sério, sabe assim, mal encarado? E eu ficava me questionando: mas porque eu sonho tanto com esse homem? Então minha mãe dizia: Porque eu pedia para ele lhe dar conselhos para você não escrever com a mão esquerda!

A professora Délcia estudou em Meleiro até terminar as séries iniciais, antigo primário. Lembra-se que o ensino era através de uma cartilha, o abc. Primeiro as letras, depois a junção das letras para formar o nome. E afirma: “Primeiro nós aprendíamos as letras, para depois fazer a junção e formar os nomes! Era assim naquela época (CANELLA, 2010).

Com relação aos castigos que recebia na escola, reforça que o maior para ela foi ser obrigada a escrever com a mão direita. E quanto às brincadeiras de criança lembra-se das brincadeiras de roda e corrida de bandeira. Lembra-se que corria muito e afirma: “Eu corria muito, muito. A brincadeira de bandeira era assim:

pegar a bandeira de um lado e levar para o outro. Então eu corria muito. Os outros tinham raiva por que eu corria muito.” (CANELLA, 2010).

### 3.3 O CURSO GINASIAL EM ARARANGUÁ – SC

A professora Otília Délcia Canella, após concluir o ensino primário em Meleiro, foi estudar em Araranguá, no Grupo Escolar “Castro Alves.” (ANEXO E). Com relação a esta época de sua vida ela afirma:

Lá em Araranguá, no Castro Alves, eu fiz o curso complementar. Eu fiz a quarta série e a formação para professor primário. Era de dois anos, mas naquele ano passou para três. Terminei o curso complementar com 15 anos. Eu desenhava muito. Então o professor Teodósio Maurício Vanderlei dizia-me: seu lugar é na escola de Belas Artes.

Em Araranguá, a professora Délcia morou com uma tia que possuía um hotel. Trabalhou muito no hotel, ajudando sua tia para poder estudar. Lembra-se que não foi nada fácil. A escola era próxima da casa de sua tia e ela ia com uma prima sua à escola. Lembra que era uma escola muito boa e conta que tinham diretores excelentes. Recorda-se que entravam na escola marchando e cantando. As salas de aula tinham carteiras duplas, mas individuais também. Não se recorda muito bem se usavam uniformes, mas acha que era azul e branco. O uso do uniforme não era tão exigido. Os alunos vinham como podiam, porque havia alunos muito pobres naquela época. No entanto, sabemos que o uniforme escolar representou e ainda representa um forte símbolo escolar.

Neppel (2000) nos fala que há dois aspectos que devem ser considerados na utilização do uniforme: o primeiro baseia-se na ideia de que padronizar as vestimentas torna todos democraticamente iguais, e o segundo que a utilização do uniforme apenas mascare as diferenças sociais. A autora afirma que neste segundo aspecto a segregação social estaria apenas sendo camuflada com o uso do uniforme escolar. E questiona: “É válido, ainda, questionar-se se, estando uniformizada, a criança e o adolescente sentem-se democraticamente iguais? Ou ainda, se o conhecimento a eles destinado adquire caráter democrático só pelo fato de estarem usando uniformes.”

Neppel (2000) salienta ainda que o uso de uniformes atribui ao aluno uma visibilidade que o identifica com a instituição, associa as individualidades,

coletivizando, tornando-os parte de um grupo específico. Neste sentido, afirma que o uniforme escolar adquire a característica de um dispositivo disciplinar que classifica e identifica os alunos como parte de um todo, e hierarquiza determinando seu lugar neste todo. Ainda quanto ao uso do uniforme Neppel afirma:

Sua utilização faz do usuário um ser observável e controlável por todos. Permite controle de entrada e saída do estudante no ambiente escolar; controla a ocupação de um determinado espaço e a utilização do tempo. O uniforme seleciona: identifica quem estuda, quem frequenta (sic) a escola e os diferencia dos que não estudam. Dependendo do grau de prestígio da instituição a que pertence, o uso do uniforme atribui um critério de visibilidade que confere prestígio. (NEPPEL, 2000, p 105).

Mas retornemos ao relato de nossa docente. Ao concluir o ginásio em Araranguá – SC, com 15 anos de idade, a professora Délcia voltou para casa de seus pais em Meleiro. Com 16 anos teve sua primeira experiência no magistério, atuando como auxiliar de ensino da professora Tereza Manfredini Accordi, por um período de seis meses.

Figura 9 – Alunos da Escola Estadual de Meleiro onde a professora Otília Délcia Canella teve a sua primeira experiência com o magistério como auxiliar da professora Tereza Manfredini Accordi, no ano de 1942.



Fonte: Acervo particular de Otília Délcia Canella.

A professora lembra-se que naquela época, quando lecionou como professora auxiliar, havia muitas crianças que frequentavam a escola em Meleiro

como pode ser constatado pela fotografia acima, por isso eram necessários os serviços de uma professora auxiliar.

### 3.4 SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA: A ESCOLA ISOLADA DO PIQUE DO RIO CEDRO DE BAIXO – MELEIRO – SC

A história de vida profissional da professora Otília Délcia Canela retrata o exercício do magistério num período de reformas educacionais, a partir de 1920, inspiradas no ideário da Escola Nova.

Mignot (2003) afirma que estas reformas educacionais resultaram na ampliação da rede escolar, na construção de espaço condizente com o objetivo de uma educação integral, na criação de uma legislação para o exercício profissional, na publicação de livros didáticos e de literatura infantil e na difusão de novos métodos de ensino.

A professora Otília Délcia Canela inicia sua carreira docente logo após a implantação das primeiras leis orgânicas do ensino. Essas leis orgânicas foram decretadas entre 1942 a 1946. Foi também chamada de Reforma Capanema, formadas por seis decretos-leis que ordenavam o ensino primário, secundário, industrial, comercial, normal e agrícola.

Ghiraldelli Junior (2000) avalia a Reforma Capanema como sendo uma reforma elitista e conservadora, e na visão dele só não incorporou todo o espírito da Carta de 37 porque vingou já nos anos de liberalização do regime, no final do Estado Novo. O autor afirma que essas Leis Orgânicas de Ensino tiveram início na gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde Pública, e se completaram em 1946. Afirma também que a última dessas reformas foi a do ensino primário, através de Decreto-lei n. 8.529 de janeiro de 1946, que organizou o ensino primário num curso de quatro anos complementado por mais um ano que deveria ser preparatório ao exame de admissão ao ginásio. Outro aspecto importante apontado por Guiraldelli Junior foi a forma como os estabelecimentos de ensino primário se organizavam. Dependendo do número de turmas as escolas eram assim denominadas: escolas isoladas, aquelas de uma turma; escolas reunidas, com até quatro turmas; grupo escolar, com mais de cinco turmas; e por fim, a escola supletiva.

Quanto ao currículo do ensino primário, Ghiraldelli Junior assim escreve:

O currículo do ensino primário, apesar de extenso e ao gosto da pedagogia Tradicional, abrigava a influência da Pedagogia Nova à medida que, ao lado das disciplinas Leitura e Linguagem Oral e Escrita; Iniciação à Matemática, Geografia, e História do Brasil, abrigou também disciplinas como conhecimentos Gerais Aplicados à Vida Social, A Educação para a Saúde e para o Trabalho; Desenho e Trabalhos Manuais; Canto Orfeônico e Educação Física. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2000, p. 86).

Após sua primeira experiência no magistério em Meleiro, a professora Otília Déci Canella foi nomeada para assumir o cargo de professora na Escola Estadual Desdobrada do Pique do Rio Cedro de Baixo, também pertencente ao município de Meleiro. Conta-nos que se viu obrigada a trabalhar montada em um cavalo, em estradas esburacadas. Fazia um trajeto de uns três quilômetros ou mais de mato, lado a lado. Quando chovia ela usava uma capa, calçava botas e ia do Meleiro até o Pique do Rio Cedro de Baixo para lecionar. Recorda-se que quando chegava à escola, os alunos eram tão queridos que formavam um círculo para recebê-la.

Convém aqui, discutir o significado desse tipo de narrativa acerca das agruras vividas no início da carreira da professora Délcí, no processo de constituição da memória do magistério, de vez que tal produção contribuiu para formar uma base comum de experiências e de referências às qualidades próprias ao trabalho dos professores e à sua trajetória profissional. Mais do que isso, a descrição das adversidades que marcaram a entrada na profissão da professora Délcí assumiu um caráter simbólico na sua história de vida de professora, tornando-se recorrente nos seus relatos construídos a esse respeito e instaurando, desse modo, uma espécie de “mitologia” acerca da profissão, que apareceu nas narrativas, como motivo de orgulho, pois exaltava o espírito de sacrifício e a capacidade de vencer os obstáculos em prol do bem-estar da coletividade.

Isso ocorreu nos anos de 1946, 47, 48, período pós 2ª Grande Guerra Mundial. A professora Délcí, nesse período, ainda ensinava cantos com letras referentes à 2ª Guerra Mundial. Recorda-se de algumas estrofes dos cantos: “Deus, salve a América... Não permita Deus que eu morra, sem que eu volte para lá. Sem que eu leve por divisa, este “V” que simboliza a vitória que virá...” (CANELLA, 2010). Recorda-se, ainda, que os alunos entravam marchando e cantando esses cantos.

Na Escola Isolada do Pique do Rio Cedro de Baixo, a professora Délcia permaneceu trabalhando por três anos. Conta-nos que gostava muito de trabalhar nessa escola, saindo dali com muito pesar. Contou-nos que começou a lecionar com apenas 10 alunos, pois a maioria deles trabalhava na agricultura com seus pais. Então tinha que esperar passar a época do plantio e da colheita. Mas no ano seguinte, já teve uma escola desdobrada com noventa alunos matriculados. Lecionava para o 1º ano em um período e o 2º e 3º em outro. Diz que foi maravilhoso, gostava demais, e se alegrava com tudo os que seus alunos produziam.

O Hino Nacional e o Hino à Bandeira também estão muito presentes nas memórias da professora Délcia. Ela lembra que o Hino era cantado todos os dias nos horários de entrada ou saída da escola. Recorda-se que quando chovia, eram obrigados a fechar as janelas que não tinham vidraças. Então ela acendia uma vela e mesmo com pouca luminosidade, aproveitava o tempo para ensinar os alunos a declamar os hinos pátrios. Com relação a essas lembranças ela fala: “Então eu ensinava: “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas...” e os alunos repetiram. “De um povo heróico retumbante...” Eu achava que o aluno ali estava, e eles tinham que aproveitar de qualquer jeito a aula (CANELLA, 2010).

Quanto a relevância dada aos hinos pátrios em sala de aula pela professora Délcia, Rabelo (2003) afirma que:

[...] isso nos remete para o processo desencadeado em nosso país, no momento da ascensão de Getúlio Vargas à Presidência da República, quando as instituições brasileiras desempenharam um forte papel no estímulo ao nacionalismo, proclamando intensamente a defesa dos interesses nacionais, principal mote dos discursos de Vargas.

Segundo Rabelo (2003, p. 17) as crianças e a juventude ocupavam um lugar especial nos pronunciamentos do Presidente e afirma: “para atingi-las, nada melhor do que privilegiar a escola como uma das principais instituições no processo de fortalecimento da nação brasileira, a fim de educar crianças e jovens para serem patriotas e defensores dos interesses nacionais.”

Para solucionar os problemas que surgiam na escola, a professora Délcia, juntamente com os pais dos alunos, criou uma espécie de associação de pais e professores. A este respeito ela assim se pronuncia:

Foi então que em uma das reuniões, na época não existia associação de pais e professores, mas nós criamos quase por necessidade. Lembro-me bem que o seu Domingos Zanette, um dos moradores da localidade e pai de Antônia Zanette, era muito prestativo e me ajudava muito. Também lembro-me de outros pais como o Sr. Antônio Carradore, os Scarpari, os Mota, o Sr. Esperandino Medeiros. Estes pais se reuniam e davam muita assistência para a escola.

Quanto às carteiras da escola, a professora Dérci lembra que elas eram inteiras. Cabiam uns dez alunos em cada uma. Então ela solicitou que os pais as cortassem. “Sabe, um empurrava pra cá, outro empurrava pra lá, então eu falei: temos que cortar as carteiras.” (CANELLA, 2010).

Michel Foucault (apud RABELO, 2008b, p. 104) “nos ajuda a compreender a dimensão disciplinadora da escola sobre o corpo dos alunos e as mudanças ocorridas com essa mobília. No início, eram semelhantes a bancos de igreja, nos quais vários alunos se sentavam durante as aulas; depois, passaram a ser individuais.” Ele afirma, a partir de seus estudos, que a escola, ao determinar:

[...] lugares individuais, tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. (FOUCAULT apud RABELO, 2008b, p. 108).

Rabelo (2008b) afirma que acomodar os alunos e alunas em carteiras individuais possibilita um maior controle por parte dos professores em relação ao comportamento dos alunos(as).

A preocupação com a postura corporal dos alunos (as) é outro aspecto enfatizado por Rabelo (2008b) quanto à mudança no design das carteiras escolares. A autora afirma que dentro de um processo de modernização da sociedade, a medicina influenciará de forma significativa os saberes pedagógicos. Salienta ainda que no início do século XX, nas salas de aula, carteiras importadas da Europa e dos Estados Unidos mantinham o corpo dos alunos na posição correta, prevenindo a escoliose, como era recomendado nos livros de higiene.

Os castigos corporais também são apresentados como dispositivos disciplinares por Rabelo (2008) e diz que Foucault, ao analisar a composição das forças para a disciplina do corpo na escola, apresenta uma das estratégias utilizadas na manutenção de determinada disciplina em sala de aula: o aluno deveria

“aprender o código dos sinais e atender automaticamente a cada um deles” e, ainda, o treinamento dos escolares deveria ser feito com “poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total que só seria interrompido por sinais – sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre [...]” (FOUCAULT apud RABELO, 2008b, p. 109).

Nessa escola, a professora Délcia além das atividades de sala de aula, também promovia atividades sociais como bailes, dos quais toda a comunidade participava. Lembra-se que tiravam todas as carteiras da sala de aula e faziam os bailes para arrecadar dinheiro e comprar materiais necessários para a escola. Naturalmente esse local não apresentava as mesmas características de uma sala de aula típica dos dias de hoje ou até daquele momento, mesmo que para isso fosse necessário se restringir à provisoriedade do espaço que servia de sala de aula e que, como num passe de mágica, transformava-se em um salão de baile.

Rabelo (2008b) nos afirma que:

Essa transformação nos faz pensar sobre os significados que damos aos lugares, ou sobre como eles se constroem a partir dos significados que damos a eles. Eles não são estáticos, mas se movem e se transformam, reconfiguram-se. Assim um lugar regrado pelas normas da escola moderna, como obediência, disciplina, castigo, mas também permeado por uma relação complexa de astúcia, burlas, transgressões, resistência a essas imposições, transformava-se em espaço de entretenimento, folia, brincadeiras, galanteios.

A professora Délcia gostou muito de rememorar esse período de sua vida e assim se pronunciou: “A gente sempre tinha uma animação. E os pais, então, ajudavam, mas ajudavam em tudo! Ali eu comecei com 1º ano, logo 2º ano e 3º ano. (CANELLA, 2010).

Antônia Zanette Denski, ex-aluna da professora Otilia Délcia Canella na Escola Estadual desdobrada do Pique do Rio Cedro de Baixo – Meleiro–SC, recorda-se que desde aquela época (1946, 1947, 1948), a professora Délcia tinha muito talento para música, dança e gostava de ensinar seus alunos através de cantos, de dança, de artes. Antonia recorda-se que a mãe da professora Délcia era uma costureira muito conceituada na região e fazia uns vestidos de papel crepom para as alunas apresentarem as danças e os cantos para os pais.

Ao lembrar-se desse episódio, Antonia rememora um dos cantos que a professora Délcia havia ensinado, naquela época e começa a cantar: “... *Se todos se*

*movem, bailemos, valsemos, os astros não param, giremos, giremos...*” e enfatiza com grande nostalgia: “E nós cantávamos, cantávamos... E os pais então, vibravam, pois nunca tinham visto nada semelhante. Pique do Rio Cedro Baixo era só mato e a maioria dos moradores daquele local não eram alfabetizados.

Ao falar das aulas ministradas pela professora Délcí recorda que ela tinha um grande carisma e sabia cativar não só os alunos, mas os pais dos alunos e afirma:

Ela tinha a iniciativa de tirar as carteiras do paiol, pois aquilo não era sala de aula, era uma casa, era um paiol e fazia os bailes, onde se divertiam as crianças e os pais, tinha que ser uma pessoa muito dinâmica como a professora Délcí para fazer todas essas coisas. E ela era mesmo muito dinâmica e tinha muito talento para as artes. (DENSKI, 2010).

Quanto à disciplina em sala de aula, Antonia Zanette Denski recorda-se que a professora Délcí tinha um bom controle da sala de aula. Com relação a isto, Antônio afirma: “Ela tinha muito controle da turma. Não precisava de castigos!”

Figura 10 – Professora Otília Délcí Canella com sua ex-aluna Antônio Zanette Denski em 16.06.2010.



Fonte: Acervo da autora, 2010.

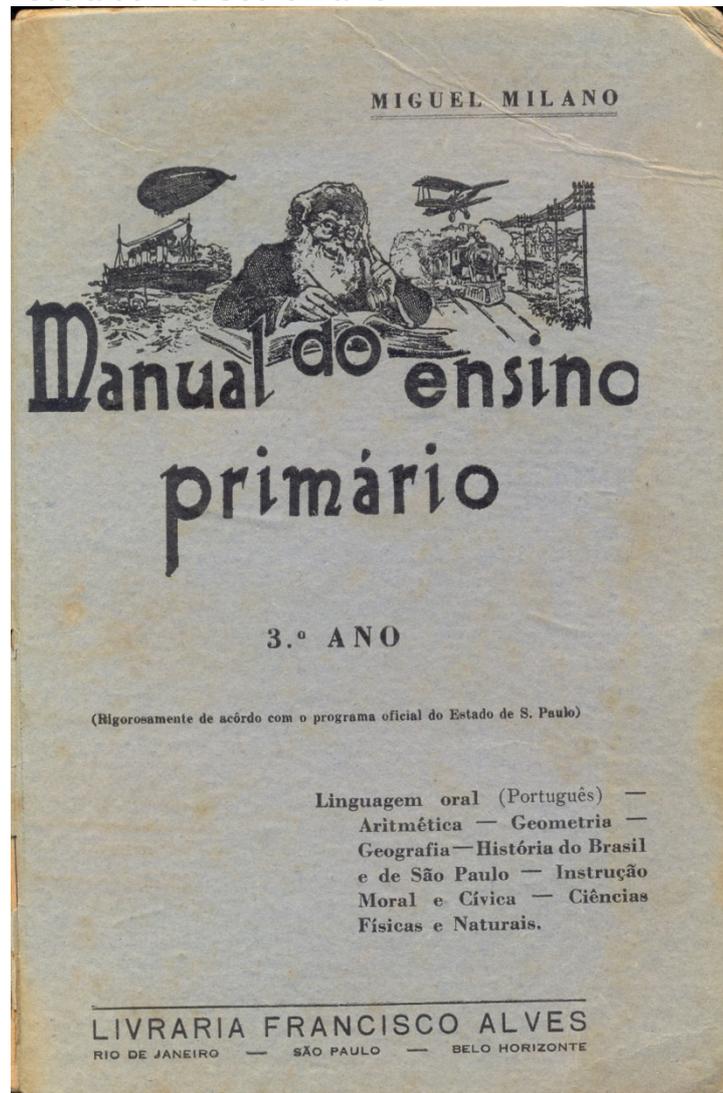
Figura 11 – Professora Otília Délcia Canella mostrando seu museu para sua ex-aluna Antônia Zanette Denski em 16.06.2010.



Fonte: Acervo da autora, 2010.

Encontrei nos objetos guardados da professora Délcia, o livro “Manual do ensino primário” de Miguel Milano, utilizado por ela na escola do Pique do Rio Cedro Baixo – Meleiro. Miguel Milano (1885-1975) além de escritor de livros didáticos, jornalista e historiador, também exerceu as profissões de professor primário, diretor e inspetor geral escolar. Dedicou-se ao escotismo, formando e dirigindo grupos de escoteiros nas escolas, tendo organizado missões e desfiles como líder escoteiro. Colaborou com vários jornais e revistas de sua época, deixando várias produções de livros, principalmente didáticos.

Figura 12 – Livro utilizado pela professora Otília Délci Canella na Escola do Rio Cedro Baixo



Fonte: Acervo da autora, 2011.

O que é importante observar com relação ao uso deste livro didático é o fato da professora Délci, nos anos 40 do século passado, ter acesso a esses materiais e utilizá-los em suas aulas, mesmo com os poucos recursos financeiros da escola, como pode ser observado pelo depoimento de sua ex-aluna, Antônia Zanette Denski, quando se recorda que as famílias passavam por muitas privações financeiras naquela época, o que gerava como consequência o fato de os alunos não possuíam materiais escolares necessários.

Antônia Zanette também afirma que era comum as crianças andarem descalças. Algumas caminhavam até três quilômetros a pé, sobre a geada que caía nas vegetações rasteiras, durante os invernos rigorosos, característicos da região. Sobre isso Antônia afirma: “Ter um calçado era um luxo! Apesar de que não

precisava ser muito pobre para não ter sapatos. Naquela época, era comum as crianças andarem descalças.”

Outra atividade social promovida pela professora Délcí, na comunidade da Escola do Rio Cedro de Baixo foi uma missa campal, conforme fotografia a seguir.

Figura 13 – Alunos da Escola do Rio Cedro Baixo – Meleiro por ocasião de uma missa campal organizada pela professora Otília Délcí Canella.



Fonte: Acervo particular de Otília Délcí Canella.

Um aspecto importante a ser observado é a forte relação que a professora Délcí tinha com a religião Católica Apostólica Romana. Aqui podemos observar as fortes marcas da religiosidade presente, tanto na identidade da professora Délcí, como também nos moradores daquela comunidade.

Durante todo o período monárquico brasileiro, conforme previsto na Constituição de 1824, esta religião era adotada pelo Império. Com a proclamação da República, em 1889, a nova constituição datada de 1891, desfaz oficialmente essa relação. No entanto, no cotidiano escolar, essa prática religiosa perpetuou-se no século seguinte, como pode ser observado pela fotografia e pelas memórias da professora Délcí. Percebe-se que os procedimentos do ensino religioso nas escolas mudaram muito, em meio à diversidade religiosa existente na atualidade.

Esta forte marca de religiosidade presente na identidade da professora Délcí, foi mantida ao longo de sua carreira, no magistério. Isso pode ser constatado

em suas narrativas, quando trabalhava na Universidade Federal de Santa Catarina. Como se não bastasse sua intensa carga horária semanal de trabalho no magistério, nos finais de semana, a professora participava de atividades desenvolvidas pela igreja católica, proferindo palestras com temas relacionados à espiritualidade. Sobre este assunto ela assim se expressa:

Aí a gente ia para Lages, Rio do Sul, Joinville... Eu não descansava nem nos finais de semana. Ali eu era voluntária! Mas eu gostava, porque quando conheci a desenhar e a criar eu dizia: MEU DEUS!! Quisera eu ser um pássaro para voar de escola em escola e dizer para as crianças não fazerem cópias e sim criarem os desenhos. Eu pensava assim! Olhar para a natureza e criar!

Seu trabalho como voluntária foi se propagando, até chegar aos ouvidos do Bispo de Florianópolis. Ela lembra-se desse fato e assim narra:

Uma vez o bispo Kriger de Florianópolis me mandou convidar para fazer um curso com eles, não sei como ele soube. Eu chegava na sala de aula, a aluna ficava chorando e eu ia lá saber o que estava acontecendo. Então falava, falava, orientava mesmo! A aluna dizia: eu tenho medo da minha mãe, eu tenho medo de contar. Eu dizia: - não, não é assim. A tua mãe é uma mulher maravilhosa! Você está estudando. Você tem mais futuro do que ela. Outra, sim: ganhou filho, ficou grávida. Queria abortar. Eu dizia: não, filha, não. Não faça isso! Eu fazia essas coisas também, sabe! Orientava. Teve uma mãe que disse: Dona Délcí, agora eu olho para minha filha e me lembro da senhora. Então olha, veja bem: sem querer a gente faz as coisas assim! Orienta! Muitas alunas queridas que a gente tem pena de não se encontrar mais, porque a gente está aqui no Meleiro isolada. Agora, o que vamos fazer. E a vida entre os colegas, sempre estive num ambiente de aprendizagem. Fala com um, fala com outro! Tudo isso é bom! E VIVA A VIDA!!

Pelo seu espírito de fraternidade e solidariedade pode-se concluir que a professora Délcí também fez crescer seu cuidado com as pessoas mais necessitadas. Aqui sua vida profissional se entrelaça com a sua vida pessoal.

Sua sensibilidade pela arte a fez preocupar-se não só com a educação formal das crianças, jovens e adultos que por ela passaram, mas com um ser humano com infinitas possibilidades de crescimento.

### 3.5 O CURSO NORMAL NO COLÉGIO NORMAL BARÃO DE ANTONINA DE MAFRA – SC

Para conseguir o diploma de normalista, Otília Délcí Canella foi morar em Mafra-SC. Recorda-se que a viagem de Meleiro à Mafra, naquela época, durava três

dias. Ela saía de Araranguá às 08 da manhã, pernoitava em Florianópolis, saía no dia seguinte de Florianópolis, pernoitava em Joinville e no terceiro dia chegava à Mafra. Não tinha asfalto e as estradas eram péssimas. E afirma: “Veja a vontade que a gente tinha de estudar! De melhorar!” (CANELLA, 2010).

Fez o curso normal no Colégio Normal Barão de Antonina de Mafra – SC onde concluiu no ano de 1953, obtendo a primeira colocação, conforme declaração, em anexo, do Diretor Nivaldo Lang. (ANEXO F).

Nesse período, a professora Délcia exerceu na cidade de Rio Negro as funções de professora de Educação Física e Educação Artística no Ginásio Dr. Caetano Munhoz da Rocha. Segundo atestado expedido pelo prefeito municipal de Rio Negro, Sr. Celso Antônio Henning, em 28 de dezembro de 1957, (ANEXO G) a professora Délcia, nos anos que conviveu em Rio Negro, demonstrou possuir ótimas aptidões como educadora dedicada e mereceu a amizade de todos que tiveram a felicidade de conhecê-la.

Em Rio Negro, hospedou-se no Colégio São José, da ordem das irmãs da divina providência, reforçando mais sua identidade religiosa.

Figura 14 – Colégio São José de Mafra onde Otília Délcia Canella hospedou-se durante cinco anos, como pensionista



Fonte: Acervo particular de Otília Délcia Canella.

Figura 15 – Otília Délcí Canella por ocasião de sua formatura de normalista no Colégio Normal Barão de Antonina de Mafra – SC em 1953.



Fonte: Acervo particular de Otília Délcí Canella.

A professora Otília Délcí Canella também lecionou em Rio Negro, no Colégio Caetano Munhoz da Rocha como professora de Educação Física. (ANEXO H). Como o salário de professora era insuficiente, ela começou a ministrar aulas de Ballet na Escola de Ballet de Rio Negro e Mafra, permanecendo nesta atividade por quatro anos.

Para desenvolver as aulas de Ballet teve aulas com uma bailarina russa e uma pianista. Resolveu aprimorar-se mais em Ballet e para isso, fez um curso de Ballet em Curitiba – PR, na Escola de Ballet da Sociedade Thalia. (ANEXO I).

Durante quatro anos, ela ia todas as sextas-feiras para Curitiba, onde frequentou o curso de Ballet. Sentiu a necessidade de se aperfeiçoar, pois fazia as apresentações de danças na escola e as pessoas queriam que ela as ensinasse. E se pronuncia: “E quatro anos eu fiz esta escola e transmitia para as alunas no Rio Negro. Foi Assim! Foi pesado! Mas eu gostava. Era arte! Era Arte!” (CANELLA, 2010).

Quando saiu de Rio Negro, a professora Délcí lembra-se que tinha 60 alunas nas aulas de Ballet. Organizou dois grandes Festivais da Escola de Ballet de Rio Negro – Mafra nos anos de 1956 e 1957 (ANEXO J). Os festivais de Ballet organizados pela professora Délcí tinham uma grande repercussão na mídia

jornalística da época. O jornal de circulação de Rio Negro assim se pronunciou na época: “Levado a efeito com raro brilhantismo pela professora Srta Otília Délici Nápoli Canella, o 2º Festival da Escola de Ballet, realizado no Cine Negro, nos dias 19 e 20 do corrente (ano de 1957), revestiu-se de pleno êxito, proporcionando-nos duas noites de arte e beleza. As alunas da Escola de Ballet de Rio Negro e Mafra fizeram realmente jus aos aplausos que receberam da seleta assistência que superlotou as dependências do Cine Rio Negro, tendo mesmo de bisar alguns dos números executados.” (ANEXOS K, K1, K2, K3).

Figura 16 – Alunas de Ballet da professora Otília Délici Canella.



Fonte: Acervo particular de Otília Délici Canella.

Figura 17 – Professora Otília Délici Canella no piano com uma turma de alunos da Escola São José – Rio Negro – PR.



Fonte: Acervo particular de Otília Délici Canella.

### 3.6 O CURSO DE BELAS ARTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Pelas narrativas de vida da professora Otília Délcia Canella, o sonho de um dia frequentar o curso de Belas Artes sempre esteve presente na sua vida. Desde as séries iniciais, recorda-se que gostava de desenho. Também quando foi para o Colégio “Castro Alves”, de Araranguá – SC, cursar a 4ª série e os dois anos de formação para lecionar, foi muito incentivada a buscar aperfeiçoamentos na área das artes. Pelos seus relatos, posso inferir que o maior sonho da professora Délcia era um dia fazer o curso de Belas Artes. Ela fala do curso de Belas Artes com muito orgulho:

O meu objetivo era chegar um dia na escola de Belas Artes. E cheguei!! Eu tinha professores que diziam, (Teodozio, Maurício, Vanderlei) - Seu lugar é na escola de Belas Artes! E tinha o Jânio Marchette, também. Você deve ir para a escola de Belas Artes. Eles me deram muito estímulo! Como os professores tem um grande poder de incentivar seus alunos!!! Eu me realizei plenamente com a formatura na escola de Belas Artes, pois era o meu sonho fazer Belas Artes.

Para realizar este sonho ela saiu de Mafra e foi para a Secretaria Estadual de Educação em Florianópolis solicitar uma designação para realizar o curso de Belas Artes. O governador do Estado, naquele tempo, era Jorge Lacerda. Ela sabia que Jorge Lacerda gostava muito de Arte. Então, ao chegar à Secretaria Estadual de Educação, lembra que assim se pronunciou:

Ou os senhores me dão uma designação para eu cursar Belas Artes ou eu desisto do magistério. Porque eu saí de Mafra com pouco dinheiro, não me lembro bem quanto era. Mas eles se admiravam. Daí então me lembro que o senhor Elpídio Barbosa dizia assim: vai fazer Belas Artes! E foi assim que eu consegui. Fiquei seis anos em Porto Alegre – RS, fazendo o curso de Belas Artes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fui muito bem no curso de Belas Artes.

Pelos depoimentos feitos pela professora Délcia, podemos deduzir que sua liberação dada pela Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina para a realização do curso Superior de Desenho na UFRGS, se deu menos por uma política institucional que por uma reivindicação e luta da própria professora, em realizar um sonho que a perseguia desde a adolescência, quando frequentava o curso ginásial na Escola “Castro Alves” de Araranguá – SC. Ali ela relata que recebia incentivo de

seus professores para fazer o curso de Belas Artes e afirma: “Terminei o curso complementar com 15 anos. Eu desenhava muito. Então o professor Teodósio Maurício Vanderlei dizia-me: seu lugar é na escola de Belas Artes.”

Figura 18 – Otília Délcí Canella na sala de modelagem e escultura do curso de Desenho e Pintura UFRGS – Porto Alegre – RS, em 1958.



Fonte: Acervo particular de Otília Délcí Canella.

A professora Otília Délcí Canella graduou-se em Artes Plásticas (Pintura) na Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – RS em 12 de dezembro de 1963 – Registro n. 41. Livro 4 – fls. 22. (ANEXO L). Também possui licenciatura em Desenho pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da mesma Universidade, em 21 de dezembro de 1964. N. do certificado do Registro do MEC: F-20.878 – 1º e 2º Graus. (ANEXO M).

Figura 19 – Turma de Formandos do curso de Desenho - Licenciatura da UFRGS no ano de 1964.



Fonte: Acervo particular de Otília Délci Canella.

Figura 20 – Otília Délci Canella juntamente com sua mãe Luiza Nápoli Canella, seu irmão José Victor Canella e sua sobrinha Lílian Cristina Neis na UFRGS – Porto Alegre – quando de sua formatura no curso de Licenciatura em Desenho no ano de 1963.



Fonte: Acervo particular de Otília Délci Canella.

Depois de formada na UFRGS, a professora Délci voltou para Florianópolis e continuou sua carreira no magistério público estadual. No período de março de 1965 a março de 1973, lecionou a disciplina de Desenho para o curso de

nível médio no Instituto Estadual de Educação de Florianópolis. (ANEXO N).

Exerceu atividades como professora na Secretaria Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina, perfazendo um total de 30 anos, 11 meses e seis dias. Pelo Decreto P\1577\73\SSE de 19 de março de 1973 foi aposentada do cargo de Professora de Ciclo Médio Padrão PF-17 do Quadro Geral do Poder Executivo. (ANEXOS O, O1).

Figura 21 – Homenagem de aniversário das alunas do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação à professora Otília Délici Canella.



Fonte: Acervo particular de Otília Délici Canella.

Em primeiro de abril de 1966, firmou contrato de trabalho com a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – UDESC - para ministrar aulas de Desenho. Na UDESC, ministrou aulas no curso de Educação Artística no período de 1975 a 1985, como professora titular das seguintes disciplinas: Técnicas de Comunicação e Expressão Visual, Desenho e Pintura I, Desenho e Pintura II, Desenho e Pintura III, Desenho e Pintura IV.

Após sua aposentadoria na Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina dedicou-se à carreira de professora universitária. Com relação a esse período de sua vida a professora assim se pronuncia:

Eu me aposentei no estado e no dia seguinte já estava lecionado na Faculdade de Educação da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. Lá eu lecionava Desenho Artístico e Pintura. Mas antes também, Artes Plásticas, no Instituto Estadual de Educação. E também comecei a trabalhar na Universidade Federal de Santa Catarina. Eu trabalhei 51 (cinquenta e um) anos no magistério.

A professora Otília Délcí Canella iniciou seus trabalhos na Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC) no ano de 1974. Afirma que foi contratada para lecionar nesta universidade, pois era uma das poucas professoras com formação nesta área, na época. Ali ministrou aulas como professora titular na disciplina de Técnicas de Expressão e Comunicação Visual I e II a partir do 2º semestre do ano letivo de 1975. (ANEXO P). Também lecionou no período de cinco semestres, de 1982 a 1985, as seguintes disciplinas: Didática Especial de Artes Plásticas e Prática de Ensino. (ANEXO Q)

Na UDESC, juntamente com outros professores, lembra-se de Terezinha Isabel Manso Muniz, Dimas Rosa, Carlos Lucas Besen, Nanci Teresinha Bartistoti, Maria Bernadete Castelan Póvoas e Dilsa Délia Dutra, colaborou na reestruturação do curso de Educação Artística. (ANEXO R). Ficou trabalhando na UDESC por 12 anos.

### 3.7 A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA OTÍLIA DÉLCI CANELLA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

A professora Otília Délcí Canella foi admitida na Universidade Federal de Santa Catarina em 1º de abril de 1967, ocupando o cargo de professora assistente, em regime de 40 horas semanais de trabalho, da tabela permanente, lotada no Departamento de Artes do Centro de Comunicação e Expressão. (ANEXO S).

Também trabalhou no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina lecionando a disciplina de Educação Artística, na categoria de professor-contratado, no período de 1º de abril de 1967 a 30 de julho de 1970. (ANEXO T).

Nessa Universidade trabalhou com dedicação exclusiva até sua segunda aposentadoria, expedida no ano de 1991, pelo então reitor da UFSC. Ali ministrou muitos cursos intensivos de desenho e pintura para professores de artes. Lembra-se que vinham professores de todos os estados para fazer esses cursos de aperfeiçoamento, em regime intensivo, chamados CADES. Segundo a professora Délcí, estes cursos habilitavam os professores a lecionarem a disciplina de Educação Artística no ensino fundamental e médio.

Figura 22 – Corpo docente do curso de CADES. Curso de aperfeiçoamento para professores de Educação Artística oferecido pela UFSC.



Fonte: Acervo particular de Otilia Délici Canella.

Ainda na UFSC, participou, junto com outros professores, como Dimas Rosa, da criação do curso de Artes Plásticas dessa universidade. Além da função de professora no Departamento de Artes da UFSC, desenvolveu outras atividades nesta universidade. Foi coordenadora da Divisão de Desenho do Departamento de Artes da UFSC, coordenou os trabalhos no Setor de Manifestação Artística, conforme portaria 400\75 do Magnífico Reitor, de 17 de setembro de 1975.

Também teve várias designações para compor comissões e elaborar projetos na UFSC. Dentre as várias designações podemos citar as mais relevantes: Designação para elaborar o projeto de implantação e funcionamento do Departamento de Artes da UFSC de acordo com a portaria n. 23 de 17 de maio de 1974. Designação para compor a comissão de estudos para a reestruturação do Curso de Educação Artística, portaria n.17\80. Designação para compor a comissão de estudos para a reestruturação do Curso de Educação Artística, Portaria n. 009\82. Designação para coordenar as disciplinas de RTS-1606 - Desenho Artístico I, RTS-1607 – Desenho Artístico II – RTS- 1305 – Artes Infantis e RTS- 1610 – Desenho Pedagógico. Designação para participar da Banca Examinadora do Exame de Habilitação para Professores de Ensino Médio, no Colégio de Aplicação da UFSC\1973. Designação para compor Banca Examinadora do Exame de Habilitação para professores de Ensino Médio, na

disciplina de Desenho, do Colégio de Aplicação da UFSC/1974. Designação para compor as provas de aptidões artísticas em música e Artes Plásticas para o concurso vestibular do 2º semestre de 1977. Designação para compor banca de verificação de habilidade específica – concurso vestibular, 2º semestre, ACADE, 1980 – Curso Educação Artística da FESC\UDESC. Participou da organização e desenvolvimento de atividades do projeto Revitalização da Cultura em 11 municípios da grande Florianópolis, no ano de 1986.

Várias colegas da área de Artes Plástica procuravam a professora Dérci solicitando que a mesma fizesse a apresentação de suas exposições. (ANEXOS U, U1, U2, U3, U4, U5, U6, U7, U8, U9). As apresentações das exposições mais relevantes realizadas por ela foram:

- Exposição de Juan Carlos Somma em 1976;
- Exposição de Nildo Martins em 1978;
- Exposição fotográfica de Eduardo José Carvalho – em 1978;
- Exposição de Gelci José Coelho em 1972;
- Exposição de Luiz Costa em 1976;
- Exposição dos alunos do Centro de Artes e Comunicação em 1970;
- Exposição dos alunos do Colégio de Aplicação em 1970;
- Exposição dos alunos do Centro de Artes e Comunicação em 1971;
- Exposição de Susana Scoss Bianchini em 1972;
- Exposição dos alunos do Centro de Artes e Comunicação em 1973;
- Exposição do Centro de Artes e Comunicação em 1975;
- Exposição dos alunos do Centro de Artes e Comunicação em 1977;
- Exposição fotográfica de Delço Ferreira Barbosa em 1977;
- Exposição de Átila Alcides Ramos;
- Exposição dos alunos do curso de Educação Artística da UDESC em 1980.

No ano de 1991, através de portaria datada de 18 de setembro de 1991, expedida pelo então Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, professor Bruno Rodolfo Schlemper Júnior, foi concedido aposentadoria à professora Otília Dérci Canella, no cargo de Professor Adjunto IV, no regime de trabalho de dedicação exclusiva da Carreira do Magistério Superior da Universidade Federal de Santa Catarina. (ANEXO V).

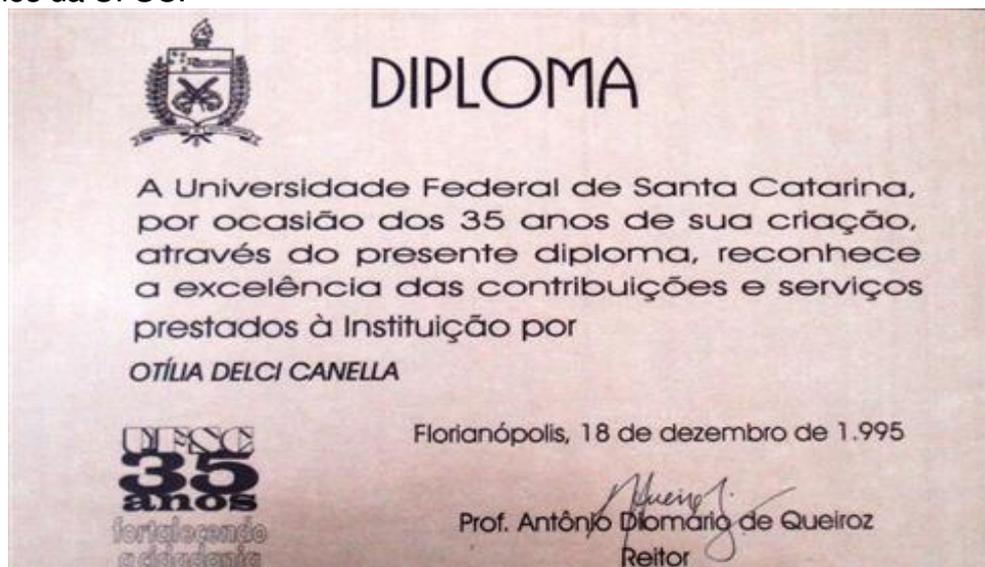
O Reitor da UFSC, no dia 27 de setembro de 1991 emite de seu gabinete um ofício ressaltando o imenso prazer em apresentar os seus cumprimentos e os

agradecimentos de toda a Comunidade Universitária à professora Otília Délci Canella. Afirma neste ofício o seguinte: “A Universidade Federal de Santa Catarina é o resultado dos esforços de seus servidores – Docentes e Técnico-Administrativos – portanto na oportunidade em que a Instituição completa seus 30 anos de serviços prestados à comunidade, V. Sa. deve sentir-se orgulhosa de ter para ela contribuído durante tantos anos.” (ANEXO X).

No dia 23 de outubro de 1991, a professora Délci emite um ofício ao Magnífico Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, professor Bruno Rodolfo Schlemper Júnior, agradecendo os cumprimentos enviados por ocasião da sua aposentadoria. Neste ofício a professora agradece em nome do Magnífico Reitor toda comunidade universitária pelo apoio e colaboração que obteve nos longos anos que ali esteve. Afirma que nesta Instituição vivenciou um trabalho feliz, belo e gratificante. E assim se expressa: “Sinto e levarei pelo tempo a fora, em suave lembrança e a ternura de tudo que ficou.” (ANEXO W).

Em 18 de dezembro de 1995, o Magnífico Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, professor Antônio Diomário de Queiroz concede diploma a professora Otília Délci Canella, por ocasião dos 35 anos de criação da Universidade, reconhecendo a excelência das contribuições e serviços que ela prestou à Instituição.

Figura 23 – Diploma concedido à professora Otília Delci Canella por ocasião dos 35 anos da UFSC.



Fonte: Acervo particular de Otília Délci Canella.

Este diploma a professora Délci colocou em local de destaque na sala de entrada de sua residência. Sente-se muito orgulhosa ao mostrá-lo, pois foi uma de

suas maiores conquistas profissionais.

Na Universidade Federal de Santa Catarina foram muitas as exposições de trabalhos de alunos, organizadas pela professora Délci. Numa dessas exposições teve a visita do reitor da UFSC, conforme imagem abaixo.

Figura 24-Professora Otília Délci Canella apresentando exposição dos trabalhos dos alunos da UFSC ao reitor



Fonte: Acervo particular de Otília Délci Canella.

Nas lembranças evocadas por um dos entrevistados desta pesquisa – Ronaldo Lima, ex-aluno da professora Otília Délci Canella – podemos observar as marcas da identidade da professora Délci, em sala de aula. Ronaldo nos conta experiências interessantes vividas nas aulas de Desenho Básico, ministradas pela professora Délci.

Ronaldo Lima atualmente é professor do Departamento de Língua e Literatura Francesas da Universidade Federal de Santa Catarina, foi aluno da professora Délci, na UFSC, no ano de 1983 e avaliou-a com muita admiração e respeito. Ronaldo recorda-se que ela possuía uma grande sala e um imenso acervo bibliográfico e também de obras de arte. Desenvolvia sua disciplina em um ambiente muito rico em materiais. Como professora, Ronaldo lembra que ela possuía grande conhecimento tanto das bases como de técnicas mais avançadas.

Segundo Ronaldo Lima, paralelamente ao ensino formal, a professora

Delci expunha fatos ligados à história, à cultura e a outras expressões estéticas ocidentais e orientais. Também afirma que nunca faltou suporte teórico para dar conta da curiosidade acadêmico-científica dos seus alunos.

Nota-se, nas palavras do ex-aluno (Lima, 2010) uma avaliação positiva da professora Otília Délici Canella, principalmente pela preocupação que ela tinha em fornecer uma formação abrangente e integral aos seus alunos.

Outra observação que podemos fazer a respeito do depoimento de Ronaldo é o fato de não ser possível separar o eu pessoal do eu profissional da professora Délici em suas práticas pedagógicas. O pessoal e o profissional fazem parte de uma totalidade. Dessa forma, lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, construir, com imagens e visões do presente, as experiências do passado.

Esta não separação do eu pessoal do eu profissional está presente no depoimento de Ronaldo quando afirma:

[...] nunca abandonou seu lado humano. Nos falava de suas origens, opções e de seus trajetos de vida, procurando trazer exemplos de condutas a seus estudantes. Tais atitudes fizeram com que suas aulas se tornassem inesquecíveis [...].

Ao falar do espaço ocupado na UFSC pela professora Délici, Ronaldo Lima assim se pronuncia:

Quando se aposentou na UFSC, nos anos 90, seu espaço de trabalho foi desativado e se tornou inicialmente um auditório/teatro, prolongando suas memórias artísticas por longos anos. Hoje o espaço é usado pelo Curso de Graduação e de Pós-Graduação em Design Gráfico. Ou seja, sua marca naquele espaço nunca ficou totalmente esquecida.

Um aspecto importante ressaltado no depoimento de seu ex-aluno Ronaldo Lima são suas memórias de tempos vividos com colegas, na disciplina de artes ministrada pela professora Délici. Ressalta que esses colegas hoje encontram-se bem sucedidos profissionalmente. E afirma:

Na disciplina que realizamos com a professora Delci, maior parte dos colegas, hoje em dia, são jornalistas (Como Sônia Bride), outros como Cláudia Borges de Fáveri, Luciene Espíndola, e outra dezena, são professores universitários federais. Outros são escritores (Fábio Brugmann) e jornalistas. Enfim, não há um só ex-aluno que não tenha seguido carreira de sucesso. Até hoje ainda guardo alguns materiais resultantes daquela disciplina. Também, guardo o aspecto mais importante e que não se apaga, que são as lembranças dos conhecimentos teóricos e práticos desenvolvidos durante o Curso.

Recentemente, fiquei sabendo que a Profa. Delci está em plena atividade e que continua desenvolvendo suas veias artísticas. (LIMA, 2010).

O depoimento de seu ex-aluno Ronaldo Lima contribuiu de maneira significativa para rememorar e registrar a história da professora Délcí, num determinado período e espaço de sua trajetória profissional, vivido na Universidade Federal de Santa Catarina. Contribuiu também para reconstituí-la enquanto sujeito, reconstituindo sua cultura, seu tempo, sua história.

Tal resgate é crucial para a construção de um conceito humanizado de ciência – ouvir o que não pode ser expresso ou escutado, transformando as sobras em objeto de pesquisa, significa levar em conta o que estaria sendo supostamente tratado como lixo. A rememoração assume papel central, pois é também nas dobras do cotidiano que a história se realiza. (BENJAMIN, 1994).

### 3.8 A CASA-ARTE COMO LOCAL DE MEMÓRIAS DA PROFESSORA OTÍLIA DÉLCI CANELLA

Elias (1995) nos afirma que uma das funções importantes da obra de arte é ser uma maneira de a sociedade se exibir, como grupo e como uma série de indivíduos dentro de um grupo. Afirma ainda que o instrumento decisivo com o qual a obra ressoa não são tanto os indivíduos em si mesmos, mas muitos indivíduos integrados num grupo, pessoas cujos sentimentos são, em grande parte, mobilizados e orientados para o fato de estarem juntos.

Ao preservar em sua casa muitos objetos decorativos, fotografias de seus familiares, de suas viagens à Europa, de seus ex-alunos, móveis antigos, peças de rendas, coleção de filmes, trabalhos artísticos de seus ex-alunos e obras de arte, a professora Délcí, de certa forma, também está buscando tornar-se uma obra de arte.

Após ter trabalhado 51 anos como professora, no ano de 1995 retorna para sua terra Natal e volta a morar na casa que era de seus pais, localizada na Rua sete de setembro, no município de Meleiro – SC.

Figura 24 – Residência da professora Otília Canella, localizada na Rua 07 de setembro em Meleiro – SC.



Fonte: Acervo da autora, 2010.

Em relação ao período pós-aposentadoria ela assim se pronuncia:

Eu não parei, não! Quando eu parei, eu fiquei triste! Mas eu vim pra casa. Sentia muita saudade de casa! Eu gosto muito do jardim! Tinha muita vontade de cuidar das flores! Agora eu tenho tempo pra ler. Eu queria pintar, mas com essa doença que me deu, os médicos me proibiram de pintar. De usar tinta. Eu usei doze anos tintas, com as alunas, então isso me prejudicou. Mas foi uma BELA VIDA! No meio de alunos alegres, jovens! Foi muito lindo! Crianças, adultos. É claro que eu sinto muitas saudades, porque viver, assim, entre alunos jovens, alegres que saíam no pátio, um de Blumenau, outro de Joinville, outro de Mafra... Eu falava com todos. Era uma diversão para mim. Era uma coisa muito linda! Eu sempre digo: a minha vida foi bela! Eu não tenho nenhuma lembrança triste da minha vida no magistério. Quando passam os alunos aqui em Meleiro eu vou aí na rua pra ver! É isso aí! Pra lembrar o passado. Eu acho que há uma motivação na vida. Tanto para os que casam, como para os que não casam. Ter seus filhos, seus netos é uma motivação. Eu tive também, porque eu via uma formatura, depois a outra! É aquela coisa!

Nessas lembranças da professora Délcia, podemos observar a saudade, a solidão e o desamparo povoando o seu imaginário. Com isso ela procura acolhimento e companhia junto à rememoração e comemoração dos acontecimentos passados. Nestas narrativas a professora assume uma postura saudosista organizada pelas recordações cotidianas dos melhores dias em que viveu. Narrativas, estas, alimentada pelo passado e exercida quase sempre como uma catarse, o que acaba por instaurar um clima nostálgico, melancólico e saudosista

sobre o que se elege como lembrança.

Nesses seus 51 anos de magistério trabalhou em escolas de Meleiro, Araranguá, Mafra, Rio Negro e Florianópolis. Em Meleiro, após sua aposentadoria inicia a organização, catalogação e preservação de todo o seu acervo particular, construindo um espaço, ao lado de sua residência, específico para este fim, conforme pode ser visto pela imagem abaixo.

Figura 25 – Museu autobiográfico da professora Otília Délcia Canella, localizado ao lado de sua residência em Meleiro – SC.



Fonte: Acervo da autora, 2010

Assim como os fios de Ariadne a professora Délcia através dos objetos ali expostos, vai puxando e desvendando o labirinto que percorreu em todos esses anos de magistério. São esses diferentes objetos que ajudam a ressignificar sua constituição enquanto sujeito vivo. Sabemos que a memória precisa desses suportes para ser evocada e podemos perceber que a professora encontra nesses suportes a materialidade de diferentes temporalidades, experiências e espaços. Com isso também procurou registrar, reivindicar, propor, resistir, eternizar, enfim, a própria vida. Nesse espaço, segundo a professora, suas maiores preciosidades são as pinturas realizadas por seus alunos/as durante seus 51 anos de magistério.

Podemos inferir que a professora Délcia ao construir seu espaço autobiográfico, rompe com o anonimato, valendo-se do acervo guardado ao longo de todo o seu exercício profissional. Estes materiais vinculam-se a acontecimentos pessoais e profissionais, expõem eventos sociais e políticos, rechaçam representações sobre a sua profissão. Ela toma a experiência no magistério como constitutiva de

suas narrativas, isto é, assume a dimensão profissional como uma das “lembranças auto-definidoras” de rememoração, permitindo compreender os tempos e os espaços de formação.

Na organização desses materiais também produzidos por seus alunos, narra sua história, propiciando compreender modos particulares de interpretar o peso da instituição escolar nos seus processos de formação e também como buscou transformá-la com suas práticas.

Figura 26 – Pinturas de alunas da professora Otilia Délcia Canella, do curso de Educação Artística da UDESC – 1973.



Fonte: Acervo da autora, 2010.

Na rememoração da professora Délcia, pode-se observar como ela se construiu como sujeito histórico com suas lembranças. Sobre isso, Benjamin (1994, p. 239) diz:

A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado: é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra,

revolvê-lo como se revolve o solo.

É neste sentido que busquei alcançar o passado problematizado por meio dos relatos de experiências dessa professora que foi convidada a falar sobre suas memórias. Ao recordar suas vivências, ressignificou sua história. (BOSI, 1994). A memória é o agente desencadeador desse processo de ressignificação que, lembra Benjamin (1994), se desfaz por não assumir função utilitária para a modernidade. Os que vivem e rememoram a história sobrevivem ao tempo.

É importante salientar que a professora Délcí procura preservar seus objetos e dar visibilidade a eles, mesmo diante de uma sociedade onde a cultura do descarte ainda é muito forte.

Ao ouvir o que esta professora traz em suas memórias, conhece-se a história coletiva traçada pelos fios das histórias de cada indivíduo. (BENJAMIN, 1994). Ao pretender que a filosofia assumisse a forma poética, Benjamin (1994) nos falava:

[...] das coisas miúdas do cotidiano, das ruínas, dos estilhaços, daquilo que parecia não ter importância, das sobras, das dobras, dos trapos, buscando em cada uma delas a sua dimensão de totalidade, refletindo, ampliando seu sentido, ressignificando as coisas mais simples da vida comum. (BENJAMIN, 1994, p. 35).

Registrar os relatos de experiências da professora Délcí é dar relevância as coisas miúdas do cotidiano, daquilo que parece não ter importância, mas ao ampliar seu sentido e ressignificar as coisas mais simples da vida comum, estamos contribuindo para a construção de uma história da educação coletiva, traçada pelos fios das histórias de cada indivíduo.

Benjamin (1994, p. 223) entendia, assim, que “[...] o cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.”

Lembrar, nesse sentido, não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória da pessoa liga-se, segundo Benjamin (1994), à memória do grupo, aos elos e laços de coletividade, vincula-se à própria tradição.

Para esse autor (1994), precisamos estabelecer uma outra relação com a

tradição e a cultura para não sermos aprisionados pela barbárie, o que acentua, mais uma vez, a necessidade da rememoração.

Com esse espaço, a professora Délcia parece buscar conferir sentido à própria existência e povoar a solidão da velhice, testemunhando suas emoções, frustrações, alegrias e dores. Registra para se defender do esquecimento, inventariar o vivido, reconstruindo a si mesma por meio desse espaço, como bem enfatizou Ecléa Bosi.

De diferentes ângulos e em tempos distintos, esses objetos revelam como a professora avaliava as políticas educacionais, a escola, o ofício de ensinar e o significado que a profissão do magistério teve em sua vida. Ali, ela expõe fotografias de todas as escolas que lecionou, desde a primeira da localidade do Pique do Rio Cedro de Baixo – Meleiro- SC até as fotografias do final de sua carreira como professora universitária, na UDESC e UFSC.

Nesse seu espaço, ela também possui várias obras de artes de sua autoria, de colegas artistas e outras ainda produzidas por seus alunos, como pode ser comprovado pelas imagens a seguir.

Figura 27 – Professora Otília Délcia Canella juntamente com a mestrandia Maria Dolores Denski, lembrando suas experiências com o magistério através das fotografias que estão expostas no seu museu em 08.10.2010.



Fonte: Acervo da autora, 2010.

Figura 28 – Óleo sob tela - modelo lendo. Obra de Otília Délici Canella.



Fonte: Acervo particular de Otília Délici Canella.

Figura 29 – Otília Delci Canella em visita a exposição de artes plástica de diversos artistas de SC na Assembleia Legislativa – Florianópolis – SC.



Fonte: Acervo particular de Otília Délici Canella.

Algumas destas obras de arte e fotografias fizeram parte da Exposição intitulada “A casa como museu de arte: relíquias da professora Otília Délcia Canella” realizada no período de 18 a 22 de outubro de 2010 na UNESCO. Esta exposição fez parte da I Semana de Ciências & Tecnologia IX Seminário de Iniciação Científica e I Salão de Extensão. Promovido pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), organizada pelo Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (GHUPEHME) e tendo como organizadoras as professoras. Dra. Giani Rabello, Dra. Marli de Oliveira Costa e a Mestranda Maria Dolores Denski. (ANEXO Y).

A possibilidade de ressignificar a própria vida e a experiência docente foi sem dúvidas o que mais moveu a construção desse espaço de memórias para a professora Délcia. Entregue às lembranças, recriou, por meio de exposições de suas preciosidades um tempo já desaparecido, fazendo um balanço do vivido, conferindo sentido à própria existência. Mesmo calada, escondida, abafada, em sua residência, registrou sua vida para não esquecer, registrou para ser lembrada.

Figura 30 – Professora Otília Délcia Canella em 08 de outubro de 2010.



Fonte: Acervo da autora, 2010.

Rememorar os percursos de vida da professora Délici foi para mim uma tarefa estimulante que me permitiu compreender a (re) construção da identidade profissional da professora, levando-me a conhecer não somente o seu processo individual, mas os processos coletivos. Sem exercer o magistério, fechada em sua casa, a professora Délici, através desta pesquisa, pôde contribuir com suas experiências de vida para as novas gerações de professores.

Foi também, um grande desafio buscar os significados expressos em cada experiência, pois estes sempre estão “ditos” pela sequência de uma narrativa, mas que não estão dela ausentes.

Embora eu tenha construído em meu trabalho a partir de uma certa linearidade para a descrição das narrativas dos percursos de vida da professora, agora finalizando o trabalho sei que estes se constituem em uma rede de relações na qual tudo está interligado.

## 4 CONCLUSÕES

Ao concluir esta pesquisa, não posso deixar de falar do seu começo. Afinal, terminar uma pesquisa pode ser um recomeço, uma reflexão sobre o ponto onde começamos.

O pesquisador muitas vezes contenta-se em ver a parte. Essa parte, por maior, ou melhor, que seja não é mais do que isto: um fragmento através do qual procuramos delimitar coisas sobre um universo mais amplo e insondável – o todo. Nesse sentido, compreendo que os professores que se dispuseram a colaborar com esta pesquisa compõe uma parte do todo. A partir de suas narrativas foi possível conhecer de uma forma mais ampla as práticas pedagógicas da época, a formação docente e a sua trajetória profissional.

A pesquisa em questão, inicialmente, direcionou-se para o registro das narrativas de vida da professora Otília Délici Canella. Há um antigo provérbio que diz ser “ouvindo que se aprende” e acredito que essa premissa é verdadeira e nesta pesquisa procurei dar testemunho dela, isto é, depois de ouvir tantas lembranças e memórias da professora Otília Délici Canella foi preciso narrá-las. E, para isso, precisei buscar as palavras certas, aquelas que expressam o vivido, o sentido, pois como profetiza Larrosa (1999, p. 145): “A palavra que se toma não se toma, porque se sabe, mas porque se quer, porque se deseja, porque se ama.”

Foi com o cuidado de expressar a palavra certa que me propus a escrever esta pesquisa, contanto sobre o estudo realizado acerca dos percursos identitários da professora Délici. Tal estudo buscou compreender como se deu, nos caminhos de vida da professora, o seu processo de (re)construção da identidade profissional, tomando como material de análise as suas narrativas.

Delimitei o foco na professora Otília Délici Canella e seus percursos identitários por acreditar que eles são reveladores de histórias que podem auxiliar na reflexão sobre o processo de formação e, conseqüentemente, nas práticas exercidas junto aos alunos.

Dentre as constatações emergentes, ao longo do percurso investigativo, algumas merecem ser destacadas e por isso serão retomadas nesta parte do estudo. Minha intenção, contudo, não é generalizar conclusões, mas ressaltar aspectos que podem iluminar outras análises acerca da profissão e do docente. Seria ingenuidade querer concluir reflexões a respeito do desenvolvimento da

trajetória profissional da professora Otília Délcia Canella, pois temática tão abrangente e ampla prosseguem caminho afora acompanhando a história e a vida da professora. A proposta, portanto, é aproveitar o espaço das reflexões conclusivas para refletir um pouco mais sobre as trajetórias profissionais e de vida da interlocutora deste estudo.

As reflexões apresentadas ofereceram uma visão panorâmica sobre como a professora percebe a si mesmo e sua trajetória na profissão docente. Trilhar os percursos de vida da professora entrevistada foi uma tarefa estimulante que me permitiu compreender a (re)construção da sua identidade profissional, levando-me a conhecer não somente o processo individual, mas coletivo.

Na trajetória da pesquisa, a memória da interlocutora foi essencial para a recordação de momentos importantes da sua vida pessoal e profissional. Corroborando a ideia de que somos nossa memória, a pesquisa traz à luz um traço de formação da identidade da professora que vem à tona em abordagens sobre história pessoal e profissional como elemento importante na construção do se professor. Percebi, neste entorno, que, mais do que os percursos oficiais de formação, são as vivências na trajetória social e individual da cada professor que imprimem seu perfil e sua identidade profissional.

Os professores parecem exercer influência determinante no processo de socialização profissional, realçando que mais do que um simples caminho que se faz ao andar, a trajetória profissional do professor vai sendo construída pelas marcas daqueles que por ele passaram, pelas oportunidades oferecidas para superar os desafios da prática pedagógica e, de modo especial, pela compreensão do ensino como um ofício. E tudo isso, com certeza, repercutem sobre seu modo de construir-se professor.

Buscar compreender as trajetórias profissionais e pessoais da professora Délcia, através das suas histórias de vida e de profissão, traduz-se em um caminho cheio de possibilidades. As autobiografias constituem fragmentos narrativos que nos apresentam a vida pessoal/profissional a partir de diversos pontos de vista dos diferentes sujeitos envolvidos no processo.

A vida é uma construção, segundo a leitura de Pineau (1988), em auto-hetero-eco-formação permanente, portanto, as histórias de vida não podem ser tomadas somente como dados a serem analisados, pelo contrário, os documentos pessoais apresentam a vida em termos significativos para aqueles que as vivem.

Assim, o desafio que nos foi colocado, como pesquisadora nesta investigação, não foi somente o de darmos voz à professora Otília Délici Canella, mas principalmente, o de sermos capazes de não lhes podar o pensamento.

Compreendo que os conhecimentos adquiridos na formação, na vivência escolar e na própria vivência pessoal passam por um processo de construção e reconstrução permanentes, e não apenas por etapas fixadas e definidas no tempo. Acredito, portanto, na formação como um processo inacabado, como um projeto contínuo e dialético, como algo dinâmico e histórico. Neste sentido, concordo com Pinto (1994, p. 21), quando afirma que “a historicidade pertence à essência da educação.”

Deste modo, existem necessidades emergentes no contexto profissional e pessoal do professor, que remetem à resignificação da trajetória e da formação deste profissional. Muitos trabalhos, debates e discussões vêm acontecendo acerca da formação do professor, entretanto, uma preocupação efetiva com as políticas educacionais que tratam da formação contínua do docente, em qualquer nível de ensino, pouco se tem verificado. Embora, no contexto atual, esta questão seja objeto de muitos estudos e discussões.

Em função deste cenário de estudos e discussões que se desenha no interior da educação brasileira é que realizei este estudo, na perspectiva de refletir sobre a trajetória profissional da professora Otília Délici Canella, na tentativa de identificar que fatores externos e internos motivaram esta professora a investir na sua trajetória profissional, buscando resignificar suas práticas pedagógicas, apesar das adversidades do cotidiano da profissão.

A análise das narrativas da professora me desafiou a mobilizar a sensibilidade, a intuição e a percepção, para captar os sentidos e significados das experiências relatadas, procurando dar sentido aos detalhes que teceram a vida dessa profissional, vida, muitas vezes, marginalizada pelas estruturas de poder da sociedade; vidas construídas na exceção, na inquietação e na busca incessante de novos saberes para dar novos e significativos delineamentos à profissão e ao ser professor.

As leituras e releituras das narrativas autobiográficas da professora me permitiram desenvolver um olhar interessado e exercitar uma escuta sensível, garimpando fragmentos na procura de dados, detalhes e resíduos que nos possibilitassem apreender as conexões existentes nas particularidades e, a partir

delas reconstruir\ressignificar processos e práticas de transformação e resistência. As histórias de vida possibilitam, de modo especial, a compreensão de que o desenvolvimento das trajetórias profissionais não é linear e tampouco ocorre uniformemente. As trajetórias docentes resultam das produções objetivas e subjetivas dos professores. Cada história é única e singular e evidencia a interpenetração entre vida pessoal e profissional.

Percebi, no decorrer da pesquisa, que ao narrar sua história de vida, a professora se envolveu em um processo reflexivo de conhecimento de si e para si. Percebi também que essa professora, de uma forma dinâmica e permanente, (re)construiu o seu fazer pedagógico, influenciada pelo seu percurso de vida, transformando sua identidade profissional, através de um processo reflexivo, aproximando-se de uma identidade profissional forjada pela própria história da educação, pois o cenário da educação brasileira no período de atuação no magistério da professora Otília Délcí Canella passou por momentos importantes: O Manifesto dos Pioneiros, A Constituição de 1933-34, Leis Orgânicas, Reformas e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, além da forte presença da pedagogia tradicional.

A (re)construção da sua identidade constituiu-se também na luta que a ela travou cotidianamente, ao assumir ou ao romper com os modelos ideais que circulavam nos discursos educacionais.

Com este pensamento é que acredito que as reflexões desenvolvidas aqui, tomando como apoio as narrativas dos percursos de vida da professora Délcí, podem impulsionar mudanças nos cursos de formação, no sentido de (des)construir imagens e identidades, que vão sendo repassadas como modelo único e ideal a ser assumido pelos futuros professores.

Foi percorrendo esta linha de pensamento que organizou-se o referido estudo, a partir das histórias dos percursos de vida da professora Délcí. Como diz Arroyo (2000, p. 16):

Fazer o percurso à procura do ofício de mestre, artífice, artista que há em nós, reaprender saberes e artes, recuperar a imagem bela que estamos construindo nas últimas décadas. É a vontade e o sentimento que inspiram estes textos. Cantar para mim, e a nós mesmos, nossa própria história.

Esta também foi a minha vontade e o meu sentimento ao desenvolver

esta pesquisa. Finalizando, quero revelar que me senti privilegiada ao realizar este estudo, principalmente, pelo prazer de ter convivido com a professora Otilia Délici Canella que não se deixou abater diante dos problemas e mazelas tão presentes na profissão docente. Nessa difícil escalada de dificuldades em que está envolvida a educação brasileira, principalmente a educação pública, a professora apresenta um caminho propositivo, de confiança e de segurança, para além das queixas e desânimos. Professora essa que aprendeu, em sua trajetória profissional e de vida, a pensar na profissão como um processo de aprendizagem, de conhecimento, de formação e de desenvolvimento profissional.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Construindo histórias de vida para compreender a educação e a profissão docente no Estado do Rio Grande do Sul. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História e histórias de vida**: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*. London: Verso. 1991.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. ROUANET, Sérgio Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUENO, Belmira et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, maio-ago. 2006.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CANELLA, Otacília Délcí. **Entrevista**: depoimento. Entrevistador: Maria Dolores Denski. Meleiro, 2010. 1 cassete sonoro.

DENSKI, Antônia Zanette. professora aposentada da rede pública estadual de Santa Catarina e ex-aluna da professora Otília Délcí Canella, nas séries iniciais, nos anos de 1943, 1944, 1945 na Escola Isolada da Boca do Rio Cedro de Baixo - Meleiro. **Depoimento**: concedido à Maria Dolores Denski, 2010.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. SCHRÖTER, Michael (Org.). trad. PAULA, Sérgio Goes de. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1995.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (8):141–

174, set. 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução Elementar no Século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; GREIVE, Cynthia. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 135-150.

FISCHMAN, Gustavo E.; CRUDER, Gabriela. Fotografias escolares como eventos da pesquisa em educação - jul/dez 2003

FRIEDMAN, Jonathan. The past in the future: History and the politics of identity. *American Anthropologist*. **American Anthropological Association**. 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/680224>>. Acesso em: 18 set. 2010.

FRITZEN, Celdon. História de vida em entrevistas sociolinguísticas: memória e oralidade. **Revista de Ciências Humanas**. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, v. 8, n. 2, p. 25-38, jul.-dez. 2003.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2000.

GONDAR, Jô. Linguagens e construção de identidades: um debate. In: FERREIRA, Lucia M A; ORRIGO, Evelyn G. D. (org). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**, Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 107-115.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. SILVA, Tomáz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. Rio de Janeiro: DP&A. 2003. 7. ed. ou reimpressão.

KENSKI, Vani Moreira. Sobre o conceito da memória. In: **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (org). 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 137-159.

LACERDA, Lilian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). Florianópolis, 2000. p. 81-107.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LE GOFF, Jacques. Uma vida para a história: conversações com Marc Heurgon. São Paulo: UNESP, 1998.

LIMA, Ronaldo. Departamento de Língua e Literatura Francesas da Universidade Federal de Santa Catarina e ex-aluno da professora Otilia Délcí Canella Délcí no anos 1983, na disciplina de Artes. **Depoimento**: concedido à Maria Dolores Denski, 30 set. 2010.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Em busca do tempo vivido: autobiografias de professoras. In: **Práticas de memórias docente**. (Série Cultura, Memória e Currículo) MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Tereza Santos. (org). São Paulo: Cortez, v. 3, p. 135-166, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v. 13; n. 25/26; p 55-65; 1993.

MOURA, Adriana Borges Ferro. **Docência Superior**: o desenvolvimento profissional do professor bacharel de direito. 2009.163f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

NÓVOA, Antonio. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias.(Org). **O método (auto)biográfico e a formação**. Cadernos de Formação I, Lisboa: Pentaedro, 1988.

\_\_\_\_\_. Formação de professores e profissão docente. In: \_\_\_\_\_. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 15-31.

NÓVOA, António et al. **Profissão professor**. NÓVOA, António (Org). trad MENDES, Irene Lima; CORREA, Regina; GIL, Luisa Santos. 2 ed. Porto-Portugal: Porto, 1995.

\_\_\_\_\_. **Vidas de professores**. NÓVOA, António (Org). trad. CASEIRO, Maria dos Anjos; FERREIRA, Manuel Figueiredo. Porto-Portugal: Porto, 1992.

NEPPEL, Liliane. **Das entranhas ao estranhamento das relações de poder no cotidiano escolar questionando a obviedade dos prêmios e castigos**. 2000.171f. (Dissertação) Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, Florianópolis, SC.

PINEAU, Gastón. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS-DRHS-CFAP, 1988. p. 63-77.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

RABELO, Giani. **A Escola na colina**: Grupo Escolar Núcleo Hercílio Luz (1905-2002) – Criciúma: UNESC, 2003.

\_\_\_\_\_. **Entre o hábito e o carvão**: pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. 2008. 414 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Departamento de Programa de Pós-graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Memórias, objetos e arquitetura**: um pouco da cultura escolar de uma escola pública catarinense. 11 jun. 2008b Disponível em: <[http://www.utp.br/Cadernos\\_de\\_Pesquisa/pdfs/cad\\_pesq5/7\\_memoria\\_cp5.pdf](http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq5/7_memoria_cp5.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. Testes ABC: a alfabetização em um jardim de infância. **Contrapontos** (UNIVALI) v.10, n. 1, p. 74-81, jan-abr 2010.

RABELO, Giani; LOURENÇO, Leila (Org). **Das memórias à história**: a trajetória da Escola Pública Municipal “Padre José Francisco Bertero” EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A construção de identidade e a política de representação. In: FERREIRA, Lúcia M. A; ORRICO, Evelyn G. D. (org.). **Linguagem, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 77-88.

RODRIGUES, Neidson. **Da mistificação da escola à escola necessária**. São Paulo: Cortez, 1986.

SACRISTÁN, J.Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores 1999. In: NÓVOA, António et al. **Profissão professor**. NÓVOA, António (org). trad MENDES, Irene Lima; CORREA Regina; GIL, Luisa Santos. 2 ed. Porto-Portugal: Porto, 1999. p. 63-92.

SANTAMARINA, Cristina; MARINAS, José M. Historias de vida e historia oral. In: DELGADO, Juan M.; GUTIÉRREZ, Juan (Org.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madri-Espanha: Síntesis, 1995. p. 259-287.

SANTOS, Boaventura de S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2004.

SAVIANI, Demerval. Setenta anos do Manifesto e 20 anos de Escola e democracia: balanço de uma polêmica. In: XAVIER, Maria do Carmo (org). **Manifesto dos pioneiros da educação**: um legado educacional em debate. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 183-203.

\_\_\_\_\_. **Escola e democracia**. 41 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SHULTZ, Duane P.; SHULTZ, Sidney Ellen. **História da psicologia moderna**. São Cultrix, 2000. 504p.

SOUZA, Elizeu C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões, teórico-metodológicas sobre História de Vida em formação. **Revista Educação em Questão**. Natal (RN), n.11, p. 22-39, jan-abr, 2006a.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006b.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação e entre a história oral e as memórias. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História. PUC-SP. n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIDAL, Diana Gonçalves; ESTEVES, Isabel de Lourdes. Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940). In: PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (orgs.). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)**. Pelotas-RS: Seiva Publicações & FAPERGS, 2003.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

VOTRE, Sebastião Josué. Uma análise pragmática da linguagem, do sujeito e da

consciência. In: FERREIRA, Lucia M. A; ORRICO, Evelyn G. D. (org.). **Linguagem, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 89-105.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.p. 7-72.

**ANEXOS**

## ANEXO A – Termo de consentimento



UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título de **TEMPOS, MEMÓRIAS: NARRATIVAS DA VIDA DE OTÍLIA DÉLCI CANELLA**, esta pesquisa culminará na elaboração da Dissertação, a partir da entrevista com a professora **OTÍLIA DÉLCI CANELA**, coletando assim, dados e informações a cerca da experiência desta professora em relação a sua experiência profissional no magistério.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

A pesquisadora responsável é a acadêmica **MARIA DOLORES DENSKI**, matriculada no curso **DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**, da **UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE** orientanda da (o) professor (a) **CELDON FRITZEN**, da mesma instituição.

Os envolvidos se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone 048-3431- 2594. Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu **OTÍLIA DÉLCI CANELLA**, CPF n. 001.796.989-15 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada no Curso de **MESTRADO EM EDUCAÇÃO** da Universidade do Extremo Sul Catarinense, desenvolvida pela aluna **MARIA DOLORES DENSKI**, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações, ficando vinculado o controle das informações a cargo desta acadêmica da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

( ) Solicito que seja resguardada minha identificação

( ) Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Meleiro, 20 de julho de 2010.

Otília Délcí Canella

Participante da pesquisa

Maria Dolores Denski

Pesquisador/a

**FUCRI - FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE CRICIÚMA (MANTENEDORA)**

## **ANEXO B – Um olhar para a minha história de vida profissional**

Minha família é uma família de professores, começando por minha mãe, eu, minhas irmãs, minha tia Octavina Zanette Gava e primas. Todos tem, menor ou maior grau, um envolvimento com a atividade docente. Sou a sétima filha de uma família de oito irmãos. Além de mim, existe o Amílcar, o Edson, o Oilisen, o José Cláudio, a Ester, a Mônica e a Maris.

A vida de professora de minha mãe, de certa forma, justifica a preocupação que sempre teve com a educação de seus filhos. Meu pai, Giorge Denski, mais conhecido por Sr. Jorge, sempre trabalhou muito na construção civil, preocupando-se em dar condições financeiras para que os filhos pudessem ter uma vida melhor que a dele.

Minha mãe, Antônia Zanette Denski, escolheu como vida profissional o magistério, inicialmente nas séries iniciais. Sempre trabalhou na Escola Pública Estadual Ângelo Izé – da localidade de Sanga do Engenho, pertencente ao município de Forquilhinha – SC.

Por toda a minha vida acompanhei o desenrolar da sua carreira e a sua procura por aperfeiçoamento na profissão a que sempre se dedicou com muito afinco, conseguindo, ao mesmo tempo, ser professora e uma mãe sempre presente na vida de seus oito filhos, na medida do possível.

A imagem de minha mãe, articulada aos exemplos de professores que tive, permeou meu imaginário infantil e refletiam-se nas minhas brincadeiras, nas quais eu atuava como professora. Lembro-me que escrevia na porta da garagem do carro de meu pai, com carvão. As galinhas, patos, marrecos eram meus alunos, pois morávamos num sítio.

Cursei o ensino fundamental em escola pública. Minha primeira escola foi a Escola de Educação Básica Ângelo Izé, localizada no bairro de Sanga do Engenho, município de Forquilhinha – SC. Comecei a estudar com seis anos de idade, sendo minha primeira professora e alfabetizadora Irmã Gema Gatelli.

É importante salientar que no Bairro Sanga do Engenho havia um Colégio de Freiras, da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Por serem Irmãs escolares, trabalhavam na escola, mesmo sendo uma escola da rede pública estadual.

Giani Rabelo em sua tese de doutorado denominada “Entre o hábito e o carvão: a pedagogia missionária no século XX no sul de Santa Catarina” (2008a), nos fala da ação insidiosa das religiosas na “reeducação” das famílias, procurando instituir novos hábitos e valores no cotidiano das vilas operárias. Neste estudo, Rabelo (2008a) fala por meio de documentos, sobre a influência das práticas protagonizadas pelas congregações religiosas, junto às famílias operárias.

Rabelo (2010, 394.) afirma que:

[...] estas pedagogias missionárias, assim, difundiram práticas sociais e culturais, ou, em outras palavras, ensinaram pensamentos e comportamentos, um saber fazer e saber ser, não só em relação aos trabalhadores, suas famílias e filhos, mas às próprias religiosas e suas congregações, e também as instituições de assistência, os médicos, os empregadores e o próprio Estado, ou seja, os diferentes sujeitos implicados nas vilas operárias do complexo carbonífero. As religiosas inscrevem-se, então, neste movimento histórico de confinamento e cuidado da primeira infância, imbuídas do espírito educativo-catequético.

Este espírito educativo-catequético das religiosas é bem ressaltado nas práticas pedagógicas de minha professora do segundo ano das séries iniciais. Nesse ano (1975) minha professora foi a irmã Ana Paulina Muller. Nossa! Como ela rezava! Lembro-me que tínhamos aula de ensino religioso todos os dias. Irmã Ana Paulina, era uma professora muito dedicada, sua sala de aula era um primor de limpeza e organização.

Como minha mãe trabalhava na escola junto com as religiosas, eu me sentia mais à vontade, era bem dinâmica. Lembro-me que quando a irmã pedia se alguém queria ir à frente da classe, declamar algum poema lá ia eu.

No meu terceiro ano, das series iniciais, minha mãe foi minha professora. Eu era uma menina muito falante e dinâmica. Acho que minha mãe passou trabalho comigo naquele ano! Eu tinha que ser exemplo para os demais alunos. Mas eu não obedecia, não!

Como nossa escola era da rede pública estadual, na 4ª série, veio uma professora de fora. Ela era do município de Cocal do Sul e chamava-se Odete. Não foi muito bem-vinda a nossa escola, pois havia tirado a vaga das religiosas. Eu sabia dessas coisas, pois escutava as conversas de minha mãe com as freiras. Tudo isso justificava a grande ansiedade que residia em meu coração infantil, em ser uma aluna dessa escola.

Então veio o ginásio. Correspondente hoje as últimas séries do ensino

fundamental. Meu grande sonho era poder estudar no Colégio Dom Daniel Hostin de Forquilha, hoje Sagrada Família, mas no ano de 1978, o governo estadual, após grandes lutas da comunidade, transformou a Escola Isolada Ângelo Izé em Escola Básica. Lá se foram as minhas esperanças de estudar no Colégio Dom Daniel Hostin. Então fiz o ensino fundamental ali mesmo de 1978 a 1981.

No início de 1978, começaram as ampliações do espaço físico escolar com mais duas salas de aula, departamento de educação física e sala de direção, que foi inaugurado no dia 11 de março do mesmo ano. No dia sete de junho de 1978, o Secretário de Educação assinou o Decreto n. 5.062/SEE que transformou a Escola Isolada Estadual "Sanga do Engenho" em Escola Básica Ângelo Izé. A primeira diretora da Escola Básica Ângelo Izé foi a senhora Maria Noemia Stroehler que esteve no cargo de 1978 a 1989, e as primeiras professoras foram as senhoras: Maria Noemia Stroehler (história e geografia), Antonia Zanette Denski (matemática e ciências), Ana Paulina Muller (Ensino Religioso) e Terezinha Santana Nordio (português, artes e educação física).

Nossa escola, por vários anos recebeu o prêmio de escola modelo da região. Era muito bonita, o jardim bem cuidado e na horta havia sempre muitas verduras. Esse cuidado com a escola vinha das mãos das religiosas que ali moravam e muito se dedicavam para o bom funcionamento da mesma. As religiosas se mantiveram na direção da escola por muitos anos. Por ser uma comunidade rural, a presença delas ali era algo de muito orgulho e respeito pelas famílias, não só do local, mas também das regiões vizinhas.

Figura 31 – Maria Dolores Denski, aluna da 5ª série do ensino fundamental da Escola Básica "Ângelo Izé" - Forquilha – SC – no ano de 1978.



Fonte: Acervo da autora, 1978.

Esta fotografia marca o início dos meus estudos no antigo ginásio. A bandeira como pano de fundo, a organização dos livros e minha postura na fotografia, me faz pensar o significado que o magistério tinha para a sociedade, naquele momento histórico. Esta fotografia é um exemplo de uma fotografia escolar, mostrando o uniforme usado na época, alguns livros, um globo e a bandeira do Brasil.

Costa (2010) nos afirma que: “Para ser considerada uma “lembrança escolar”, a fotografia necessitava e necessita que os símbolos que representam a educação escolar estejam presentes. Por isso, o cenário era montado usando-se o globo terrestre, livros, mapas, retratos de presidentes da república da época, bandeira. Prevalciam, em muitos, os símbolos nacionais, mostrando a relação íntima da escola com a pátria, ou o comprometimento desta com uma educação nacionalista.

As fotografias em que os símbolos nacionais e os retratos dos presidentes aparecem ao fundo são as que reportam principalmente à Era Vargas e ao tempo da Ditadura Militar. Se os fotógrafos eram, geralmente, aqueles que preparavam os cenários, podemos pensar que eles incorporaram um conceito de escola ligado ao Estado. (COSTA, 2010, p. 66).

Observa-se que os livros aparecem na fotografia são a imagem-sinônimo de livros bem cuidados.

Segundo Fischman & Cruder (2003) esta é uma imagem que, de fato, corrobora o discurso do professor, aquele que cuida dos livros, que os mantém fora do alcance das crianças, agindo como o indispensável intermediário e zelador do conhecimento na escola, o privilegiado que guarda o código capaz de decifrá-lo.

Figura 32 – Maria Dolores Denski em sua formatura do Ensino Fundamental na Escola Básica "Ângelo Izé" no ano de 1983.



Fonte: Acervo da autora, 1983.

Ao se passarem os quatro anos de ensino ginásial, veio a formatura. Como sendo uma escola gerenciada pelas religiosas a formatura além de ser uma atividade escolar também era um ato religioso que foi realizado na capela do bairro da Sanga do Engenho.

Na fotografia acima, também pode-se observar a presença da religiosa Terezinha Santina Nórdio, que por muitos anos trabalhou como secretária na Escola Básica Ângelo Izé. Estou recebendo meu diploma de conclusão do ensino fundamental.

No ano de 1982, iniciei meus estudos do ensino médio, no Colégio São Bento de Criciúma- SC, onde conclui o curso de magistério, habilitando-me a lecionar para as séries iniciais.

Figura 33 – Minha turma do 3º ano do curso de Magistério do Colégio São Bento - Criciúma - Ano de 1984. Sou a primeira da esquerda para a direita.



Fonte: Acervo da autora, 1984.

A escolha da profissão não foi algo tão simples, só tinha de certo o fato que gostava de ler e escrever, mas nem a escolha docente era algo definido ainda, pois não consegui trabalhar como professora das séries iniciais. Alias, nunca lecionei para estas séries. Acabei me inscrevendo para o curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), antiga Fundação Educacional de Criciúma (FUCRI). Um dos motivos por escolher o curso de Letras foi pelo fato do curso ser oferecido no período da tarde, naquela época, ficando mais fácil minha locomoção até a universidade. Hoje acredito ter sido a escolha mais acertada, pois na profissão que escolhi posso ajudar os outros, fazer uma docência de inclusão e ainda me dedicar à minha filha.

Ingressei no curso de Letras no ano de 1985, e desde o início senti um grande impacto diante da forma como os professores ministravam suas aulas, o seu distanciamento dos alunos, as suas provas sem relação com o conteúdo ministrado, os longos períodos de ausência a que alguns professores submetiam suas turmas. Muita troca de professores. Tive professores muito bons, mas tive também professores que não se comprometiam com a atividade docente que realizavam.

Aqui se repete a experiência que tive no ensino fundamental. Comecei a trabalhar como funcionária na Universidade. Foi uma experiência ímpar que me oportunizou o contato com excelentes professores veteranos, com larga experiência de magistério superior. Nos corredores, nos Departamentos, nos setores, em conversas com esses profissionais, hoje percebo que foram meios eficazes para a

minha formação. Muito aprendi a partir dos relatos de experiências desses professores. Como essas experiências contribuíram para formar um conjunto de aportes que hoje utilizo para superar as dificuldades, que por vezes encontro no desenvolvimento de minha atividade docente!

Na época, década de 1980, o curso de Letras desenvolvia-se, curricularmente falando, pelo sistema de créditos, razão porque pude trabalhar e estudar, fazendo menos créditos, e com cinco anos terminei o curso. Formei-me em dezembro de 1989, e submeti-me logo a um concurso para professora na rede pública estadual de Santa Catarina e fui aprovada.

Figura 34 – Turma de formandos do curso de Letras da UNESC do ano de 1989. Sou a quarta da esquerda para a direita.



Fonte: Acervo da autora, 1989.

No centro da fotografia acima se encontra a professora homenageada da Turma, professora Enedir Luiza Meller. Esta professora iniciou seus trabalhos na universidade no ano de 1972. Foi uma das primeiras professoras da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Lecionou a disciplina de Didática Geral para nossa turma. Prestou relevantes trabalhos para a UNESC, sendo um dos mais importantes a elaboração do processo de transformação das escolas superiores da antiga FUCRI em universidade, hoje UNESC. Ainda hoje trabalha na Universidade, prestando assessoria à Reitoria.

Após concluir o curso de Letras, comecei a lecionar a disciplina de Língua Portuguesa na Escola Básica Ângelo Izé, localizada no bairro de Sanga do Engenho

- Forquilha-SC. Sem dúvida, foi um grande desafio, primeiro por ser minha primeira experiência como docente, segundo porque continuei trabalhando como funcionária na universidade, tendo dupla jornada de trabalho.

O despertar para a atividade docente me estimulou a buscar mais preparo profissional. Então logo me inscrevi no curso de especialização em Língua Portuguesa, também promovido pela UNESCO, na época, FUCRI. Nesta trajetória, a pós-graduação, que foi realizada quando eu já estava na atividade docente, trouxe-me uma disciplina direcionada para a docência em Língua Portuguesa, proporcionando-me a oportunidade de conciliar o que aprendia no curso com minha prática em sala de aula.

Esse curso me apresentou muitas informações relevantes para o cotidiano da sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa. Tive a disciplina de Fonética e Fonoestilística, Sintaxe da Oração, Sintaxe do Período, Sintaxe do Vocábulo, Didática da Língua Portuguesa e Avaliação do Rendimento Escolar.

Várias experiências e vivências práticas colaboraram e colaboram para a construção do conhecimento especializado pertinente ao meu ser professor. No dia-a-dia da sala de aula dos professores, trocando experiências, escutando as histórias dos que têm maior tempo de docência, verificando como os colegas solucionam as suas próprias dificuldades diante do ambiente inusitado e mutável da sala de aula, vou construindo um conjunto de instrumentos para o enfrentamento de problemas similares que enfrento e que futuramente poderei enfrentar.

Também a conversa com os alunos e as avaliações discentes me proporcionam perceber um novo olhar sobre a minha prática, o olhar daqueles a quem ela é direcionada, muitas vezes a colocação dos alunos já me possibilitou mudar meus métodos de abordagem e solucionar problemas no direcionamento de minha sala de aula, que talvez não tivesse acontecido, sem o necessário *feedback*.

Ao cursar o Mestrado em Educação, este me possibilitou uma série de novas reflexões sobre a prática docente. O curso em referência orientou-me na atividade de pesquisa e a ter rigor e disciplina ao estudar para a realização das atividades propostas, viabilizando-me, também, uma singular oportunidade, que foi revisitar, e dar impulso ao processo de desenvolvimento profissional, levando-me a mudar a minha atividade docente e a buscar não apenas estudos na área objeto do meu ensino, mas também a rever necessidades de aprimoramento relativas à atividade docente.

Entendo que o meu “ser professora” não está concluído, pois a construção da minha profissão é um processo constante que vai muito além da última aula realizada, porque ser professor a meu ver é carregar consigo a função que exerce, fortalecendo continuamente e ampliando-a através de continuados processos formativos, que por sua vez, ampliam nossa percepção do ser um professor de profissão. Na verdade, a compreensão que tenho a esse respeito, converge para o que tão apropriadamente diz Arroyo (2000, p. 124):

Carregamos a função que exercemos, que somos, e a imagem de professor (a) que internalizamos. Carregamos a lenta aprendizagem de nosso ofício de educadores, aprendendo em múltiplos espaços e tempo, em múltiplas vivências.

Hoje tenho consciência que a construção da imagem de professor que internalizo, foi construída desde minha infância, como pode ser constatada pelas narrativas de minha vida. Também carrego esta lenta aprendizagem de meu ofício de educadora, aprendizagem essa construída em muitos espaços e tempos.

ANEXO C - Certidão de nascimento



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



*Handwritten signature and scribbles.*

REGISTRO CIVIL

ESTADO DE SANTA CATARINA

MUNICIPIO DE ARARANGUA COMARCA DE ARARANGUA

DISTRITO D. ARARANGUA

NASCIMENTO N° 7.163 - -

WALDEMAR PACHECO = = = = = Oficial do Registro Civil.

CERTIFICO que a fls. 214 - - do livro n° 25-A - - de Registro de Nascimentos foi feito o assento de " OTILIA DELCI CANELLA " - - - - -

- - - - - nascido em 21 de agosto - - - - - de 1927, às doze horas, em este distrito

do sexo feminino - - , de cor branca - - , filha de Francisco Canella

e de Luiza Napoli Canella

Avós paternos José Canella

e Carolina Canella

Avós Maternos Miguel Napoli

e Otilia Napoli

Foi declarante o próprio pai e serviram de testemunhas Sebastião Costa Pereira e Quirino Nunes Filho

Observações: Registro lavrado em 5/1/1941. - 2º. e B. Cr\$ 80,00

O referido é verdade e dou fé.

ARARANGUA 18 de janeiro - - - - - de 1964.

*Handwritten signature of Waldemar Pacheco*  
Oficial do Registro Civil

18 JAN 1964

*Handwritten signature and official stamp of the Civil Registry.*

**ANEXO D – Justificativa ao Projeto de Lei n. 014/2007**

## JUSTIFICATIVA AO PROJETO DE LEI nº 014/2007

Existe um motivo de grande relevância para a alteração da nomenclatura da Escola de Educação Básica Municipal Meleiro. Como forma de reconhecimento dos grandes serviços prestados a Educação Pública do município, e principalmente em tempos de dificuldades e escassez de verbas públicas para custear a educação, é que entendemos que a escola deve passar a chamar-se “Escola de Educação Básica Municipal Inês Tonelli Napole”.

A Sra. Inês Tonelli Napoli é natural de Tubarão (Azambuja) nasceu, no dia 10 de maio de 1900, filha de Luiz Tonelli e Luiza Salvador Tonelli. Formou-se professora normalista na capital do estado aos 18 (dezoito) anos de idade. Ainda solteira, lecionou em São Martinho, Azambuja. Aos 20 de dezembro de 1919, casou-se, na cidade de Nova Veneza com Arnaldo Napoli, não teve filhos biológicos, porém o casal adotou 10 (dez) crianças. Foi a primeira professora de Nova Veneza no período de 1918 à 1920 nomeada pelo então governador Senhor Hercílio Luz.

**Em Meleiro**, foi a primeira funcionária Pública.

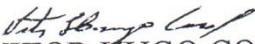
No dia 16 de maio de 1922 iniciou a atividade de magistério em Meleiro, tendo sido a primeira professora da cidade, permanecendo neste mister, por longos 11 (onze) anos, desta forma, contribuindo para a alfabetização e formação de muitos cidadãos meleirenses.

Os mais antigos contavam que os primeiros alunos tiveram suas aulas na igreja de Meleiro, e por volta de 1925, com a organização da Comunidade, já desenvolvida foi construída, a primeira escola, passando a chamar-se “Escola Pública de Meleiro”, tendo como primeira professora a Sra. Inês Tonelli Napoli.

Em 1939 foi removida a pedido para a Escola de Volta da Silveira em Araranguá.

A senhora Inês faleceu aos 18 de maio de 1990.

Meleiro, 15 de maio de 2007.

  
VITOR HUGO CORAL  
PREFEITO MUNICIPAL

ANEXO E – Grupo Escolar Castro Alves

IMPORTANTE: A aluna OTÍLIA DELCI CANELA frequentou a 4ª série primária neste estabelecimento de ensino tendo sido aprovada com distinção, ou seja, obteve o 1º lugar. Igual distinção obteve na 4ª série do Curso Normal Regional.

ARARANGUÁ, 27 de Maio de 1969

E. PELEGRINI

*Iracy Santa Lúcia Vieira*  
Iracy Santa Lúcia Vieira - Diretora

Reconheço ser \_\_\_\_\_ do \_\_\_\_\_ próprio \_\_\_\_\_  
a \_\_\_\_\_ assinatura \_\_\_\_\_ indicada \_\_\_\_\_  
o que dou fé \_\_\_\_\_  
Em test. \_\_\_\_\_ da verdade.  
Araranguá, 10 de Junho de 1969  
*Edevaldo Pelegrini*  
2º Tabelião



### ANEXO F – Declaração de Conclusão do Curso Normal



ESTADO DE SANTA CATARINA  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
DIRETORIA DE ENSINO  
COLÉGIO NORMAL «BARÃO DE ANTONINA»

N. .... Mafra,

#### DECLARAÇÃO

Na qualidade de Diretor do Colégio Normal "Barão de Antonina" da cidade de Mafra, DECIARO, que Otilia Delci Canella concluiu o Curso Normal (2º ciclo) no ano de 1953, obtendo a 1ª. colocação.

Mafra, 17 de fevereiro de 1966

RE

*Nivaldo Lang*  
Nivaldo Lang : Diretor

CONHEÇO a FIRMA de Nivaldo Lang <sup>supra</sup> ANNIBAL SCHULTZ  
1.º Tabelião  
D. ANIBAL SCHULTZ PEREIRA  
sorevente Juramentada.  
MAFRA  
Santa Catarina

DOU FÉ.  
MAFRA, 17 de fevereiro de 1966

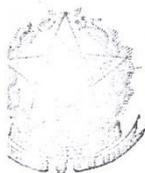
*De 285*  
*ferris = 280 horas.*

Em teste ..... da verdade.

O TABELIÃO

de Aníbal Schultz

## ANEXO G – Atestado de Boa Conduta



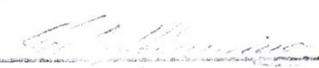
## PREFEITURA MUNICIPAL

RIO NEGRO — ESTADO DO PARANÁ

## A T E S T A D O

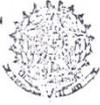
Atesto para os fins de direito, que a Srta. CELIA DELCI CANELLA exerceu nesta Cidade as funções de professora no Ginásio Dr. Caetano Munhoz da Rocha e da "Escola Ballet Rio Negro-Mafra" nos anos que a mesma conviveu em Rio Negro, demonstrou possuir ótimas aptidões, como educadora dedicada e mereceu nesta Cidade a amizade de todos que tiveram a felicidade de conhecê-la e desejo que a mesma tenha a mesma sorte em sua nova residência, pelo seu alto valor.

Rio Negro, 28 de Dezembro de 1957

  
Celso Antonio Henning

Prefeito Municipal.

# ANEXO H – Atestado que ministrou disciplina Educação Física



M - 1

## Estado do Paraná

GINASIO ESTADUAL "DR. CAETANO MUNHOZ DA ROCHA"

N.º

Rio Negro - 30 de Dezembro de 1957.



### A T E S T A D O

Atesto, a pedido verbal da parte interessada, que a Profª. OTILIA DELCI CANELLA, Professora Suplementarista de Ginásio Estadual Dr. Caetano Munhoz da Rocha, da disciplina de Educação Física, possui a autorização nº 1.655/57 da Divisão de Educação Física para ministrar a referida disciplina e seus documentos de Inscrição aos Exames de Suficiência, acham-se protocolados no Ministério da Educação sob o nº 94.339/57

Rio Negro de Dezembro de 1957  
José Gribosi

Prof. José Gribosi  
Diretor de Ginásio

*Handwritten signature and notes in the left margin.*

Bootheco verdadeira - a firma de  
*supra de José Gribosi*

com a  
Rio Negro, 30 de Dezembro de 1957

*Handwritten signature: Leoni Pereira*



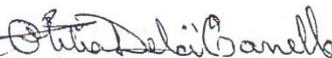
FIRMA NO TABELADO  
E. SUP. COM. L. 177-8. PAULG



**ANEXO I – Declaração conclusão Curso Ballet**D E C L A R A Ç Ã O

Em vista da impossibilidade de apresentação do Certificado da Escola de Ballet da Sociedade Thalia, da cidade de Curitiba, Estado do Paraná, como título de natureza cultural-artística, por não ter o mesmo sido fornecido pela Direção da referida Escola, o referido Certificado de conclusão do Curso de Ballet é suprido por fotografias em número de 80 (oitenta) e programas de Festivais de Ballet, - como prova inequívoca de minha conclusão do referido Curso.

Florianópolis, 2 de março de 1966.



Otilia Delci Canella

## ANEXO J – Reportagem do 2º Festival da Escola de Ballet

# 2º festival da Escola de Ballet

Levado a efeito com raro brilhantismo pela professora srta. Otilia Delci Napoli Canella, o 2.º Festival da Escola de Ballet, realizado no Cine Rio Negro nos dias 19 e 20 do corrente, revestiu-se de pleno êxito.

Tomaram parte no aplaudido festival as seguintes alunas da Escola de Ballet de Rio Negro e Mafra: do 1.º ano — Scheli Terezinha Cordeiro Moreira, Ielêia Maria Lopes Saliba, June Ethne Cordeiro Moreira, Lais Maria Müller e Lizele Martelo; do 2.º ano — Ruth Maria Rauen Chaves, Regina Célia Henning e Wilma Becker; do 3.º ano — Eneida de Castro Brandeburgo, Josi Camargo Monteiro, Maria Beatriz Procopiack Saporilli, Mara Chefer., Nadja-Naira Borges,

Regina Barbosa e Regina Flemming; do 4.º ano — Aneci Maria Consentino, Carmém Lúcia Bley Martins, Djaura de Moraes, Elca Suzana Mamber, Lenir Rodrigues, Maria Alice Monteiro, Maria Luiza Brandeburgo, Nanci Flemming, Norma Pereira Fraxino, Roseli Maidl, Rachel Stencel, Scheila Stencel, Sônia-Mara Borges e Zuleica França.

Proporcionando-nos duas noites de arte e beleza as alunas da Escola de Ballet de Rio Negro e Mafra fizeram realmente jus aos aplausos que receberam da seleta assis-

tência que superlotou as dependências do Cine Rio Negro, tendo mesmo de bisar alguns dos números executados.

Por duas vezes foi a professora Otilia Delci Napoli Canella homenageada pelas alunas da escola que tão bem soube dirigir e também, pelos representantes do Rotary Clube de Rio Negro e do Rotary Clube de Mafra.

Nossos parabéns à professora e às alunas de Ballet de Rio Negro e Mafra, pelo êxito alcançado com essas duas noitadas de arte e beleza que nos proporcionaram.

## Quando anoitecer

RIO (Argus-Press, do Padre João Botelho) — Que fazes quando anoitece? A noite foi feita para o repouso e a meditação. Deus retira as cores das coisas, Deus faz que os objetos pereçam, à nossa vista as próprias formas para não

## Miss Paraná visitará Rio Negro



## ANEXO K – Convite 2º Festival da Escola de Ballet

### Convite

Professora e alunas da «Escola de Ballet Rio Negro - Mafra», sentir-se-ão honradas com a presença de V. S. e Exma. Família, na apresentação do «2.º Festival de Ballet», conforme programa anexo.

### Agradecimento

À diretoria do Clube Rionegrense, que gentilmente pôs a nossa disposição seu magnífico Clube, minha gratidão.

Um agradecimento especial deixo consignado a todos os que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste festival.

#### AS MINHAS QUERIDAS ALUNAS

Após 4 anos de convívio feliz com vocês, muito as quero e, para onde fôr, irão comigo em suave e doce recordação, pois, em minha alma, sempre estarão dançando o eterno bailado da saudade.

Neste festival de despedida meus sinceros agradecimentos extensivos às suas queridas mães pela preciosa colaboração.

Otilia Delci Napoli Canella

**ANEXO K1 – Programa**

Programa



Pianista :

Srta. Marlene Schuster



Direção, coreografias, cenários, modelos do guarda-roupa :

Otilia Delci Napoli Canella



## ANEXO K2 – 1ª Parte

### I. PARTE

#### Apresentação das alunas

Sonata ao Luar (Beethoven op. 27 - Adagio)

Pianista: Exma. Sra. Prof.ª Eucharix de Souza.

- 1.º - Noturno op. 9 n.º 2 (F. Chopin)  
Bailarina: Norma Pereira Fraxino.
- 2.º - Polka - dança cômica (J. Strauss)  
Bailarinas: Djaura de Moraes e Ruth Maria Chaves.
- 3.º - Minuet (J. Paderewsky)  
Bailarinas: Aneci Maria Consentino, Encida de Castro Brandeburgo, Josi Camargo Monteiro, Lizete Martello, Maria Beatriz Saperitti, Mara Chefer, Nadja-Naira Borges, Regina Flemming.
- 4.º - A galinha e seus pintinhos (Straabog)  
Bailarinas: Sheili Terezinha Cordeiro Moreira, Ielêa Maria L. Saliba, June Ethne C. Moreira, Lais Maria Müller.
- 5.º - Valsa Azul (Alfred Margis)  
Bailarinas: Roseli Maidl, Zuleica França.
- 6.º - Princesinhas de Porcelana (A. Czabulka)  
Bailarinas: Djaura de Moraes, Elco Suzana Mamber, Maria Alice Monteiro, Maria Luiza Brandeburgo, Nanci Flemming, Regina Barbosa.
- 7.º - Sonho de Amor (Listz) - ao piano Prof.ª Eucharix de Souza  
Bailarinas: Rachel Stencel, Sheila Stencel.
- 8.º - Czardas (V. Monti)  
Bailarinas: Carmen Lucia Bley Martins, Lenir Rodrigues, Norma Pereira Fraxino, Sônia-Mara Borges.
- 9.º - A Morte do Cisne (Camille Saint-Saëns)  
Bailarina: Roseli Maidl.

**ANEXO K3 – 2ª Parte****2.ª P A R T E**

- 1.º - Luzes da Ribalta (Charles Chaplin)  
Bailarina: Sônia-Mara Borges.
- 2.º - Tantoli (Hendriscka) e Polka Infantil (F. G. Gaelzer)  
Bailarinas: Sheili Terezinha C. Moreira, Iclêa Maria L. Saliba, June Ethne C. Moreira, Lais Maria Müller.
- 3.º - Valsa das Flôres (Peter Ichaikovski)  
Bailarina: Zuleica França.
- 4.º - Os dois pallacinhos (Beethoven)  
Bailarinas: Aneci Maria Consentino, Elca Suzana Mamber.
- 5.º - Canção das Flôres (Gustav Lange)  
Bailarinas: Djaura de Moraes, Maria Alice Monteiro, Regina Célia Henning, Vilma Ocker (solista), Carmen L. B. Martins.
- 6.º - Vida de Artista (J. Strauss)  
Bailarinas: Lenir Rodrigues, Ruth Maria R. Chaves, Roseli Maidl, Zuleica França.
- 7.º - Mazurka (By Louis Ganne)  
Bailarinas: Rachel Stencel, Scheila Stencel.
- 8.º - As borboletas - Canção da Primavera de Mendelsshon.
- 9.º - Fôlhas (Joseph Kosma) - (Fôlhas Mortas)  
Bailarinas: Norma P. Fraxino, Roseli Maidl, Sônia-Mara Borges, Zuleica França.



## ANEXO L – Diploma Escola de Artes



REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
 UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL  
 ESCOLA DE ARTES

O Diretor da Escola de Artes, da Universidade do Rio Grande do Sul, tendo presente o termo de colação de grau de Pintura (Artes Plásticas) conferido no dia 12 de dezembro de 1963, a

**Otilia Delci Canella**

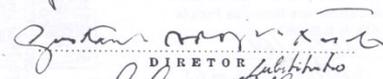
*filha de Francisco Canella e de Luiza Napoli Canella, nascida a 21 de agosto de 1923, natural de Araranguá, Estado de Santa Catarina, em virtude de conclusão do respectivo curso a, 12 de dezembro de 1963 e, usando da autoridade que lhe conferem os Estatutos da Universidade, mandou passar-lhe o presente diploma de*

*Pintura (Artes Plásticas)*

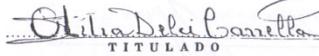
*para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas concedidos a este título pelas leis da República, o qual é assinado pelo Reitor e Secretário da Universidade, Diretor e Secretário da Escola de Artes e pelo Titulado.*

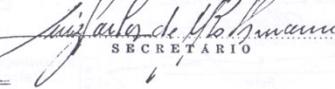
Porto Alegre, 13 de agosto de 1964

  
 REITOR

  
 DIRETOR

  
 SECRETÁRIO

  
 TITULADO

  
 SECRETÁRIO

## ANEXO M – Diploma Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS)



REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
 UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL  
 FACULDADE DE FILOSOFIA

O Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, tendo presente o termo de colação de grau de Licenciado, conferido no dia 21 de dezembro de 1964, a

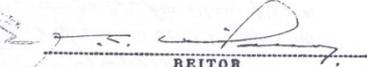
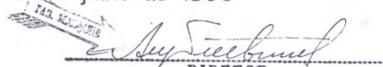
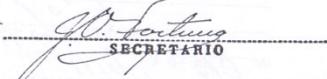
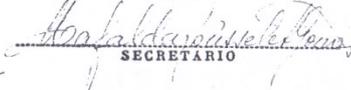
**Otilia Delci Canella**

filha de Francisco Canella e de Luiza Napoli Canella, nascida a 21 de agosto de 1923, natural de Araranguá, Santa Catarina, em virtude de conclusão do respectivo curso a 21 de dezembro de 1964 e, usando da autoridade que lhe conferem os Estatutos da Universidade, mandou passar-lhe o presente diploma de

*Licenciado em Desenho*

para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas concedidos a este título pelas leis da República, o qual é assinado pelo Reitor e Secretário da Universidade, Diretor e Secretário da Faculdade e pelo Titulado.

Porto Alegre, 20 de julho de 1965

 REITOR	 DIRETOR	
 SECRETÁRIO	 TITULADO	 SECRETÁRIO

**ANEXO N – Instituto Estadual de Educação – Atestado**



# INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

Florianópolis

Santa Catarina

## A T E S T A D O

A T E S T A M O S, para os devidos fins e efeitos, a requerimento da parte interessada, que OTILIA DELCI CANELA foi Professora deste estabelecimento de ensino e do seu curriculum vitae consta o seguinte: pela Portaria nº 32 de 03/04/65 do Sr. Reitor do Instituto Estadual De Educação Dias Velho foi designada para exercer a função de Professora de DESENHO-Curso de Nivel Médio a contar de 01/03/65; - em 01/04/66 celebrou Contrato de Trabalho com a Universidade Para o Desenvolvimento do Estado De Santa Catarina para ministrar aulas de DESENHO, contrato esse ratificado pela portaria nº 108/66 de 06/04/66 da mesma Universidade; em Comunicação de 02/07/65 da Inspeção Seccional fomos comunicados de que a requerente a esta altura era licenciada em DESENHO pela Faculdade De Filosofia Universidade Do Rio Grande Do Sul para lecionar durante o ano letivo de 1965 a disciplina de DESENHO (1º e 2º ciclos); - pela Portaria nº IEE-39/66 de 16 de novembro de 1966 foi designada, como integrante da Equipe que organizou e dirigiu trabalhos da Semana Da Normalista que teve notável sucesso participando, assim, para o aprimoramento das finalidades do I E E e das Instituições escolares vigentes; pela portaria nº 1803 de 07/12/66 do Excelentissimo Senhor Governador do Estado, foi autorizada a ministrar DESENHO no curso de Treinamento de Professores promovido pela CADES; - pela Portaria nº 71, de 01/04/68 foi designada para a função de Professora de Nivel Médio (DESENHO) a contar de 01/04/68; - foi autorizada pela Direção Geral, a pedido da Comissão de Implantação do Plano Estadual de Educação, a participar do trabalho referente a elaboração do Currículo e Programas do Curso Pedagógico; - por solicitação da Universidade Para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina através do seu officio TIPEE/25/69 de 01/09/69 foi dispensada dos trabalhos deste I E E no periodo de 1º de Setembro a 15/09/69 no horario de 7,30 às 12,00 de 2ª a 6ª feira a fim de participar dos trabalhos de elaboração do Currículo e Programa do Ciclo Médio; - pela portaria nº 207 de 24/08/70 foi dispensada da função de Professor de Nivel Médio (EDUCAÇÃO ARTISTICA) a contar de 21/08/70 para as quais fora designada pela Portaria nº DP/58 de 30/03/71 foi designada para exercer as funções de Professora de Nivel Médio (DESENHO) a contar de 01/03/71; - de acordo com o decreto nº P/4.056/71 - S.E.E. de 07/12/71 enquadrada, por acesso, ao cargo de Professora Ciclo Médio Padrão PF-17; - através da Comunicação De Serviços nº 023/72 foi designada para ministrar aulas excedentes de DESENHO; - pelo Decreto P/1577/73/S.E.E de 19/03/73 foi aposentada no cargo de Professora de Ciclo Médio Padrão PF-17 do Quadro Geral Do Poder Executivo.

ATESTAMOS mais que a nota da requerente quando se submeteu ao concurso de Titulos em 1966, foi 86,0 e classificada em primeiro lugar e ainda que a requerente se submeteu a Exame Psicotécnico realizado, também em 1966.

E, por ser verdade passamos o presente atestado.

Florianópolis, SC. 06 de Maio de 1976

V I S T O - Em 06/02/76

Diretor Geral

CAETANO FACHIN  
Diretor Geral do IEE  
Autorização nº. 22/SEE/76

NIVAL PINTO DE ANDRADE  
Chefe Serviço de Pessoal IEE

**ANEXO O – Secretaria da Educação – Atestado de tempo de serviço**

ESTADO DE SANTA CATARINA  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO  
UNIDADE DE ADMINISTRAÇÃO DE PESSOAL  
SUBUNIDADE DE DIREITOS E OBRIGAÇÕES



A T E S T A D O

Atestamos para os devidos fins que OTILIA DELCI CANELLA, matrícula nº 051.795, exerceu atividades como professora no período de 13.04.42 a 19.03.73, perfazendo um total " de 30 (trinta) anos, 11 (onze) meses e 06 (seis) dias de serviços prestados a Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina .

Florianópolis, em 22 de maio de 1985.

Ineide Sombrio Uliano  
Chefe SUDOB-UNAP-SE

## ANEXO O1 – Estado de Santa Catarina – Decreto P/4.056/71/SEE

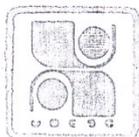


Estado de Santa Catarina

DECRETO P/4.056/71/SEE.

**O Governador do Estado**, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 93, item VII da Constituição, Resolve ENQUADRAR por acesso, de acôrdo com o artigo - 13, da Lei nº 4.441, de 21 de maio de 1970, a Senhora OTÍLIA DELCI CANELLA, Professor do Ciclo Básico I, PF-7, no cargo de Professor de Ciclo Médio, Padrão PF-17, do Grupo Ocupacional - Educacional da Secretaria da Educação. ///

Florianópolis, em 7 de dez. de 1971.

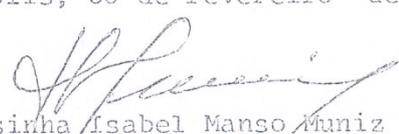
**ANEXO P – FESC – UDESC – Certidão de tempo de serviço**

fesc — udesc

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

C E R T I D ã O

CERTIFICO, a requerimento da parte interessada e tendo em vista o que consta de nossos arquivos, que a Professora OTÍLIA DELCI CANELLA ministrou aulas no curso de Educação Artística - 1º Grau em regime intensivo, no período de outubro de 1972 a julho de 1973. Outrossim certifico, que a mesma ministra aulas nesta Faculdade como professor Titular na disciplina Técnicas de Expressão e Comunicação Visual I e II a partir de 2º Semestre do ano letivo de 1975, permanecendo até a presente data. Nada mais. Todo o referido é verdade. Eu, *BOA* funcionária, com exercício na Secretaria, colhi os dados e datilografei a presente Certidão, que vai aqui assinada pela Sra. Diretora. Florianópolis, 08 de fevereiro de 1977.

  
Teresinha Isabel Manso Muniz  
DIRETORA

**ANEXO Q – Fundação Educacional de Santa Catarina**  
**Atestado de tempo de serviço**



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE SANTA CATARINA — FESC  
UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

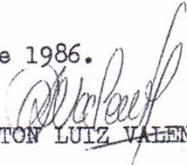
CENTRO DE ARTES



A T E S T A D O

ATESTAMOS para os devidos fins que a Professora Otilia Delci Canella, pertence ao quadro de professores do Centro de Artes da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina - UDESC, desde 1974 e, que a mesma lecionou no período de 05 (cinco) semestres, de 1982 a 1985, as disciplinas seguintes: Didática Especial de Artes Plásticas e Prática de Ensino.

Florianópolis, 09 de Dezembro de 1986.

  
MILTON LUIZ VALENTE

Diretor Geral do CEART

**ANEXO R – Fundação Educacional de Santa Catarina – Portaria n. 17/80**

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE SANTA CATARINA — FESC  
UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE SANTA CATARINA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

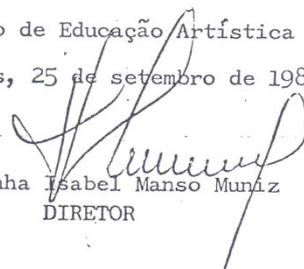
P O R T A R I A Nº17/80

A professora TERESINHA ISABEL MANSO MUNIZ, Diretora da Faculdade de Educação da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, no uso de suas atribuições, resolve

D E S I G N A R

Os professores DIMAS ROSA, CARLOS LUCAS BESEN, NANCY TERESINHA BATISTOTTI, MARIA BERNADETE CASTELAN PÓVOAS, DILSA DÉLIA DUTRA, OTÍLIA DÉLCI CANELA para sob a presidência do primeiro, comporem comissão para procederem estudo para reestruturação do Curso de Educação Artística desta Faculdade.

Florianópolis, 25 de setembro de 1980.

  
Teresinha Isabel Manso Muniz  
DIRETOR

**ANEXO S – Universidade Federal de Santa Catarina – Declaração**

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE - CAIXA POSTAL 476  
CEP. 88049 - FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA  
TEL. (0482) - 33.1000 - TELEX: 0482 240  
DEPARTAMENTO DO PESSOAL

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, a pedido da parte interessada, para os devidos fins, que a Professora OTILIA DELCI CANELLIA, admitida nesta Universidade em 1º de abril de 1967, ocupa o emprego de Professora Assistente - Referência IV, em regime de 40 horas semanais de trabalho, da Tabela Permanente, lotada no Departamento de Artes do Centro de Comunicação e Expressão.

Florianópolis, 3 de dezembro de 1986.

*Olcinéia Peixoto*  
**Olcinéia Peixoto**

Chefe da Seção de Cadastro, Lotação e Movimentação

VISTO:

*Nilton Parma*  
**NILTON PARMA**  
Diretor do Departamento do Pessoal  
U : S C

**ANEXO T – Universidade Federal de Santa Catarina – Atestado de tempo de  
serviço Colégio de Aplicação – UFSC**

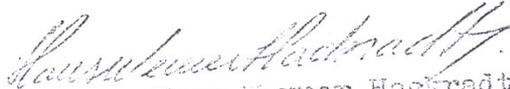


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – COLÉGIO DE APLICAÇÃO

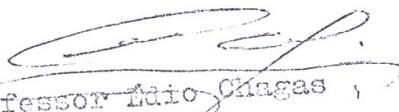
A T E S T A D O

ATESTAMOS, para os devidos fins que OTILIA DELCI CANELLA, lecionou no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, na cadeira de Educação Artística, na categoria de professor-contratado, no período de 1º de abril de 1967 a 30 de julho de 1970.

Florianópolis, 23 de maio de 1973

  
Professor Hans Werner Hackradt  
Diretor do C.A.

VISTO:

  
Professor Paulo Chagas  
Diretor do CED.

## **ANEXO U – Apresentação de Exposição**

### faculdade de filosofia

**diretório acadêmico oito de setembro apresenta**  
o diretório acadêmico oito de setembro apresenta os jovens expositores e cumprimenta-os pelo elevado espírito de cooperação às suas iniciativas.

esta mostra de pintura é um início louvável de longo e laborioso itinerário que é a arte. reflete o resultado da pesquisa feita em um ano, em horário extra-escolar.

os oito jovens expositores, que anseiam por frequentar uma escola superior de belas artes são autodidatas, buscam um caminho de expressão mais pessoal, acreditam na importância da cultura artística e procuram firmar-se comunicando-se com o público para ouvir-lhes a opinião.

esta primeira exposição quer ser o início de uma tradição a ser renovada cada ano e uma oportunidade que o diretório dá aos que pintam, como incentivo ao desenvolvimento de seus pendores.

jalme sprícigo

presidente do diretório

acadêmico oito de setembro

### ginásio de aplicação

#### cadeira de educação artística apresenta

Tôda a criança, desde cedo, sente necessidade de se expressar.

Ela não possui consciência de seus propósitos, de seus desejos e nem dispõe de meios técnicos para fazê-lo.

É mais uma necessidade de extravazamento do que uma intenção de dizer algo.

Existe uma dinâmica psico-fisiológica nessas manifestações que impede a criança de ter uma clara visão de sua finalidade expressiva.

Ela descobre a sua técnica à medida que vai precisando, desordenadamente.

É uma descoberta inconsciente, mas vai constituindo uma bagagem de conhecimentos artísticos a seu modo.

Acaba sempre se adaptando às necessidades expressivas. Faz brotar de si mesma uma solução afetiva emocional e, seria inútil intervirmos em sua liberdade de expressão.

Esta mostra é despida de pretensão de que nossos alunos façam arte. O que nos importa não é a qualidade de seus trabalhos, mas o direito de expressão que todos têm.

No seu anseio de vida, a criança e o adolescente, não tomam conhecimento das coisas sabidas e ordenadas pela consciência dos adultos. Admiram as estrelas, gostam da lua, brincam com a luz do sol, tôdas as grandes coisas do cosmos as impressionam. Esse modo amável de encarar os mitos se reflete nos seus trabalhos. É uma integração perfeita. A descoberta de formas, o encantamento das côres, o sussurrar do vento e a orquestração das aves, fazem com que vivam num mundo misterioso e divino.

Tôda criança que se dedica a um meio qualquer de expressão artística e sempre rica em capacidade de sentir, perceber, interpretar, criar e amar a vida. Dá às coisas do mundo que a cerca um significado transcendental e sublime. O que a Cadeira de Educação Artística pretende não é a revelação de artistas e a seleção de alunos dotados ou não dotados, todos têm igual direito de expressão. Terá por objetivo formar adolescentes mais ajustados emocionalmente, mais seguros, mais sensíveis à beleza, tornando-se valôres capazes de adaptar-se e integrar-se melhor à sociedade.

Ao tentarem se revelar, captando uma visão original do mundo que as cerca não tenham outro propósito se não o de lutar para firmarem de modo positivo a sua existência espiritual.

Delci Canella

### expositores

carmem lima e silva

1 a 6

carlos césar souza

7 a 12

josé castilho

13 a 15

luci carmem fávero

16 a 19

maria da graça c. lima

20 a 24

martha duarte pereira

25 a 29

paulo araujo

30 a 33

silvia de haro

34 a 39

Rosalra Gil Marquez

91 a 96

### expositores

ivo silva

40 a 55

ilson rodrigues

56 a 58

gilberto varela

59 a 61

josé adelino alves

62 a 64

daniel costa

65 a 67

josé luiz lueneberg

68 a 71

paulo césar bravo

72 a 74

eliane rangel

75 a 78

liliane boabaid

79 a 81

norberto d. da silva

82 a 84

joris de oliveira

85 a 87

carlos aderito

88

giovani gerber

89

jorge luiz adriano

90

## ANEXO U1 – Apresentação de Exposição – Nildo Martins

UFSC — SRAOE

Departamento Assuntos Estudantis  
Setor de Manifestações Artísticas

APRESENTAM:

# NILDO MARTINS

SALÃO DE ENTRADA DA REITORIA

DE 22/10 a 4/11



# NILDO MARTINS

### APRESENTAÇÃO

Linhas ondulantes descrevem o ritmo e a harmonia das formas, levam o artista a penetrar nos insondáveis caminhos da arte hodierna à procura do absoluto.

Na fuga da realidade, as imagens se alteram e o artista observa: "Ao terminar um trabalho surpreendo-me; os cabelos dos meus personagens passam do castanho ou preto, para o verde, azul ou vermelho; as estrelas já não ficam no seu devido lugar.

O colorido tropical, o contato com a natureza me fascinam, mas ao transpor todo este espetáculo para a tela, altero suas formas".

Nildo Martins, jovem artista catarinense, 24 anos, acadêmico de história na UFSC, traz

o incentivo das escolas secundárias onde realizou as primeiras exposições.

Atualmente, passa por uma fase de busca e anseia por definir seu estilo. Se expressa com impulsividade: menor controle do consciente e maior atividade do subconsciente que o levam a uma tendência surrealista.

A figura humana, o colorido tropical, acentuam-se nos seus trabalhos: cria uma mulher mais humana que bela, canta a beleza do ventre materno numa época em que a tecnologia quer substituí-lo por tubos de ensaio.

Nildo traz consigo a convicção de se encontrar na carreira de artista plástico e pretende realizar-se como criatura humana.

Otilia Delci Canella

### EXPOSIÇÕES

1972 — 2º lugar — Desenho — 1º SAART do Instituto Estadual de Educação de Florianópolis.

1973 — 1º lugar — Desenho — 2º SAART do Instituto Estadual de Educação de Florianópolis.

1974 — Desenho e Pintura. Coletiva da Terceira Feira de Ciência Brasileira de Blumenau.

1975 — Desenho e Pintura. Coletiva no Centro de Educação — UDESC.

— Desenho e Pintura — Coletiva Jovem Artista Catarinense — Galeria "Garage 2" de Florianópolis.

— Individual de Desenho. Sala de Artes da Biblioteca Municipal, Bento Munhoz da Rocha, Maringá — Paraná.

1976 — Desenho e Pintura Coletiva de Artistas Plásticos Catarinenses, Diretur de Florianópolis.

### Pinturas

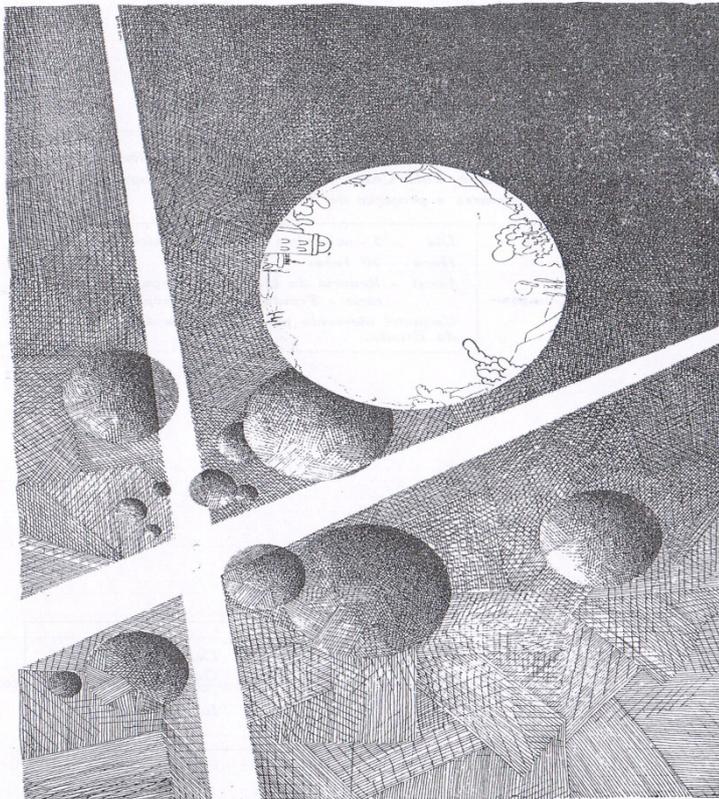
Acrílico sobre Eucatex:

- 1 — Frutas Mortíferas
- 2 — Frutas Alegóricas
- 3 — Torso de Mulher com Natureza Morta
- 4 — Natureza Morta
- 5 — Mulher Frugal
- 6 — Grauides
- 7 — Paisagem Catarinense
- 8 — Moça Espantosa
- 9 — O Mágico
- 10 — Fruta com Chapéu
- 11 — O Pássaro Cor de Rosa
- 12 — Carnaval

### Desenho Água Forte e Guache

- 1 — Decisão
- 2 — Estaqueador de Pensamento
- 3 — Levando uma flor
- 4 — Homem Petrificado
- 5 — O Animal
- 6 — Amor Materno
- 7 — Liberdade
- 8 — O Ventre
- 9 — Moça
- 10 — Os Mareantes Silenciosos
- 11 — Mulher Imóvel
- 12 — Vegetariana
- 13 — Os Gêmeos

## ANEXO U2 – Apresentação de Exposição



### CONVITE:

O Setor de Manifestações Artísticas do DEAE da Sub-Reitoria da OEA da UFSC e Luiz Costa convidam para a inauguração de exposição de pinturas e projeção de Slides.

*Dia - 5 - novembro - 1976 - (6ª. feira)*

*Hora - 20 horas*

*Local - Reitoria da UFSC - Campus Universitário - Trindade - Florianópolis*

*Coquetel oferecido pela Secretaria de Educação do Estado.*

*Mui diretamente,*

*Delci Canella  
Gobbi & Filippini  
e  
Ivo Silva*

*Muito obrigado.*

Uma sinfonia de cores, uma sinfonia de beleza percorre amplos e ensolarados campos, sobe as montanhas, conquista o espaço e no mais significativo ponto, na linha mestra da composição, o artista encontra sua expressão máxima.

O seu cromatismo contagiante, de uma luminosidade evocadora, fala por si mesmo: há como que uma sugestão de prece, plena de vida e esperança nas pinturas de Luiz Costa.

É a juventude na busca de novos horizontes; é o homem que se recria como elemento poético.

Recria o meio ambiente, retorna à natureza, valoriza os verdes, ameniza as tempestades com nuances de rosas e lilases.

Busca o cosmos: o macro e o micro.

Procura a paz no silêncio das aldeias como se quizesse repetir com Tolstoi:

"Conhece tua aldeia e serás universal".

Significativas foram suas primeiras composições plásticas, quando em 1971, no Centro de Estudos Básicos da UFSC, procurou maiores contactos com aulas de composição e cores.

Nessa época, entusiasta e dinâmico impulsionou o Setor de Manifestações Artísticas, participou de coletivas de Artes Plásticas e dirigiu o sub-setor de Teatro.

Significativa foi sua perseverança: alcançou o elevado ponto da criatividade através de uma longa e séria pesquisa de composições plásticas em superfície que o auxiliou a simplificar seu estilo e dar vida às suas idéias. E criou formas, movimentos, proporções. E beleza.

O calor humano está expresso na sua obra, plena e autêntica.

Luiz Costa, forte personalidade artística, comunica-se com o espectador, oferecendo oportunidade para uma interpretação pessoal.

OTILIA DELCI CANELLA

## ANEXO U3 – Apresentação de Exposição – Fotografia

### ANEXO II

#### Dados Biográficos:

- Nasceu em 1955, sob o signo de Aquário, em Belo Horizonte (MG).
- Estudou Física na Universidade Federal de Minas Gerais, entre 1973/74.
- Estuda, atualmente, na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.
- Trabalha profissionalmente com fotografia há um ano, em publicidade e fotojornalismo, como free-lancer.

#### Curriculum:

- Participou da II Feira Audio-Visual de Belo Horizonte, no período de Out./Nov. de 1974.
- Classificado para o VI Salão Nacional de Artes Plásticas da Prefeitura de Belo Horizonte (Jan./Fev./75), com o trabalho "Ciclo Vital".
- Classificado, também, para o III Salão Global de Inverno, com os trabalhos "Marília I, II e III".
- Participou do I Salão de Arte Universitária de São Paulo (Set. de 1975).



### FOTOGRAFIA

Eduardo José de Carvalho

Galeria de Arte da Reitoria

24 de Novembro a 5 de Dezembro 1974

Florianópolis,

Santa Catarina

□ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA □ SUB-REITORIA DE ASSISTÊNCIA E ORIENTAÇÃO AO ESTUDANTE □ DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA E ORIENTAÇÃO AO ESTUDANTE □ SETOR DE MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS □ SUB-SETOR FOTOGRAFIA

### APRESENTAÇÃO

O Artista fotografou	Gênese
A luz	Mulher
A vida	A harmonia das formas
O princípio	Os contrastes de luz e sombra
O fim	Depois ...
Natureza	A consciência do homem
Cidade	Atitude reflexiva
Amor	Indagação
Fantasia	Domínio da técnica
Realidade	Sensibilidade
Dor	Transcendência visual
Paz	A sublimação da matéria
Alegria	O belo
Tristeza	A expressão

A mensagem de: Eduardo José de Carvalho  
que ao Setor de Manifestações Artísticas tem a honra de apresentar.

#### RELAÇÃO DAS OBRAS:

1. Ciclo Vital: a) A Gênese  
b) Intermezzo I: Ruptura  
c) Descoberta I  
d) Fuga e Descoberta II  
e) Intermezzo II  
f) O fim
2. Marília I
3. Marília IV
4. Open Road
5. Natureza I
6. Natureza II
7. Natureza III
8. Fashion
9. Paisagem I
10. Paisagem II

### ANEXO I

#### da Emoção ...

Não há um momento  
Não há momentos  
Tudo se resume numa eterna continuidade descontínua  
Os Claros e Escuros se interpõem, se sobrepõem  
formando a complexidade de Formas  
que compõem a nossa Realidade  
A irrealidade de se extrair deste emaranhado  
as linhas que retratam  
Minha realidade Particular  
constitue a minha fotografia  
Uma Arte Mágica

*"misticismo mágico, mágica arte:  
a busca da Ciência de todas as Coisas  
situada ao Nível Individual"*

#### da Razão ...

"Minhas fotos retratam, antes de mais nada, um ato de reflexão perante uma imagem, real ou não. Esta imagem é então registrada numa película 'sensibilizada' e finalmente reproduzida. O resultado material deste processo, é obtido através de tecnicismos específicos de fácil aprendizagem".

#### do Momento ...

"Arte é o reflexo de uma Cultura, gerada pela Sociedade onde a cultura se situa, e exprimida por um indivíduo ou Grupo desta sociedade".

"Mágico é tudo que foge parcial ou totalmente à nossa Compreensão".

## ANEXO U4 – Apresentação de Exposição – Gelci

### RELAÇÃO DOS TRABALHOS

- |   |   |
|---|---|
| 1 – Homenagem à Deusa Angústia            | 19 – ... Depois o Aconhego não será tão áspero... |
| 2 – Desespêro                             | 20 – Véspera da Traição                           |
| 3 – Delírio do dia 12 de setembro de 1970 | 21 – Festa no Campo das Almas...                  |
| 4 – Insatisfação                          | 22 – Eli Eli Lama Sabactani                       |
| 5 – Libertação                            | 23 – Teu Corpo Alimento das Gerações              |
| 6 – Súplica                               | 24 – O Vômito                                     |
| 7 – Rainha das Profundezas do Mistério... | 25 – ... Depois a Eterna Liberdade                |
| – A Procura da Verdade                    | 26 – Ofertório ao Deus das Trevas                 |
| 9 – Visão do Apocalipse                   | 27 – Sedimentação Movediça da Sociedade           |
| 10 – Noite Envolta...                     | 28 – Talvez, o Encontro da Verdade                |
| 11 – Transformação                        | 29 – Alma Marinha                                 |
| 12 – Transparência da Verdade             | 30 – A Injustiça                                  |
| 13 – Ascensão                             | 31 – Tua Forma – Tua Glória                       |
| 14 – Inconsciência                        | 32 – Tragédia: Ato I – Antes da Fuga              |
| 15 – A Vergonha                           | 33 – Tragédia: Ato II – A Fuga                    |
| 16 – Ofertório                            | Gelei José Coelho                                 |
| 17 – Elevação                             |   |
| 18 – A Humanidade                         |   |

Todo jovem artista exprime novas idéias numa linguagem nova motivo porque deve ser avaliado sob a luz de suas circunstâncias, sob a luz de sua época.

Grato nos é o momento de apresentar ao público o jovem artista Gelci Coelho.

Acompanhamos com entusiasmo a evolução artística deste jovem talentoso possuidor de uma capacidade expressiva veemente.

Em seu teor significativo, sua obra emerge de um mundo misterioso, profundo e sentimental.

Com tendências ao surrealismo, acentuando-se para um surrealismo fantástico nos últimos trabalhos, deforma as imagens da realidade para expressar idéias e emoções.

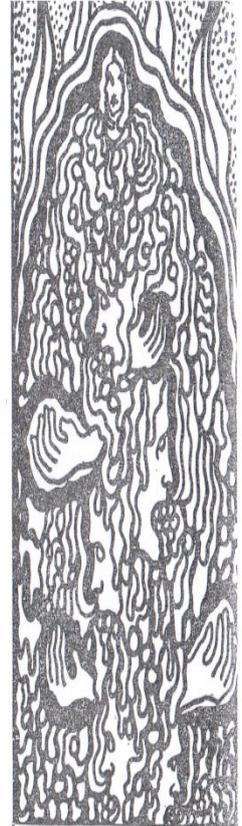
Cria imagens oblongas espiritualistas e contemplativas. Elimina as cores para expressar a sensibilidade pura. Seus desenhos são cheios de lirismo ~~pleno~~ em que o movimento das linhas e a dramática é o ponto de partida.

Linhas angustiantes num grito de protesto contra o erotismo; linhas suaves, envolventes, como se quisesse sublimar o sofrimento; linhas numa sinfonia de ritmos percorrendo longos caminhos, atravessando os perigos que bordam as margens, prosseguindo em busca de uma auto-realização, em busca da beleza e da verdade convergindo para o tema dominante o que mais o impressiona – Cristo.

Sendo a sua temática de cunho subjetivo a interpretação no, plano objetivo é condicionada pela visão pessoal de cada espectador.

Numa análise estética de suas obras podemos dizer que as palavras do poeta romântico John Keat "Beleza é a verdade e verdade é beleza", sintetizam o que Gelci procura expressar.

DELICI CANELLA



# GELCI

## ANEXO U5 – Apresentação de Exposição – UFSC – CEB

### Departamento de Artes



UFSC CEB  
**DEPARTAMENTO DE ARTES**  
 DEPTO. DE LINGUA E LITERATURA VERNACULAS  
 DIRETÓRIO ACADEMICO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO □ EXPOSIÇÃO DE DESENHO ARTÍSTICO II

#### APRESENTAÇÃO

Se a criação artística responde a uma condição inerente ao homem, como tal, deve ser proporcionada a todos os jovens universitários a possibilidade de apurar a sensibilidade artística.

A par do jovem que procura dominar a natureza pela ciência, precisamos cuidar do jovem que transcende a natureza pela arte.

A dedicação, o trabalho sincero e perseverante, aliados ao esforço dos nossos alunos não poderiam passar despercebidos.

Em meio aos múltiplos compromissos com o estudo de outras disciplinas, estes alunos alcançaram produzir algo para expor, não como obra de arte, mas pelo desejo de expressar o que lhes vai no íntimo: o anseio do Belo, na esperança de serem compreendidos em sua comunicação plástica, à espera da crítica que incentiva e constrói.

Esta mostra é o prenúncio de um futuro curso de Artes Plásticas em nossa Universidade.

Com uma disciplina e optativa (Desenho Artístico I e II), em apenas 60 aulas, já se percebe tendências impressionistas, surrealistas, abstratas (formais e informais), figurativas, fovistas e tachistas.

Com a sensibilidade, que todos temos, vamos encontrar nos trabalhos expostos formas, cores, matérias, temáticas que falam, suplicam e gritam.

Encontraremos, igualmente a alegria e a tristeza, a impetuosidade e a paz, o amor e a revolta, a felicidade e o sofrimento, a angústia e a solidão, a integridade e a desintegração orgânica.

É a voz dos jovens na busca do Belo, da verdade, da vida interior; mas se o Belo não se faz sentir na sua plenitude, o anseio do Belo aí está numa linguagem simples e universal. Simples por ser absoluta e por ser universal: a la no ser; no Ser que sente, compreende e aceita.

Se, no dizer de Paul Valery "houve alguém que podia olhar o mesmo espetáculo ou o mesmo objeto ora como teoria, olhando um pintor e ora um naturalista, ora como um físico e outras vezes como um poeta e nenhum desses olhares foi superficial", a resposta aí está: um pedaço do íntimo de universitários, os matizes psíquicos, o anseio de crescimento, de realização; o jovem e a sua circunstância no tempo e no espaço, a expressão plástica conquistada em tão curto espaço de tempo, e que representa muito para os que procuram os caminhos do Belo, do Bem, do Humano.

Prof<sup>a</sup>. Otília Delci Canella

#### EXPOSITORES

#### Nº dos quadros

Vera Maria Bianchini	1, 2, 3
Marimar Silva	4, 5, 6
Eunice Maria Cevaerd	7, 8, 9
Mercedes Cunha	10
Neusa Maria Breda	11, 12, 13, 14
Salésio Manoel Bastos	15, 16, 17
Ellen Jane Grimm	18, 19, 20, 21
Angela Maria de O. Pedrneiras	22, 23, 24
Terezinha Belmira Cardoso	25, 26, 27
Margaret Bittencourt	28
Maria de Fátima Corbeta	29
Roselene Souza	30
Ondina Roselene Fortes	31, 32, 33
Lizete Contin	34, 35
Acyr Osmar de Oliveira	36, 37
Ecléia Gerlach	38, 39
Laura Gomes	40, 41, 42
Branca Maria Carlsson	43, 44, 45, 46
Alzira Correa	47
Maria Helena Silva Barcelos	48
Vera Stefane	49
Belinha Bonin dos Santos	50, 51, 52
Teima Monteiro de Souza	53, 54
Hélio Simas	55
Maria Salete Daros	56
Rosângela Amorim	57
Rosana França	58, 59
Adair Agenor da Silva	60, 61
Zafiria Sozeopoulos	62, 63
Maria Claudete Claumann	64, 65
Marilda dos Reis Bellaguarda	66, 67
Eloi Girardi	68
Felício Wessling Margotti	69
Maria Gedorvia Borges	70
Sueli Patzsch	71, 72, 73
Maria de Fátima Albani	74, 75
Regina Maria Beller	76, 77
Edivaldo Euclides Souza	78, 79
Margareth Balsini Genovez	80, 81
Sueli Dutra	82, 83, 84

## ANEXO U6 – Apresentação de Exposição

### A P R E S E N T A Ç Ã O

Se a Arte é manifestação interior, o estudo da composição plástica, tendo como base a linguagem das formas e das cores, é um estímulo à criatividade, à recreação, ao aprimoramento cultural, à compreensão da Arte.

A pesquisa de materiais oferece ao aluno, oportunidade de descobrir e aprimorar a técnica, conseqüentemente o estilo, inerente à individualidade expressiva e absoluta. Os trabalhos expostos foram selecionados pelas alunas de Artes e Comunicação, turma 251, após debate e avaliação em grupo, oferecendo-se aos mesmos a oportunidade de / estimular o senso crítico.

Pretendemos manter neste saguão exposições permanentes' alternando os trabalhos, sempre que nos for possível para trazer ao público, especialmente aos universitários, o conteúdo programático da disciplina, Desenho Artístico

Otília Dalci Canella

**ANEXO U7 – Apresentação de Exposição – Susana Scoss Bianchini**A P R E S E N T A Ç Ã O

Susana Scoss Bianchini, artista catarinense, nos apresenta uma mostra de pintura em estilo clássico realista, que atuado por sua sensibilidade lhe dá uma conotação peculiar.

Apresentar a obra de Susana Scoss Bianchini é sentir a paisagem de São Joaquim, o seu esplendor natural, fluente na monocromia do azul das serras, dos campos verdes que contrastam dentro das manhãs frias ou ensolaradas, das tardes cinzentas ou róseas, elementos estes que fornecem à artista a fonte de inspiração e a matéria prima, mas não o produto da criação artística. Não a cópia da natureza, mas o sentimento e a interpretação.

Susana Scoss Bianchini expressa a imagem de sua terra numa obra impregnada de atmosfera dourada, lirismo e musicalidade.

Há um sentido poético e humano na sua obra. O amor pela natureza, pelo cotidiano, a vida, o povo estão expressos em " Os Lavradores ", " Moça do Parque ", " O Menino e o Cão ", " Vila dos Pescadores ".

Sente-se muita ternura nas " Manhãs de Primavera ", nos " Pinheirais Junto ao Rio ", no " Velho Pinheiro ", como há melancolia na " Solidão ao Entardecer " e há esperança no " No vo dia que Surge ".

No trabalho perseverante, a consagração da artista.

Na quietude da paisagem, a paz.

Na ternura e na beleza, o deleite espiritual.

Otília Delci Canella

## ANEXO U8 – Apresentação 1ª Coletiva de Artes Plásticas

O Programa PRÓ-ARTE, da Seção de Atividades Artísticas, tem o prazer de apresentar, na 1ª COLETIVA DE ARTES PLÁSTICAS,

- Aneliza Amaral Chierighini
- Carmen Lúcia Fossari
- José Pio Mattos
- José Carlos Carvalho de Lima
- Margarett Siqueira de Mattos
- Maria da Graça Leite
- Maria das Dores Pereira
- Nicolau <sup>Marques Junior</sup> ~~Marques Filho~~
- Neri Resul Pereira
- Rosa Maria Pereira
- Tânia Regina de Souza
- Wanda Rosa del Corso
- Timótheo Poeta Filho

Florianópolis, 01/06/77.

### A P R E S E N T A Ç Ã O

Esta Mostra tem como objetivo prestigiar os universitários que se iniciam nas Artes Plásticas e desejam expor seus trabalhos para ouvir a opinião do público.

Idéias e emoções são concretizadas, formas e cores recriadas num anseio de expressão artística. A gênese de uma idéia, onde uma emoção surge, às vezes, vacilante, mas a autenticidade dos jovens se faz sentir na sinceridade das expressões.

Com traços tímidos ou precisos, com cores suaves ou exuberantes, buscam uma definição: o desejo de encontro consigo mesmos e com a arte.

O expositor, Nicolau <sup>Marques Junior</sup> ~~Marques Filho~~, acadêmico de medicina, é autodidata. A paisagem é a sua temática.

Carmen Lúcia Fossari, acadêmica em Letras, volta-se para a figura humana e nela expressa o valor humano que traz dentro de si.

José Pio Mattos, acadêmico de Letras, na busca da essência das formas, encontra a beleza no abstracionismo. Para José Pio "a arte é uma exteriorização, um prolongamento pessoal".

Maria da Graça Leite, usa um colorido exuberante, fase intermediária entre o figu-

rativismo e o abstracionismo.

Há poesia nas formas e cores, nos azuis suaves, nos verdes velados, envolvendo a figura humana, nos desenhos a pastel de Wanda Rosa del Corso.

Margarett Siqueira de Mattos, prefere a escala das emoções na escala monocromática da vida, jogando com as cores em nuances de rosa.

Neri Resul Pereira decompõe a figura humana e usa cores suaves.

Rosa Maria Pereira ilustra os temas com: debaixo das rodas de Hermann Hesse, com pastel oleoso.

Tânia Regina de Souza da Silva, na abstração das formas, superpõe a cera, dando ênfase ao colorido.

José Carlos Carvalho Lima, metódico e organizado, estiliza os girassóis com a força de sua emoção.

Timótheo Poeta Filho, num jogo de linhas dinâmicas, demonstra sua tendência surrealista.

Profª. Otília Delci Canella  
Coord. do Programa PRÓ-ARTE.

1ª  
COLETIVA  
DE  
ARTES  
PLÁSTICAS

- JUNHO DE 1977 -

Universidade Federal de Santa Catarina  
Sub-Reitoria de Assist. Orient. ao Estudante  
Departamento de Assuntos Estudantis  
Divisão de Atividades Estudantis  
SEÇÃO DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS

**ANEXO U9 – Mostra de Arte Alunos da 1ª Fase de Artes e Comunicações**

Esta mostra é o resultado do primeiro trabalho, realizado em aula, por alunos da 1ª fase de Artes e Comunicações.

Precisamos estimular as manifestações artísticas, entre os alunos que nos chegam temerosos quanto aos meios de expressão plástica, mas, com um desejo veemente de se descobrirem em suas tendências, de externarem idéias e emoções e, especialmente, em demonstrarem a capacidade artística, a qual, por falta de oportunidade, nos estudos anteriores, permaneceu tolhida.

Muitos são os momentos de indecisão.

O aluno pára diante das tintas, do papel e espera o fluir do pensamento e da emoção.

Pensa, sente, mostra-se ansioso por se comunicar.

Às vezes, a expressão plástica não toma forma, outras, a transcedência visual, o sentimento, as idéias são expressas em palavras ou versos.

E, então, a expressão literária sobrepõe-se a expressão plástica seja qual for o veículo de comunicação, é preciso, se ofereça ao aluno a oportunidade de manifestar sua sensibilidade artística e sua criatividade.

novembro de 1975 -



OTÍLIA DELCI CANELLA

OTÍLIA DELCI CANELLA

**ANEXO V – Universidade Federal de Santa Catarina**  
**Portarias de 18 de Setembro de 1991**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE - CAIXA POSTAL 476  
 CEP. 88049 - FLÓRIANÓPOLIS - SANTA CATARINA  
 TEL. (0482) - 33.1000 - TELEX: 0482 240

PORTARIAS DE 18 DE SETEMBRO DE 1991

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições, RESOLVE:

Nº 1181 /GR/91 - CONCEDER APOSENTADORIA a AMAURY CELSO HINTZ, no cargo de Professor de Ensino de I e II graus, classe E, referência IV, no regime de trabalho de dedicação exclusiva da Carreira do Magistério de I e II Graus da Universidade Federal de Santa Catarina, nos termos do artigo 40, inciso III, alínea "c", da Constituição Federal, c/c o artigo 186, inciso III, alínea "c", da Lei 8.112 de 11 de dezembro de 1990, com proventos proporcionais a 33/35 (trinta e três, trinta e cinco avos) incorporando 17% (dezesete por cento) de adicional por tempo de serviço, assegurando a gratificação de 10% (dez por cento) prevista no artigo 31, parágrafo 4º, letra "b" do PUCRCE, aprovado pelo Decreto nº 94.664, de 23 de julho de 1987 e a vantagem do artigo 193 da Lei 8.112 de 11 de dezembro de 1990. Processo nº 23080.002822/91-15.

Nº 1182 /GR/91 - CONCEDER APOSENTADORIA a OTÍLIA DELCI CANELLA, no cargo de Professor Adjunto IV, no regime de trabalho de dedicação exclusiva da Carreira do Magistério Superior da Universidade Federal de Santa Catarina, nos termos do artigo 40, inciso III, alínea "b", combinado com o artigo 186, inciso III, alínea "b", da Lei 8.112 de 11 de dezembro de 1990, com proventos integrais, incorporando 24% (vinte e quatro por cento) de adicional por tempo de serviço e a vantagem do artigo 192, inciso I, da Lei 8.112 de 11 de dezembro de 1990. Processo nº 23080.004006/91-65.

Nº 1183 /GR/91 - CONCEDER APOSENTADORIA a MERIELL GOULART, no cargo de Bibliotecária/Documentista, grupo NS, sub-grupo 03, nível 23, da Carreira Técnico Administrativa da Universidade Federal de Santa Catarina, nos termos do artigo 40, inciso III, alínea "a", c/c o artigo 186, inciso III, alínea "a", da Lei nº 8.112 de 11 de dezembro de 1990, com proventos integrais, incorporando 24% (vinte e quatro por cento) de adicional por tempo de serviço e a vantagem do artigo 192, inciso II, da Lei nº 8.112 de 11 de dezembro de 1990. Proc. nº 23080.003713/91.15.

Prof. Bruno Rodolfo Schlemper Júnior

PUBLIQUE-SE

*[Assinatura]*  
 T. Torres  
 Diretora do Depto. de Pessoal  
 UFSC

**ANEXO X – Universidade Federal de Santa Catarina – Gabinete do Reitor**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
GABINETE DO REITOR

Florianópolis, 27 de setembro de 1991.

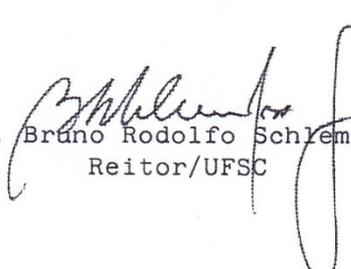
Ilmo. Sr.  
OTILIA DELCI CANELLA  
DEPTO DE ARTES/CCE  
Universidade Federal de Santa Catarina  
NESTA

Neste momento em que V.Sa. se despede da Universidade Federal de Santa Catarina para o merecido benefício da aposentadoria, na qualidade de Reitor desta Instituição tenho imenso prazer em lhe apresentar os meus cumprimentos e os agradecimentos de toda a Comunidade Universitária.

A Universidade Federal de Santa Catarina é o resultado dos esforços de seus servidores - Docentes e Técnico-Administrativos - portanto nesta oportunidade em que a Instituição completa seus 30 anos de serviços prestados à comunidade, V.Sa. deve sentir-se orgulhosa de ter para ela contribuído durante tantos anos.

Felicidades em suas atividades futuras.

Cordialmente,

  
Prof. Bruno Rodolfo Schlemper Junior  
Reitor/UFSC

**ANEXO W – Ofício ao Magnífico Reitor da Universidade Federal de Santa  
Catarina – UFSC**

Florianópolis, 23 de outubro de 1991

Ao:

Magnífico Reitor

Prof. Bruno Rodolfo Schlemper Junior

NESTA

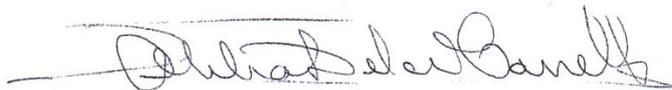
Ao Magnífico Reitor, Professor Bruno Rodolfo Schlemper Júnior, sensibilizada, agradeço os cumprimentos enviados por ocasião de minha aposentadoria.

Permita-me, nesta oportunidade, expressar a Vossa Magnificência, e a toda Comunidade Universitária, os meus agradecimentos pelo apoio e colaboração que obtive nestes longos anos.

Nesta Instituição vivenciei um trabalho feliz, belo e gratificante. Sinto, levarei, pelo tempo em fora, em suave lembrança, a ternura de tudo que ficou.

Formulo votos para o constante êxito desta Universidade.

Cordialmente,



Otilia Delci Canella

**ANEXO Y – Declaração de participação como organizadora da exposição - A casa como museu de arte: relíquias da professora Otília Délci Canella**



**DECLARAÇÃO**

Declaro, para os devidos fins, que o X Seminário de Iniciação Científica e o II Salão de Extensão da UNESC, realizados nos dias 18 a 22 de outubro de 2010 abrigaram a exposição "**A casa como museu de arte: relíquias da professora Otília Délci Canella**", do GRUPEHME - Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação, apresentada na *1ª Semana de Ciência & Tecnologia*, tendo como organizadoras da exposição as Profª Drª Giani Rabelo, Profª Drª Marli de Oliveira Costa, a Mestranda Maria Dolores Denski e as bolsistas Cíntia Gonçalves Martins e Mariane Rocha Niehues.

Criciúma, SC, 15 de fevereiro de 2011.



**Prof. Dr. Ricardo Aurino de Pinho**  
Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão.